

UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARANÁ

FERNANDO PINTO DE MÉLO

JOVENS, CIDADE E PERTENCIMENTO: UMA PRÁTICA DE RECONHECIMENTO

CURITIBA

2024

FERNANDO PINTO DE MÉLO

JOVENS, CIDADE E PERTENCIMENTO: UMA PRÁTICA DE RECONHECIMENTO

Dissertação apresentada ao curso de Pós-Graduação do Mestrado Profissional de Sociologia em Rede Nacional, Setor de Ciências Humanas, da Universidade Federal do Paraná, como requisito parcial à obtenção do título de Mestre em Sociologia.

Orientadora: Profª. Doutora Maria Tarcisa Silva Bega

Coorientador: Profº. Doutor Luiz Belmiro Teixeira

CURITIBA

2024

DADOS INTERNACIONAIS DE CATALOGAÇÃO NA PUBLICAÇÃO (CIP)
UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARANÁ
SISTEMA DE BIBLIOTECAS – BIBLIOTECA DE CIÊNCIAS HUMANAS

Mélo, Fernando Pinto de
Jovens, cidade e pertencimento: uma prática de
reconhecimento. / Fernando Pinto de Mélo. – Curitiba, 2024.
1 recurso on-line : PDF.

Dissertação (Mestrado) – Universidade Federal do Paraná,
Setor de Ciências Humanas, Programa de Pós-Graduação em
Sociologia em Rede Nacional.

Orientadora: Profª. Drª. Maria Tarcisa Silva Bega
Coorientador: Prof. Dr. Luiz Belmiro Teixeira

1. Juventude. 2. Sociologia – estudo e ensino. 3. Cidade.
I. Bega, Maria Tarcisa Silva. II Teixeira, Luiz Belmiro. III.
Universidade Federal do Paraná. Programa de Pós-Graduação em
Sociologia em Rede Nacional. IV. Título.



MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO
SETOR DE CIÊNCIAS HUMANAS
UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARANÁ
PRÓ-REITORIA DE PESQUISA E PÓS-GRADUAÇÃO
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO SOCIOLOGIA EM REDE
NACIONAL - 25016016039P8

TERMO DE APROVAÇÃO

Os membros da Banca Examinadora designada pelo Colegiado do Programa de Pós-Graduação SOCIOLOGIA EM REDE NACIONAL da Universidade Federal do Paraná foram convocados para realizar a arguição da Dissertação de Mestrado de **FERNANDO PINTO DE MÉLO** intitulada: **Jovens, cidade e pertencimento: uma prática de reconhecimento**, sob orientação da Profa. Dra. MARIA TARCISA SILVA BEGA, que após terem inquirido o aluno e realizada a avaliação do trabalho, são de parecer pela sua APROVAÇÃO no rito de defesa.

A outorga do título de mestre está sujeita à homologação pelo colegiado, ao atendimento de todas as indicações e correções solicitadas pela banca e ao pleno atendimento das demandas regimentais do Programa de Pós-Graduação.

Curitiba, 07 de Junho de 2024.

Assinatura Eletrônica
07/06/2024 15:30:00.0
MARIA TARCISA SILVA BEGA
Presidente da Banca Examinadora

Assinatura Eletrônica
10/06/2024 10:54:19.0
VALÉRIA FLORIANO MACHADO
Avaliador Interno (UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARANÁ)

Assinatura Eletrônica
07/06/2024 13:36:21.0
ANTONIO MARCIO HALISKI
Avaliador Externo (UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARANÁ - SETOR LITORAL)

Assinatura Eletrônica
10/06/2024 16:58:33.0
LUIZ BELMIRO TEIXEIRA
Coorientador(a) (INSTITUTO FEDERAL DE EDUC., CIÉNCIA E TECNOLOGIA DO PARANÁ)

AGRADECIMENTOS

Agradeço a meus pais, Jonas Pinto de Mélo e Célia Aparecida de Mélo, que me educaram e me incentivaram sempre nos estudos, sempre me apoiando e ajudando como podiam. À minha irmã, Angela Cristina de Mélo, pelo apoio e paciência, sempre me incentivando e me apoiando.

Ao meu importante amigo Eduardo Santana Valli, que com seu incentivo e insistência fez com que eu fizesse a inscrição para o processo seletivo do PROFSOCIO.

Ao meu namorado Cesar Alves de Meira Filho, por sua parceria em todos os momentos, seu incentivo, sua compreensão, sua paciência e seus calorosos abraços foram importantes nessa jornada.

Também agradeço aos meus colegas de profissão que me ajudaram com conversas instigantes que foram de grande ajuda.

Aos meus queridos amigos Ricardo, Fernanda e Diogo, pela compreensão de minhas ausências e pelas palavras de incentivo e carinho.

Agradeço especialmente à minha orientadora Professora Doutora Maria Tarcisa Silva Bega, pelas orientações, conselhos, paciência e compreensão. Também agradeço ao meu coorientador Professor doutor Luiz Belmiro Teixeira, pelas dicas e orientações. Ambos foram muito importantes para a realização deste trabalho.

Agradeço também aos meus ex-alunos e atuais alunos, pois são importantes no meu processo de formação contínua como professor.

Agradeço também aos professores do PROFSOCIO da UFPR, que foram fundamentais na elaboração e construção deste projeto, trazendo temas, discussões e dicas relevantes que contribuíram de forma significativa.

RESUMO

Este trabalho tem por objetivo contribuir para o desenvolvimento do ensino da Sociologia como componente curricular do Ensino Médio. Utilizando o instrumento da intervenção pedagógica em um Colégio Estadual no município de Piraquara-PR, foi proposto ensinar a Sociologia partindo da percepção dos estudantes, utilizando a cidade como instrumento de estudo e didático. Compreendendo as dificuldades do ensino nos dias atuais e percebendo como a educação formal, em especial o ensino da Sociologia parece distante aos estudantes, a proposta foi buscar uma alternativa para aproximar os conteúdos teóricos com a vivência e experiência desses jovens. Para isso é preciso compreender que as juventudes são experienciadas de formas diferentes de acordo com os marcadores sociais dos quais esses jovens pertencem, o que também contribui para como esses mesmos jovens olham a cidade em que vivem e os sentimentos que nutrem por ela. Para compreender esses sentimentos foi utilizado como estratégia os mapas afetivos que proporcionam um entendimento do sentimento de pertencimento desses jovens pelos espaços que ocupam. Para a intervenção pedagógica foi trabalhado com a temática prevista sobre cidadania, estimulando assim os estudantes a pensarem a cidade e sua participação cidadã nesse espaço. A intervenção proporcionou também uma reflexão sobre a relação dos jovens sobre os espaços físicos e virtuais, que possibilitam que estejam em vários lugares (de forma virtual) ao mesmo tempo.

Palavra-chave: Juventude, Sociologia, Cidade, Cidadania.

ABSTRACT

This work aims to contribute to the development of Sociology teaching as a curricular component of High School education. Using the instrument of pedagogical intervention in a State School in the municipality of Piraquara-PR, it was proposed to teach Sociology starting from the students' perception, using the city as a study and didactic instrument. Understanding the difficulties of teaching today and perceiving how formal education, especially the teaching of Sociology, seems distant to students, the proposal was to seek an alternative to bring theoretical content closer to the lives and experiences of these young people. To do this, it is necessary to understand that youth are experienced differently according to the social markers to which these young people belong, which also contributes to how these same young people view the city they live in and the feelings they nurture for it. To understand these feelings, affective maps were used as a strategy, providing an understanding of the sense of belonging these young people have towards the spaces they occupy. For the pedagogical intervention, the theme of citizenship was addressed, thus encouraging students to think about the city and their civic participation in this space. The intervention also provided a reflection on the relationship between young people and physical and virtual spaces, allowing them to be in multiple places (virtually) at the same time.

Keywords: Youth, Sociology, City, Citizenship.

LISTA DE FIGURAS

FIGURA 1: Colégio Estadual Professor Iedo Néspolo.....	34
FIGURA 2: Mapa individual produzido pelos estudantes.....	45
FIGURA 3: Materiais produzidos pelos estudantes.....	53
FIGURA 4: Qual lugar você mais gosta em Piraquara?.....	58
FIGURA 5: Onde encontram os amigos?.....	58
FIGURA 6: Qual mercado vai quando precisa comprar algo?.....	59
FIGURA 7: Qual espaço religioso frequenta?.....	60
FIGURA 8: Qual lugar da cidade você nunca foi, mas tem vontade de ir?.....	60
FIGURA 9: Qual lugar você considera mais importante para cidade?.....	61
FIGURA 10: Qual lugar você não gostaria de ir?.....	61
FIGURA 11: O que Piraquara tem de importante?.....	62
FIGURA 12: Material feito pelos estudantes.....	63
FIGURA 13: O que precisa ter em uma cidade?.....	69
FIGURA 14: Atividade 1.....	72
FIGURA 15: Atividade 2.....	73
FIGURA 16: Atividade 3.....	73
FIGURA 17: Atividade 4.....	74

LISTAS DE TABELAS

TABELA 1: Índice de Desenvolvimento Humano (IDHM) de Piraquara.....	31
TABELA 2: População e Índice de Vulnerabilidade Social (IVS), geral e por componente das Unidades de Desenvolvimento Humano (UDHs) do município de Piraquara - 2010.....	32
TABELA 3: Você gosta de Piraquara?.....	48
TABELA 4: O que mais gosta e o que não gosta em Piraquara?.....	49
TABELA 5: Lugares que se sentem bem e lugares que não se sentem bem.....	50

LISTAS DE MAPAS

MAPA 1: Mapa do Estado do Paraná e localização do município de Piraquara.....	27
MAPA 2: Localização de Piraquara ao norte da Região Metropolitana de Curitiba...	28
MAPA 3: Mapa de Zoneamento de Piraquara.....	30

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

- ALEP - Assembleia Legislativa do Paraná
APA - Área de Proteção Ambiental de Piraquara
BNCC - Base Nacional Comum Curricular
CadÚnico - Cadastro Único
CEEBJA - Centro de Educação para Jovens e Adultos
CEU - Centro de arte e esporte unificado
EJA - Educação de Jovens e Adultos
FGB - Formação Geral Básica
IBGE - Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística
IDHM - Índice de Desenvolvimento Humano Municipal
IF - Itinerário Formativo
IPARDES - Instituto Paranaense de Desenvolvimento Econômico e Social
IPEA - Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada
IVS - Índice de Vulnerabilidade Social
PPP - Projeto Político Pedagógico
PROFSOCIO - Programa de Mestrado Profissional em Sociologia
UDHs - Unidades de Desenvolvimento Humano
UNESCO - Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura
UPA - Unidade de Pronto Atendimento

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO.....	13
2. ASPECTOS METODOLÓGICOS E TEÓRICOS DA INTERVENÇÃO PEDAGÓGICA.....	20
2.1 FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA.....	24
3. CIDADE: UM ESPAÇO PARA PENSAR E ENSINAR A SOCIOLOGIA.....	29
3.1 PIRAUARA E O COLÉGIO PROFESSOR IEDO NÉSPOLO.....	33
3.2 COLÉGIO ESTADUAL PROFESSOR IEDO NÉSPOLO.....	39
4. CONCEPÇÕES SOBRE JUVENTUDES.....	41
4.1 UM CONCEITO DE JUVENTUDE.....	44
4.2 JUVENTUDE, ESCOLA E SOCIALIZAÇÃO.....	45
5. INTERVENÇÃO PEDAGÓGICA: UMA PERCEPÇÃO DA CIDADANIA E DO DIREITO À CIDADE.....	49
5.1 A PERCEPÇÃO DOS ESTUDANTES SOBRE PIRAUARA.....	50
5.2 REFLEXÕES SOBRE A INTERVENÇÃO PEDAGÓGICA.....	84
6. CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	88
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....	91
ANEXOS.....	95

1. INTRODUÇÃO

A Sociologia, como componente curricular, desafia os estudantes a compreenderem e analisarem a complexidade das relações sociais em nossa sociedade, que está em constante transformação. No entanto, muitas vezes, a abordagem tradicional¹ do ensino não estimula os estudantes a aplicarem esses conhecimento teóricos em seu cotidiano, resultando em uma desconexão entre teoria e prática. Diante desse cenário, surge a necessidade de repensar as estratégias pedagógicas, buscando formas inovadoras de engajar os estudantes e promover um pensamento crítico em relação à sua realidade econômica, social, política e cultural.

Esse trabalho surge de uma inquietação enquanto professor de sociologia, na qual percebia que os estudantes não se sentiam pertencentes ao espaço escolar, embora saibam da importância desse espaço, a escola não parecia fazer sentido a eles, e essa noção de não pertencimento se expandia para a localidade em que a escola estava inserida. Surgindo assim o seguinte questionamento: será que essa falta de sentimento de pertença por esses espaços seria um impedimento para gerar nesses estudantes uma reflexão sobre a realidade social em que estão inseridos?

Para exemplificar, um estudante do período noturno de uma escola pública do município de Piraquara, buscou argumentar em uma aula que os trabalhadores estariam melhor sem direitos trabalhistas, alegando que esses direitos geram trabalhadores menos produtivos e que também sem direitos trabalhistas teríamos mais empregos. Essa fala do estudante me deixou espantado e reflexivo, pois o discurso desse jovem não estava condizente com a realidade social na qual está inserido. O que me levou a um outro questionamento: será que a Sociologia enquanto componente curricular está cumprindo seu objetivo em trazer reflexões e criticidade aos estudantes? Será que esses jovens estão conseguindo aplicar as teorias apresentadas pela Sociologia?

Partindo desses questionamentos, este trabalho propõe uma intervenção pedagógica que visa explorar a cidade como um espaço de aprendizagem significativo para os estudantes, incentivando a reflexão sobre sua própria vivência e

¹ Na abordagem tradicional costuma ser mais centrada no teórico e na transmissão de conceitos básicos, envolvendo a apresentação de teorias sociológicas clássicas, como as de Émile Durkheim, Max Weber e Karl Marx.

os espaços que ocupam. Ao utilizar a sociologia como ferramenta analítica, os estudantes são convidados a pensar e repensar suas percepções sobre a cidade, cidadania e o direito à cidade, estimulando assim a construção de uma identidade social e o desenvolvimento de um olhar crítico à realidade que está inserido.

Esses jovens não entram no Ensino Médio sem conhecimento, ao longo de sua trajetória escolar e enquanto indivíduos, acumulam saberes e experiências, que contribuem para sua visão de mundo, a qual precisa ser respeitada segundo Paulo Freire (2008). Esta intervenção pedagógica propõe promover um diálogo interativo entre professor e alunos, fomentando a participação ativa na construção do conhecimento. Ensinando sociologia partindo do olhar que os estudantes já possuem sobre a sociedade em que vivem, utilizando como objeto de estudo a cidade em que moram.

Sendo assim, o produto final desse trabalho, visa uma intervenção pedagógica, buscando novos olhares e metodologias para o processo de ensino-aprendizagem dos estudantes. Acredita-se que o resultado dessa intervenção possa ser uma fonte de análise para pensar a juventude e suas relações com a cidade, assim como também, uma ferramenta para elaborar novos recursos para o Ensino da Sociologia que atinja os estudantes.

Para a implementação desta intervenção pedagógica foi selecionado o tema cidadania, presente no currículo do componente curricular de Sociologia, da 3^a série do Ensino Médio, a instituição escolhida foi o Colégio Estadual Professor Iedo Néspolo, localizado no município de Piraquara, área metropolitana de Curitiba, capital do Estado do Paraná.

Os objetivos desta intervenção são: primeiro, investigar a percepção dos estudantes sobre a cidade; em segundo lugar, cultivar um olhar reflexivo nos alunos sobre os espaços que ocupam; e por fim, demonstrar como a cidade pode ser utilizada como uma ferramenta eficaz para ensino da Sociologia.

A percepção de uma cidade varia significativamente de uma pessoa para outra, uma vez que está ligada ao sentimento de pertencimento que cada indivíduo desenvolve em relação ao local em que vive. A proposta de intervenção ocorrerá em cinco momento:

O primeiro momento consiste em investigar a percepção dos estudantes sobre a cidade de Piraquara, com o propósito de compreender como os estudantes veem e se relacionam com os espaços urbanos. Será realizada uma atividade que

envolve a construção de um mapa individual dos lugares frequentados pelos estudantes na cidade, bem como a expressão de seus sentimentos em relação a esses espaços. Por meio de três perguntas base: “Você gosta de Piraquara?”, “O que você mais gosta?” e “O que você não gosta?”, os estudantes serão estimulados a refletir sobre sua relação com a cidade em que vivem.

No segundo momento, será realizado duas atividades distintas, ambas com o intuito de explorar a percepção dos estudantes sobre os espaços urbanos e a importância de diferentes aspectos na construção de uma cidade. Neste momento os estudantes irão participar ativamente, espera-se que proporcione momentos de reflexão e interação coletiva. Na primeira atividade, os estudantes serão convidados a refletir sobre os espaços que ocupam na cidade de Piraquara, respondendo uma série de perguntas que abordará suas preferências em relação aos diversos locais da cidade, promovendo uma discussão entre os estudantes sobre os espaços urbanos. Na segunda atividade, os estudantes irão discutir e definir em grupo, o que consideram importante para uma cidade, podendo explorar suas opiniões sobre serviços públicos, questões políticas e sociais.

O terceiro momento será dedicado a uma aula expositiva sobre cidadania, sob a ótica do sociólogo britânico Thomas H. Marshall, que estabelece que a cidadania está ligada aos direitos civis, políticos e sociais. É importante salientar que as desigualdades sociais são obstáculos para a plena vivência da cidadania e que os espaços urbanos e públicos desempenham um papel fundamental na construção da cidadania.

No quarto momento o propósito será integrar os conhecimentos adquiridos na aula teórica do terceiro momento, com as atividades realizadas no segundo momento. O objetivo será analisar o que Piraquara oferece em termos de direitos civis, políticos e sociais, assim como, identificar as lacunas que impedem os cidadãos de exercerem plenamente sua cidadania. Os cartazes produzidos pelos estudantes serão expostos no quadro, em duas categorias: as respostas às perguntas sobre a cidade e as reflexões sobre o que uma cidade necessita para promover a cidadania. Esta disposição permitirá uma análise visual das informações trazidas pelos estudantes para uma avaliação sobre, se Piraquara atende às necessidades básicas de uma cidade. Ao final desse momento, será proposto uma atividade na qual os estudantes deverão escolher um lugar ou espaço da cidade que faz parte de sua rotina e realizar uma análise sobre ele, expressando suas

percepções e reflexões com base em todo o conhecimento e discussão que serão realizadas até esse momento.

O quinto momento será iniciado com uma discussão sobre as análises dos espaços selecionados pelos estudantes solicitado no quarto momento. Após essas reflexões, a aula se voltará para uma discussão sobre o direito à cidade, utilizando como recurso didático o curta-metragem “Valeu?”, que aborda temas como cidadania, democracia e direitos por meio de um estudo de caso sobre a revitalização do Porto Maravilha, no Rio de Janeiro. Para concluir o momento, será trazido para a discussão uma reportagem sobre o 5º Simpósio de Direito das Cidades: Desafios das Cidades Contemporâneas. Como forma de avaliação, os estudantes irão produzir um texto reflexivo intitulado; “Piraquara: cidade de quem, para quem?”. O texto servirá como forma final de avaliar o resultado da intervenção pedagógica.

Este trabalho justifica-se pela necessidade de compreender as transformações pelas quais as juventudes atravessam, como elas se relacionam com os espaços que ocupam e se apropriam dos conhecimentos teóricos trazidos pela Sociologia. Neste sentido, a estrutura deste trabalho se divide em seis capítulos dispostos da seguinte maneira: Introdução, na qual se estabelece os objetivos e as justificativas que motivaram a realização dessa intervenção. No segundo capítulo será abordado os aspectos metodológicos e teóricos, trazendo os principais autores que fundamentam essa pesquisa e intervenção pedagógica.

No terceiro capítulo será discutido como a cidade pode ser um espaço para ensinar a Sociologia, sendo ela não somente um objeto de pesquisa, mas também uma ferramenta metodológica para desenvolver nos estudantes um olhar crítico e reflexivo sobre a realidade que estão inseridos, fazendo com que tenham novos instrumentos teóricos-metodológicos para olhar e reproduzir a cidade que vivem. Neste capítulo também será apresentado o contexto histórico, social e econômico da cidade de Piraquara e do Colégio Estadual Professor Iedo Néspolo.

O quinto capítulo tem a intenção de discutir algumas concepções de juventudes, destacando que tal conceito tem uma grande variabilidade, de acordo com o tempo, espaço e marcador social a qual os jovens estão inseridos. O último e sexto capítulo apresentará a aplicação da intervenção pedagógica e os resultados obtidos com as discussões e produções dos estudantes. Apontando eventuais

situações durante o processo e a recepção dos estudantes diante os momentos propostos da intervenção.

Para uma melhor compreensão do processo de implementação pedagógica desse trabalho, é importante fazer uma contextualização do momento da educação e do componente curricular de Sociologia durante o processo. Em 16 de dezembro de 2020, ainda em plena pandemia do COVID-19, a Secretaria do Estado do Paraná lançou na Instrução Normativa Conjunta nº 011/2020, uma mudança da matriz curricular do Ensino Médio, na qual, os componentes curriculares de Artes, Filosofia e Sociologia perdem metade de sua carga horária, de duas aulas para uma aula por semana em cada série, abrindo espaço para aumento de carga horária de Português e Matemática e para implementação de Educação Financeira.

Os prejuízos que essa medida trouxe, foram bastante amplos, no que se refere a questão do aprendizado e para os profissionais desses componentes. No caso da Sociologia, o profissional teve que duplicar as turmas para poder manter a mesma carga horária, ou seja, antes uma carga horária de 20h equivalia a 7 turmas, com essa medida, o profissional precisa pegar 15 turmas, um profissional com carga horária de 40h saiu de 15 turmas para 30 turmas. Isso impacta diretamente na qualidade do ensino e das condições de trabalho desse profissional, que além de mais turmas, também ampliou as correções de atividade e provas e o número de escolas que trabalha, pois, são poucas as escolas que possuem tantas turmas de Ensino Médio.

O prejuízo para a aprendizagem do estudante se dá pela dificuldade de se aprofundar em temáticas e em textos mais teóricos, ou em análises críticas em apenas uma aula por semana, sendo que a hora-aula é de 50 minutos, e dentro desse tempo, é preciso fazer chamada e lançar conteúdos no sistema, pois é cobrado que se faça isso no momento da aula. O pouco tempo faz com que o professor tenha dificuldades em fazer com que o estudante compreenda a aplicabilidade do conhecimento sociológico, atendendo a proposta da LDB (Lei de Diretrizes e Bases) que estabelece em seu Art. 35 que o Ensino Médio tem a atribuição de “aprimoramento do educando como pessoa humana, incluindo a formação ética e o desenvolvimento da autonomia intelectual e do pensamento crítico”. (LDB, 1996)

Em 2022, um ano após a mudança da matriz curricular, começa a ser implementado, de forma gradual, o Novo Ensino Médio, que iniciou por meio da

Medida Provisória no governo Michael Temer e convertida na Lei 13.415/2017. O Novo Ensino Médio é composto por dois conjuntos de aprendizagens: a Formação Geral Básica (FGB) e os itinerários formativos, que ficaram a critério de escolha dos estudantes a partir da segunda série do Ensino Médio. No Estado do Paraná foi definido dois itinerários formativos: o de matemática e ciências da natureza (matemática, biologia, física, química) e o de linguagens e ciências humanas e sociais (português, língua estrangeira, educação física, artes, filosofia, sociologia, história e geografia). Ao se matricular na segunda série do Ensino Médio, o estudante precisa optar em qual dos dois itinerários formativos deseja seguir, essa escolha o privará dos componentes curriculares do itinerário não escolhido.

A matriz curricular que foi implementada, desobriga os componentes curriculares estarem presentes nas três séries do Ensino Médio, sendo obrigatório apenas Português e Matemática. Sociologia como FGB aparece apenas na segunda série com duas aulas e no itinerário formativo na terceira série como Sociologia I, cuja temática, chamada de Trilha de Aprendizagem, é Governo e Cidadania, porém, isso não significa que apenas professores de Sociologia possam assumir essa Trilha de aprendizagem, mas, qualquer professor da área de ciências humanas. Uma mudança que acarreta mais prejuízos à Sociologia, tornando-a mais vulnerável enquanto área de conhecimento relevante no contexto escolar e enfraquecendo a posição de seus profissionais.

Em 03 de julho de 2024, foi aprovado pela Assembleia Legislativa do Paraná (ALEP), em uma sessão plenária realizada de forma remota e em regime de urgência, o projeto de lei 345/2024, que cria o Programa Parceiros da Escola, esse projeto tem por finalidade passar a gestão administrativa e de infraestrutura das escolas estaduais para empresas parceiras, ou seja, privatização do ensino público. De acordo com a Projeto de Lei, os profissionais efetivos lotados nas instituições de ensino do Programa Parceiro da Escola permanecerão sob a gestão do diretor da rede e deverão atender a critérios e metas estabelecidos pelo parceiro contratado em conjunto com o diretor da rede, os professores contratados ficaram a critério da administração privada sob o regime CLT, o que não garante que será com o mesmo salário e condições de trabalho.

Essa intervenção pedagógica, abrangendo seu processo de planejamento, implementação e análise dos resultados, foi realizada em meio às adversidades e desafios enfrentados pela educação pública e pelo componente de Sociologia. Esse

cenário, marcado por um contexto caótico e de resistência constante, exige a reafirmação contínua da relevância da Sociologia no espaço escolar.

Espera-se que este trabalho seja compreendido como uma forma de resistência a tais adversidades, sendo capaz de proporcionar alternativas para o desenvolvimento do ensino de Sociologia, com o objetivo de fomentar nos estudantes uma postura crítica e analítica em relação à sociedade em que estão inseridos.

2. ASPECTOS METODOLÓGICOS E TEÓRICOS DA INTERVENÇÃO PEDAGÓGICA

A proposta deste trabalho surge de uma inquietação, na qual, a partir da vivência em sala de aula, observou-se uma dificuldade dos estudantes para aplicarem os conhecimentos teóricos desenvolvidos no componente curricular de Sociologia, em seu cotidiano. Portanto, essa pesquisa se propôs investigar como os jovens pensam e veem a cidade que estão inseridos através da vivência e dos espaços que ocupam, buscando assim, provocar os estudantes para o desenvolvimento crítico de sua realidade econômica, social, política e cultural. Assim como também, demonstrar que a cidade pode ser uma ferramenta metodológica para o estudo da sociologia.

Para a realização desse trabalho de conclusão do mestrado profissional em sociologia (PROFSOCIO), foi utilizado como campo metodológico a intervenção pedagógica, que “tem como finalidade contribuir para buscar soluções para problemas práticos” (DAMIANI *et al.* 2013, p.58). Como estratégia foi utilizado o instrumento conhecido como mapa afetivo, que consiste, segundo Bomfim (2008, p.258) em representações do espaço, considerando o ambiente como território emocional. Para a intervenção aqui proposta, os afetos podem apontar um nível de pertencimento e sentimento que o estudante possui em relação aos lugares que ocupam.

O sentimento de pertencimento pode influenciar diretamente na aplicabilidade dos conhecimentos sociológicos no cotidiano dos estudantes. Um indivíduo que se sente conectado e pertencente a uma comunidade ou espaço, pode considerar com mais atenção os fenômenos sociais em suas interações e decisões. Por exemplo, ao compreender os conceitos sociológicos de estratificação social, o estudante pode reconhecer as disparidades de privilégios e acessos aos recursos em sua comunidade e na sociedade em geral. Esse reconhecimento pode levá-lo a buscar ações e mudanças que promovam a justiça social e a igualdade de oportunidades, reconhecendo-se como um cidadão e sujeito social dos espaços que ocupa.

Para explorar o conceito de pertencimento, esse trabalho se baseia nas contribuições do geógrafo Yi-fu Tuan, que utiliza o termo “topofilia” para descrever o apego emocional e afetivo das pessoas a determinados lugares ou ambientes. Segundo o autor, “topofilia” é o elo afetivo entre a pessoa e o lugar ou ambiente

físico. Difuso como conceito, vívido e concreto como experiência pessoal" (1980, p. 4). Tuan argumenta que o pertencimento não é apenas uma questão de localização geográfica, mas também de conexão emocional, memórias e significados atribuídos a um lugar.

A noção de pertencimento vai além de apenas existir fisicamente em um determinado local. Envolve sentir-se parte integrante desse ambiente, compartilhando valores, cultura, história e objetivos comuns. Quando as pessoas se sentem pertencentes, desenvolvem um senso de responsabilidade e cuidado em relação ao lugar em que vivem e às pessoas que o habitam.

Quando nos identificamos com um grupo ou sociedade, naturalmente nos preocupamos com seu bem-estar e buscamos contribuir para seu desenvolvimento. A sensação de se sentir pertencente é importante para o exercício da cidadania, pois motiva os indivíduos a participarem ativamente da vida em comunidade. O sentimento de pertencimento fortalece o senso de solidariedade e empatia entre os membros de uma comunidade. Quando as pessoas se reconhecem como parte de algo ou lugar, estão mais propensas a se envolverem em ações coletivas para resolver problemas, promover mudanças e defender os seus direitos e dos demais que dividem os mesmos espaços.

Cidadania foi o conteúdo específico escolhido para a realização da intervenção pedagógica, por compreender a sua importância na formação do indivíduo e em sua contribuição para se perceber enquanto sujeito social. A temática tem potencial em despertar engajamento e interesse dos estudantes, por se tratar de um assunto que está presente em seu cotidiano.

O conteúdo "cidadania", está previsto na Base Nacional Comum Curricular (BNCC), inserido na competência específica 6, que estabelece: "Participar do debate público de forma crítica, respeitando diferentes posições e fazendo escolhas alinhadas ao exercício da cidadania e ao seu projeto de vida, com liberdade, autonomia, consciência crítica e responsabilidade" (2019, p.578). O mesmo documento justifica a temática:

Para que os estudantes compreendam a importância de sua participação e sejam estimulados a atuar como cidadãos responsáveis e críticos, essa competência específica propõe que percebam o papel da política na vida pública, discutam a natureza e as funções do Estado e o papel de diferentes sujeitos e organismos no funcionamento social, e analisem experiências políticas à luz de conceitos políticos básicos. (BNCC, 2019, p.278)

Cidadania é um tema que além de fundamental e previsto no documento norteador das práticas pedagógicas, possibilita uma realização e visualização prática na realidade dos estudantes. Por estar presente em diversos momentos no cotidiano deles, como ir à escola, usar o parque, encontrar os amigos na pista de skate, usar o transporte público, caminhar pela cidade, entre outros.

O exercício da cidadania também contribui para fortalecer o sentido de pertencimento. Quando os cidadãos participam ativamente da comunidade que pertencem, exercendo seus direitos e cumprindo seus deveres, se tornam sujeitos ativos na construção e manutenção do ambiente ao qual estão inseridos, o que faz com que reforce a sua ligação emocional e identificação com a comunidade.

A delimitação das turmas para a realização da intervenção pedagógica, respeitou o planejamento proposto pela Secretaria de Educação do Estado do Paraná, cujo conteúdo sobre cidadania estava previsto para ser desenvolvido com os estudantes da terceira série do Ensino Médio. É importante ressaltar que a intervenção foi realizada no terceiro trimestre de 2022. Contudo, em função dessa nova estrutura do Ensino Médio, a temática continua na terceira série, mas agora dentro do Itinerário Formativo de Governo e Cidadania, abrangendo apenas os estudantes que optaram pelos Itinerários de Linguagens e suas Tecnologias e Ciências Humanas e Sociais Aplicadas.

O objetivo do componente curricular de Sociologia no Ensino Médio, não é formar sociólogos, mas permitir que os estudantes tenham contato com o modo como a sociologia dispõe de instrumentos analíticos para compreender a sociedade. Fazendo com que entendam e percebam a sociedade para além da teoria, experiência ou concepções pessoais, de modo que consigam olhar e refletir a realidade da sociedade que vivem, utilizando o método sociológico.

Para o sociólogo Charles Wright Mills, em seu livro “A imaginação sociológica” de 1982, o pensamento sociológico é também um exercício de imaginação. Para o autor, a imaginação sociológica possibilita que as pessoas percebam como são afetadas pelo contexto histórico-social no qual vivem. É o contraponto entre a trajetória individual e os condicionamentos da vida social que a sociologia encontra espaço para a compreensão da realidade. O olhar de estranhamento e de desnaturalização passa a ser importante para questionar e compreender a sociedade que vivemos. Esse olhar deve estar presente também, nas formas e métodos de ensinar. De acordo com bell hooks

Para lecionar em comunidades diversas, precisamos mudar não só nossos paradigmas, mas também o modo como pensamos, escrevemos e falamos. A voz engajada não pode ser fixa e absoluta. Deve estar sempre mudando, sempre em diálogo com um mundo fora dela. (2017, p.22)

Desenvolver novas metodologias é um processo contínuo, pois é preciso compreender as mudanças do tempo e dos estudantes, assim como as necessidades sociais. Leonardo Carbonieri Campoy, em seu artigo “Ensinar sociologia fazendo sociologia: memórias e notas de uma pessoa que aprende, ensina e ensina a ensinar ciências sociais”, de 2021, trabalha com essa visão de ensinar sociologia fazendo sociologia, convidando os estudantes a construir suas próprias ciências sociais. Seu texto não é um convite a analisar apenas as práticas do ensino de sociologia, mas, da ideia de escola com um todo.

O ensinar escolar que vivenciei não me estimulou a perceber que o conhecimento humano está em constante formação e transformação, lidando com problemas gerados pela observação e pela reflexão e transpassado por controvérsias e impasses dos mais diversos. Não fui estimulado a observar e refletir pela escola. O que ela me apresentou foi um conhecimento acabado, como se fosse um fato inexorável da realidade, ou melhor, como se fosse a realidade ela mesma, e não uma de suas possíveis representações. (CAMPOY, 2021)

A teoria é uma representação da realidade a partir dos caminhos dos autores, portanto, ela passa a ser abstrata para os estudantes que não conseguem muitas vezes aplicá-la como base para compreender o mundo. Campoy propõe inverter esse processo, no qual os estudantes podem ter as suas ideias, suas reflexões e produzir suas próprias reproduções de mundo. Com base na percepção de Campoy e bell hooks em mudar os paradigmas do ensinar, esse trabalho se propõe desenvolver uma metodologia para “ensinar sociologia fazendo sociologia”, fazendo com que os estudantes produzam ideias, interpretações e reflexões a partir da sua realidade.

Usar a cidade e os espaços que nela os estudantes ocupam, pareceu ser uma ótima maneira de convidá-los a pensar e refletir sobre sua realidade, trazendo a sociologia e suas teorias para auxiliá-los. Para isso, é preciso estabelecer que não

existe uma visão unilateral da realidade, mas sim, uma visão plural, produzida individualmente pelos caminhantes² da cidade. Segundo Michel de Certeau

Certamente, os processos de caminhar podem reportar-se em mapas urbanos de maneira a transcrever-lhes os traços (aqui densos, ali mais leves) e as trajetórias (passando por aqui e não por lá). Mas essas curvas em cheios ou em vazios remetem somente, como palavras, à ausência daquilo que passou. Os destaques de percursos perdem o que foi: o próprio ato de passar a operação de ir, vagar ou “olhar as vitrines”, noutras palavras, a atividade dos passantes é transposta em pontos que compõem sobre o plano uma linha totalizante e reversível. (2014, p.163)

Os estudantes percebem a cidade e a realidade que estão inseridos, a partir de seus olhares, produzindo assim, mapas urbanos individuais³, construídos a partir de seus desejos e afetos que ali são colocados, ou seja, percebem a cidade de forma única, influenciados por sua história pessoal, experiências, valores e perspectivas. A realidade percebida pelos estudantes não é apenas objetiva, mas é construída socialmente a partir de suas interações e interpretações individuais do ambiente urbano. Isso ressalta a natureza subjetiva e fluída da percepção humana e como as pessoas atribuem significados e valores aos espaços e lugares que habitam.

2.1 FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

De acordo com o sociólogo Richard Sennett (2014) as cidades obrigam as pessoas a lidarem com as diferenças, por serem compostas por pessoas diferentes. Por isso é importante reconhecer a diversidade de perspectivas e experiências dos estudantes em relação à cidade, e como essa diversidade pode ser utilizada para construir discussões riquíssimas e produzir reflexões e conhecimentos. A partir desse contexto, surge uma reflexão sobre o conceito de cidadania, que não se limita apenas ao pertencimento a um determinado país, mas envolve a participação ativa e responsável na vida da comunidade e o reconhecimento e respeito pela diversidade. A cidadania se manifesta na forma como os indivíduos interagem e se relacionam

² Caminhante foi um termo utilizado por Michel de Certeau em sua obra, *A invenção do cotidiano: 1. Artes de fazer*, para se referir às pessoas que caminham pela cidade.

³ Esses mapas urbanos individuais, não são apenas representações físicas da cidade, mas também incluem aspectos emocionais, subjetivos e simbólicos que refletem seus desejos, sonhos e afetos em relação a cidade e os espaços que ocupam.

uns com os outros, isso não inclui apenas respeitar os direitos e deveres dos outros cidadãos, mas também valorizar e aprender com as diferentes culturas, perspectivas e experiências dentro da comunidade.

Partindo dessa perspectiva, foi considerada a teoria do sociólogo britânico Thomas Humphrey Marshall, como ponto de partida para discutir o conceito de cidadania. Marshall estabelece que a cidadania seria composta pela integração de três dimensões de direitos: civil, político e social.

O elemento civil é composto dos direitos necessários à liberdade individual - liberdade de ir e vir, liberdade de imprensa, pensamento e fé, o direito à propriedade e de concluir contratos válidos e o direito à justiça. [...] Por elemento político se deve entender o direito de participar no exercício do poder político, como um membro de um organismo investido da autoridade política ou como um eleitor dos membros de tal organismo. [...] O elemento social se refere a tudo o que vai desde o direito mínimo de bem-estar econômico e segurança ao direito de participar, por completo, na herança social e levar a vida de um ser civilizado de acordo com os padrões que prevalecem na sociedade. (MARSHALL, 1967 p.63-64)

Embora a concepção de cidadania de Marshall tenha sido escrita em 1950, ao final da Segunda Guerra Mundial, olhando para a experiência do capitalismo inglês, ela pode servir como modelo útil para ilustrar aos estudantes a evolução dos direitos e deveres associados à cidadania. Ao trazer esse conceito para o contexto histórico do Brasil, é possível destacar as semelhanças e diferenças entre as experiências britânica e brasileira na construção dos direitos civis, políticos e sociais.

Essa abordagem permite aos estudantes compreenderem como os direitos e responsabilidades dos cidadãos são moldados por diversos fatores históricos, políticos, sociais e econômicos. Além disso, ao examinar a história da cidadania no Brasil, é possível explorar questões específicas que afetam o desenvolvimento desses direitos, que no caso brasileiro, teve influência de uma herança colonial que manteve estruturas de poder autoritárias e relações sociais hierárquicas.

Certamente, a visão de Marshall sobre cidadania não se aplica integralmente ao Brasil, considerando as significativas diferenças nos contextos históricos, sociais e econômicos. No entanto, sua abordagem de dividir a cidadania em direitos civis, políticos e sociais é útil para compreender as construções e significados desses direitos. Porém, é importante problematizar que essa ordem estabelecida por Marshall, não reflete necessariamente o Brasil, podemos destacar o historiador José Murilo de Carvalho que faz uma importante análise na qual argumenta que na

Inglaterra esses direitos foram conquistados e, que um está atrelado ao outro, no sentido em que só por causa dos direitos civis é que os ingleses reivindicaram o direito político e, por conseguinte, o social. De acordo com o autor, no Brasil “a pirâmide dos direitos foi colocada de cabeça para baixo” (CARVALHO, 2002, p.220). Essa inversão faz com que no Brasil esses direitos não sejam vistos como direitos, mas, como uma concessão do Estado.

A estratégia adotada foi utilizar a cidade em que os estudantes residem como um meio para que pudessem refletir sobre a aplicabilidade da cidadania. Isso incluiu uma discussão sobre o direito à cidade, levantando a questão se a cidade de Piraquara é verdadeiramente acessível a todos os seus cidadãos.

O direito à cidade foi um conceito formulado pelo filósofo francês Henri Lefebvre, em sua obra “Direito à cidade” de 1968, estabelece que:

O direito à cidade se manifesta como uma forma superior dos direitos: o direito à liberdade, à individualização, ao habitat e ao habitar. O direito à obra (à atividade participante) e o direito à apropriação (bem distinto do direito à propriedade) estão implicados no direito à cidade. (LEFEBVRE, 2008, p.134)

Entende-se como direito à cidade, não somente uma questão de acesso físico ao espaço urbano, mas também, como um direito coletivo dos cidadãos de participar ativamente na construção e na transformação do ambiente urbano de acordo com suas necessidades e desejos. Lefebvre destaca que o espaço “sempre foi político e estratégico” (2008, p.61), argumentando que os espaços não são neutros em termos de ideologia, pois são moldados por estratégias políticas e ideológicas que beneficiam determinados grupos.

O espaço foi formado e modelado a partir de elementos históricos ou naturais, mas politicamente. O espaço é político e ideológico. É uma representação literalmente povoada de ideologia. Existe uma ideologia do espaço. Por quê? Porque esse espaço, que parece homogêneo, que parece dado de uma vez na sua objetividade, na sua forma pura, tal como o constatamos, é um produto social. (LEFEBVRE, 2008, p.62)

De acordo com Lefebvre, os espaços são estruturados em torno de centros de poder destinados a servir a uma elite econômica e política. Aqueles que não têm acesso a esses privilégios são relegados às margens desses espaços, o que resulta na formação de periferias e na segregação entre os que têm riqueza e os que não têm. Portanto, o direito à cidade significa a contrariedade dessa segregação, seria “a

constituição ou reconstituição de uma unidade espaço-temporal, de uma reunião, no lugar de uma fragmentação" (LEFEBVRE, 2008, p.32), ou seja, criar ou recuperar espaços urbanos que permitam a reunião e a interação de diferentes grupos sociais e atividades, que promovam a convivência, onde as pessoas possam se encontrar, interagir e compartilhar experiências.

No entanto, o conceito do direito à cidade não pode ser rigidamente definido, uma vez que passa a ser abordado por diversos autores, cada um com sua interpretação e percepção. No Brasil, Bianca Tavolari argumenta que esse conceito é uma combinação da visão intelectual de Lefebvre e das demandas de luta dos movimentos sociais. Segundo Tavolari (2016, p.102), um ponto em comum entre as diversas percepções, é a afirmação "de que o direito à cidade não se restringe a reivindicações imediatas dos movimentos por direitos ou serviços urbanos específicos", mas também, abrange "as noções de democracias, cidadanias e autonomia", sendo considerado um elemento fundamental na "formação de uma consciência ou experiência compartilhada pelos movimentos sociais", o que explica a conexão entre direito à cidade e cidadania. Tavolari exemplifica:

No caso da luta por habitação, falar em direito à cidade aponta para uma dimensão coletiva maior que não está inscrita no direito à moradia. Não ter casa não significa apenas não poder permanecer fisicamente na cidade, mas não pertencer a seus laços sociais. Conseguir emprego ou usufruir da maioria dos serviços públicos tornam-se tarefas praticamente impossíveis sem endereço fixo, por exemplo. Com a negação do direito à moradia e do acesso à habitação, o pertencimento à cidade também é negado. (2016, p.106)

O direito à cidade transcende aos direitos isolados, como o de moradia, pois abrange o direito de existir, conviver e experienciar aquele espaço com seus pares. Nesta intervenção será utilizado o conceito estabelecido por Lefebvre, no qual o direito à cidade não pode ser entendido como meramente o direito de acesso ou retorno às cidades tradicionais. Ele enfatiza que o direito à cidade só pode ser concebido "como direito à vida urbana, transformada, renovada" (2011, p.118). Criando espaços que não apenas existem no mesmo local, mas também no mesmo momento, promovendo a conexão entre as pessoas e as comunidades, estimulando o sentido de pertencimento e identidade coletiva.

A sociologia como componente curricular se propõe a trazer um pensamento crítico da sociedade para os estudantes, para que possam refletir sobre a sociedade

em que vivem e assim compreendê-la. O que é um grande desafio, pois os estudantes parecem apenas querer colher informações e reproduzi-las em momentos necessários. Segundo bell hooks,

O pensamento crítico envolve primeiro descobrir o “quem”, o “o quê”, o “quando”, o “onde” e o “como” das coisas - descobrir respostas para as infindáveis perguntas da criança curiosa - e utilizar o conhecimento de modo a sermos capazes de determinar o que é mais importante. (2020, p.33)

O desafio está em despertar o estudante para esse olhar curioso, a intervenção pedagógica é capaz de produzir metodologias que podem ajudar a atingir esse objetivo. Pois através delas podemos observar os erros e acertos, o que funciona e o que não funciona, sermos capazes de criar e recriar métodos de ensinar que sejam eficazes no desenvolvimento desse pensamento crítico. No entanto, é preciso que o conhecimento faça sentido aos estudantes, pois, “o pensamento crítico é um processo interativo, o que exige participação tanto do professor quanto dos estudantes” (hooks, 2020, p. 34).

Levar em consideração o conhecimento dos estudantes e sua percepção sobre os espaços que frequentam, assim como, da cidade que vivem, é convidá-los a pensar e repensar essas vivências e revistar suas percepções sobre tais espaços.

3. CIDADE: UM ESPAÇO PARA PENSAR E ENSINAR A SOCIOLOGIA

O componente curricular de sociologia tem por objetivo fornecer aos estudantes, elementos teóricos e metodológicos de uma forma de pensar sociologicamente, para que consigam questionar e compreender a realidade social em que vivem.

Para isso, devemos levar em consideração, que os jovens não entram no Ensino Médio sem conhecimento, ao longo de suas experiências vividas até esse momento, acumulam saberes e visões de mundo que devem ser respeitadas. Segundo Paulo Freire:

Pensar certo coloca ao professor ou, mais amplamente, à escola, o dever de não só respeitar os saberes com que os educandos, sobretudo os das classes populares, chegam a ela saberes socialmente construídos na prática comunitária - mas também, como há mais de trinta anos venho sugerindo, discutir como os alunos a razão de ser de alguns desses saberes em relação com o ensino dos conteúdos. (2008, p.30)

Respeitar os saberes dos estudantes e mostrar a eles a importância dos conteúdos e a prática dos mesmos em sua vida é o que precisamos considerar para despertar nesses indivíduos a busca do saber sociológico. Buscar refletir sobre a sociedade partindo de suas percepções, construindo o conhecimento juntamente com os estudantes. Ensinando a pensar sociologia exercitando a sociologia.

A cidade pode ser uma ótima opção para compreender as relações dos indivíduos que nela vivem e seu papel social, a partir da visão dos estudantes sobre a cidade.

Segundo Michel de Certeau:

Esses praticantes jogam com espaços que não se veem; têm dele um conhecimento tão cego como no corpo a corpo amoroso. Os caminhos que se respondem nesse entrelaçamento, poesias ignoradas de cada corpo é um elemento assinado por muitos outros, escapam à liberdade. Tudo se passa como se uma espécie de cegueira caracterizasse as práticas organizadoras da cidade habitada. As redes dessas escrituras avançando e entrecruzando-se compõem uma história múltipla, sem autor nem espectador, formada em fragmentos de uma trajetória e em alterações de espaços: com relação às representações, ela permanece cotidianamente, indefinidamente, outra. (2001, p.159)

Os caminhantes, que seriam os membros da cidade que por ela circulam, não observam a cidade como um todo, deixando de perceber que as histórias se cruzam,

construindo histórias múltiplas, responsáveis pela organização dos espaços que se estabelecem nessa cidade.

A cidade é um espaço de importante estudo para as sociedades modernas, sua construção, seu desenvolvimento e a relação que as pessoas possuem com os espaços presentes dentro das cidades são ricas fontes de estudo para compreender essas sociedades. Segundo Richart Sennett (2021, p.14), viver na cidade é um constante exercício de viver com as semelhanças e com as diferenças, visto que a cidade é construída por indivíduos semelhantes e diferentes.

O olhar que temos sob a cidade está diretamente relacionado com a maneira como nós vivemos e a experimentamos. De acordo com Sallas et al (1999, p.79), “o senso crítico sobre a cidade, como não é um dado da natureza, está sendo construído no cotidiano, pela experiência vivida pelos jovens na cidade”, o que podemos identificar que os olhares que os jovens possuem da cidade, não é singular, mas sim plural. A cidade é vista pelos indivíduos a partir de diferentes olhares, sofrendo influências dos espaços, tempo, relações sociais e individuais.

Pensar a cidade partindo do olhar dos estudantes é pensar a construção do indivíduo enquanto ser social. Como nos tornamos quem somos? Esse questionamento foi feito pela antropóloga Christina Toren no início do seu texto, “Mentes, materialidade e história: como nos tornamos quem somos”. Um questionamento bastante importante e difícil de responder, pois a antropóloga coloca que “é uma pergunta que não pode ser adequadamente respondida de modo abstrato” (TOREN, 2021 p.181). Para responder a tal questionamento é preciso se voltar para o contexto histórico e social a qual o indivíduo está inserido, pois somos socializados a partir de um processo de culturalização da sociedade em que vivemos.

Podemos dizer que o indivíduo torna-se quem é a partir do processo de socialização⁴ na sociedade que pertence, que define seu espaço, seu lugar, seu entorno. A cidade, o bairro, os espaços que frequentam, também fazem sentido nesse processo de construção de “quem sou eu”.

Ao pensar a cidade como um espaço de compreensão dos jovens para com o pensamento sociológico, estamos ampliando a oportunidade deles se

⁴ A socialização é o processo pelo qual os indivíduos adquirem as habilidades, conhecimentos, valores e normas necessários para se tornarem membros funcionais de uma sociedade. É um processo contínuo ao longo da vida e desempenha um papel crucial no desenvolvimento humano e na coesão social.

compreenderem como sujeitos sociais. Richard Sennett (2021 p.14), cita Aristóteles ao concluir que uma cidade é composta por diferentes indivíduos, “pessoas semelhantes não podem dar a existência a uma cidade”. As cidades, segundo Sennett, obrigam as pessoas a lidarem com as diferenças. Isso faz com que as pessoas cooperem umas com as outras sem mesmo perceberem que estão cooperando. Usar a cidade e os espaços que os jovens ocupam para refletir sociologicamente, é fazer o indivíduo pensar e refletir sobre sua existência e o contexto histórico-social em que está inserido.

Segundo Yiu-fu Tuan (1980) o conhecimento de uma cidade varia muito de uma pessoa para outra, o que tem relação com o sentimento de pertencimento que cada um tem com a cidade, o que Yiu-fu Tuan irá chamar de “topofilia”, que se associa ao sentimento de lugar. O autor ainda coloca que os bairros e comunidades proporcionam um quadro de referência para organizar em subáreas a “complexa ecologia humana” das cidades. Sobre isso ele fala:

[...] os residentes de um verdadeiro bairro não reconhecem a extensão e singularidade de sua área a não ser que eles conheçam as áreas contíguas; mas quanto mais eles conhecem e se relacionam com o mundo exterior menos se envolveram com a vida de seu próprio mundo, seu bairro e portanto, será cada vez menos um bairro. (TUAN, 1980 p. 243)

Com o desenvolvimento dos recursos tecnológicos como a internet e os celulares, estamos sempre conectados com o mundo. Hoje, não ocupamos apenas espaços físicos, mas também virtuais, o que pode ampliar nossa visão de mundo, visto que podemos estar, mesmo que de forma virtual, em vários lugares. Porém, pode acabar por restringir o conhecimento que possuo do espaço físico que ocupamos, já que muitas vezes não notamos o que está ao nosso redor, por estarmos ocupados nos espaços virtuais, o que faz com que deixemos de perceber a cidade.

Mas por que razão os jovens deveriam se sentir pertencendo? Segundo Rogério Ribeiro Jorge (2009) o território também é entendido como forma de raízes e apego aos lugares, de acordo com o princípio da identificação cultural. Território esse que é construído por meio de ações, discursos, mitos, valores que ele possui. De acordo com o autor, “através da utilização de símbolos, o cultural permite apropriar-se de um espaço, transmitir um pertencimento territorial constitutivo da identidade coletiva e/ou individual” (JORGE, 2009 p.243).

Ao se sentir pertencendo ao espaço que ocupa, os indivíduos são capazes de interpretar sua realidade e assim se perceberem como indivíduos sociais e importantes no processo de desenvolvimento de sua sociedade.

O contato com o pensar sociológico, a partir do componente curricular de sociologia, possibilita aos estudantes compreender e perceber a sociedade além de teorias, experiências ou concepções pessoais, mas que consigam perceber sua realidade e a realidade da sociedade utilizando o método sociológico.

É preciso desenvolver novas metodologias e buscar olhar para o estudante como protagonista do seu próprio saber sociológico, compreendendo assim, o conhecimento sociológico como ferramenta importante para desenvolver a criticidade nos jovens, fazendo com que possam contribuir como parte ativa no processo de desenvolvimento das localidades em que moram e ocupam.

Quando partimos do indivíduo, ou seja, da construção do “eu”, estamos, de acordo com Toren, utilizando da micro-história para revelar “como as pessoas se tornam quem são, como incorporam as ideias e práticas das quais parecem ser o produto” (TOREN, 2021 p.204). Somos seres sociais, vivemos em coletividade, mesmo que possuindo nossas personalidades, portanto, a sociedade nos influência a ser quem somos. Somos seres em constante construção de nós mesmos, segundo Toren somos “autopoieticos”, ou seja, somos autocriadores e autoprodutores.

Ao nos percebermos como “autopoieticos”, entendemos que estamos constantemente nesse processo de autoconstrução, e que nossa sociedade também passa por modificações ao passo que também passamos, pois a sociedade é formada por seres humanos, diferentes e semelhantes.

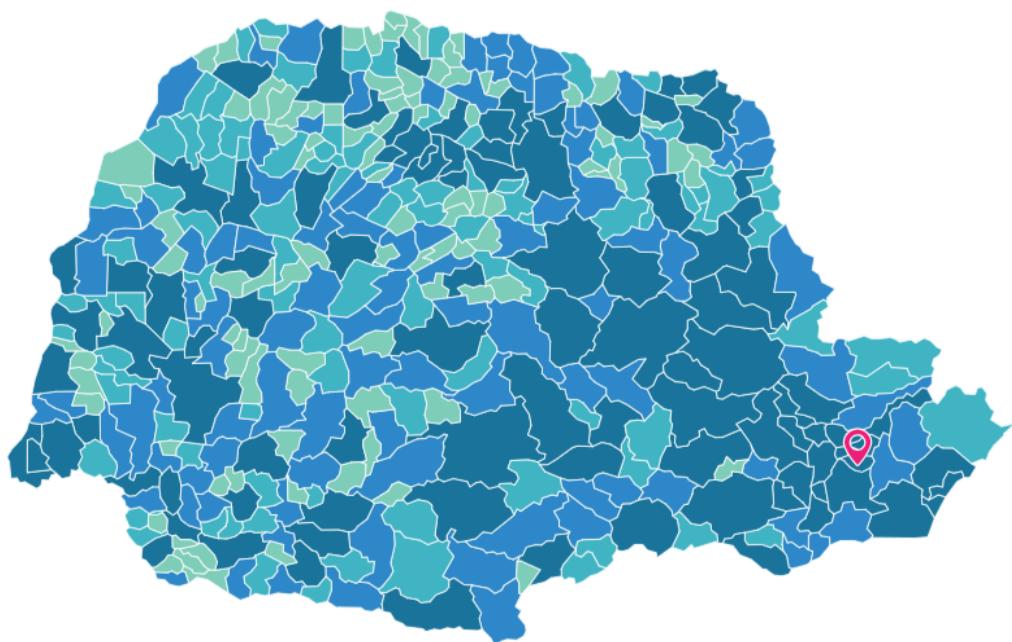
Usar a cidade como um espaço de ensinar sociologia, é interrelacionar a vida prática com a eloquência da vida intelectual. Uma aprendizagem é mais significativa quando os estudantes estabelecem sentido com sua realidade. Uma “caminhaua” de socióloga pela cidade que esses jovens moram, convidando-os a pensar esses espaços e refletir sobre a construção do “eu” a partir desses espaços, pode ser uma ferramenta eficaz para esses mesmos jovens, olharem para sua cidade com um olhar crítico e de pertencimento.

3.1 PIRAUARA E O COLÉGIO PROFESSOR IEDO NÉSPOLO

Piraquara é um dos 399 municípios do Estado do Paraná (MAPA 1), possuindo uma área territorial de 227.042 Km², localizado ao norte da Região Metropolitana da capital Curitiba, faz divisa com os municípios de São José dos Pinhais, Morretes, Quatro Barras e Pinhais, sendo estes dois últimos, territórios que já pertenceram a Piraquara (MAPA 2).

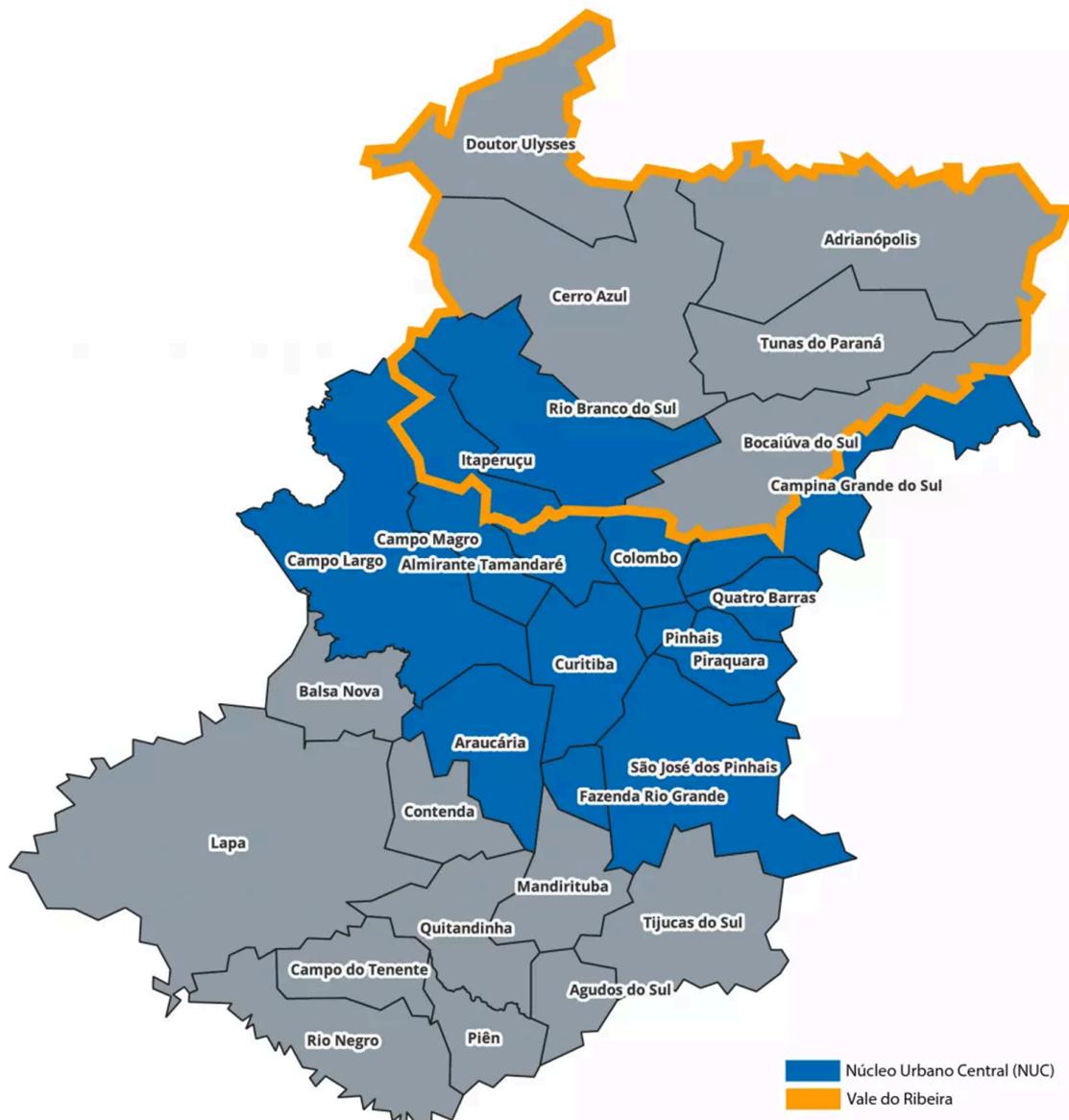
Piraquara se tornou município em 29 de janeiro de 1890, com a denominação de Deodoro, em homenagem ao Marechal Deodoro da Fonseca, posteriormente em 1929 o nome do município mudou para Piraquara, de origem tupi *pira* (peixe) e *coara* (buraco, furo, cova), toca ou buraco dos peixes.

MAPA 1: Mapa do Estado do Paraná e localização do município de Piraquara.



Fonte: <https://cidades.ibge.gov.br/brasil/pr/curitiba/panorama>

MAPA 2: Localização de Piraquara ao norte da Região Metropolitana de Curitiba.



Fonte: <https://www.amep.pr.gov.br/FAQ/Municípios-da-Região-Metropolitana-de-Curitiba>

Conhecida como a “capital das águas” por abrigar as principais nascentes do Rio Iguaçu, “é responsável por aproximadamente 50% da água potável que abastece Curitiba e Região Metropolitana” (TESSEROLLI, 2008 p.8). Possui três importantes barragens que abastecem parte de Curitiba e da Região Metropolitana, sendo as barragens de Piraquara I (1979)⁵, Iraí (1999) e Piraquara II (2008).

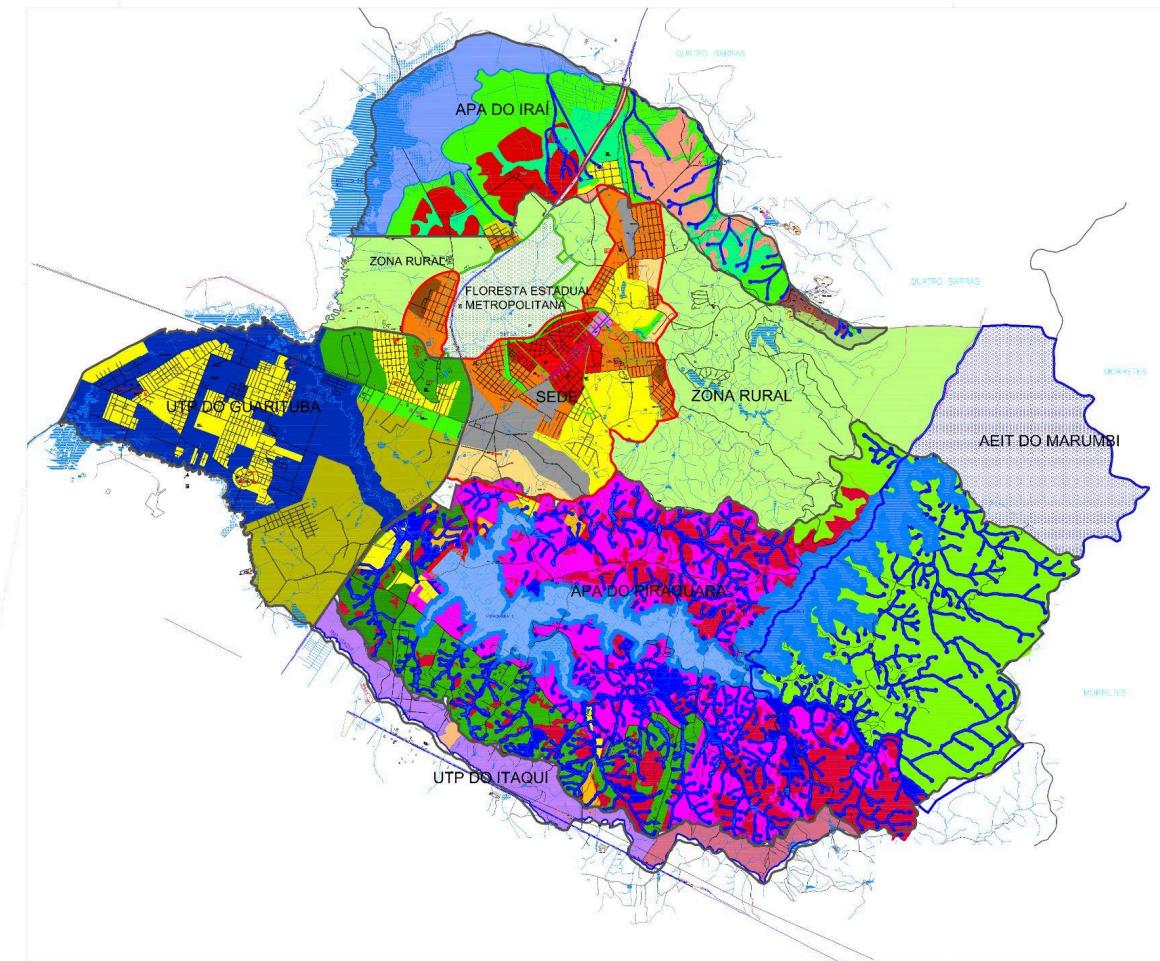
⁵ Barragem de Piraquara I, foi a primeira grande barragem para acumulação de água do Paraná, possuindo uma capacidade de 23 bilhões de litros de água.

De acordo com TESSEROLLI (2008 p.8), Piraquara “apresenta um perfil paisagístico com belezas naturais, compreendendo 75% do território como área de preservação ambiental”, possuindo as Unidades de Conservação do Parque Estadual Marumbi e o Parque da Serra da Baitaca.

Para proteger os recursos hídricos, uma riqueza natural do município, foi criada em 1996 e aprovada em 2002 o Zoneamento Ecológico-Econômico da Área de Proteção Ambiental do Piraquara, denominada de APA Estadual do Piraquara. Segundo DOMINANI (2019 p.66), “o território de Piraquara foi então classificado em zonas e áreas de acordo com a proximidade dos mananciais e represas”, com os objetivos de assegurar as condições de abastecimento público e incentivar a ocupação e uso do solo de forma adequada para conservar os mananciais.

Com relação à ocupação do território de Piraquara, a Lei nº 911/2007 dispõe sobre o zoneamento de uso e ocupação do solo no município, como está disposto no MAPA 3. Uma das finalidades de acordo com o segundo parágrafo, artigo 4º da mesma lei é: “orientar o crescimento da cidade visando minimizar os impactos sobre áreas ambientalmente frágeis.

MAPA 3: Mapa de Zoneamento de Piraquara.



LEGENDA	
UNIDADES DE CONSERVAÇÃO	
APA DO IRAÍ	ZR1 – ZONA RESIDENCIAL I
APA DO PIRAQUARA	ZR2 – ZONA RESIDENCIAL II
UTP DO ITAQUI	ZR3 – ZONA RESIDENCIAL III
UTP DO GUARITUBA	ZR4 – ZONA RESIDENCIAL IV
AEIT DO MARUMBI	ZEIT – ZONA ESPECIAL DE INTERESSE TURÍSTICO E HISTÓRICO
FLORESTA METROPOLITANA	ZEIS – ZONA ESPECIAL DE INTERESSE SOCIAL
UTP DO GUARITUBA	
ZOO 1 – ZONA DE OCUPAÇÃO ORIENTADA I RESIDENCIAL	ZP – ZONA DE PARQUES
ZOO 2 – ZONA DE OCUPAÇÃO ORIENTADA II RESIDENCIAL	ZS – ZONA SERVIÇOS
ZOO 3 – ZONA DE OCUPAÇÃO ORIENTADA III SERVIÇOS E INDÚSTRIAS	ZR – ZONA RURAL
ZRO – ÁREA DE RESTRIÇÃO A OCUPAÇÃO	SC1 – SETOR COMERCIAL I
ZUC – ÁREA DE URBANIZAÇÃO CONSOLIDADA	SC2 – SETOR COMERCIAL II
APA DO PIRAQUARA	
ZUC 1 – ZONA DE OCUPAÇÃO ORIENTADA I	SC3 – SETOR COMERCIAL III
ZUC 2 – ZONA DE OCUPAÇÃO ORIENTADA II	ZUIR – ZONA DE USO INSTITUCIONAL RESTRITO
ZUA – ZONA DE USO AGROPECUÁRIO	ZUCI – ZONA DE URBANIZAÇÃO CONSOLIDADA I
ZREP – ZONA DA REPRESA – DETALHE	ZUC2 – ZONA DE URBANIZAÇÃO CONSOLIDADA II
ZREP – ZONA DA REPRESA	ZREP – ZONA DA REPRESA
ZPRE – ZONA DE PROTEÇÃO DA REPRESA	ZPRE – ZONA DE PROTEÇÃO DA REPRESA
ZPFV – ZONA DE PRESERVAÇÃO DE FUNDO DE VALE	ZPFV – ZONA DE PRESERVAÇÃO DO FUNDO DE VALE
ZOO 2 – ZONA DE OCUPAÇÃO ORIENTADA II	ZOO 1 – ZONA DE OCUPAÇÃO ORIENTADA I
ZOO 1 – ZONA DE OCUPAÇÃO ORIENTADA I	ZEMO – ZONA DE EXTRACÇÃO MINERAL CONTROLADA
ZCVS 2 – ZONA DE CONSERVAÇÃO DA VIDA SILVESTRE II	ZCVS 3 – ZONA DE CONSERVAÇÃO DA VIDA SILVESTRE III
ZCVS 1 – ZONA DE CONSERVAÇÃO DA VIDA SILVESTRE I	ZCVS 2 – ZONA DE CONSERVAÇÃO DA VIDA SILVESTRE II
UTP DO ITAQUI	
ZUC – ZONA DE OCUPAÇÃO CONTROLADA	ZCVS 1 – ZONA DE CONSERVAÇÃO DA VIDA SILVESTRE I
ZR – ZONA RURAL	
ZOO 3 – ZONA DE OCUPAÇÃO ORIENTADA III	

Fonte:

<https://www.piraquara.pr.gov.br/storage/content/publicacoes/documentos/6160/arquivos/documentos-20230613143800.pdf>

Piraquara, segundo dados do Caderno Estatístico de Piraquara, elaborado pelo Instituto Paranaense de Desenvolvimento Econômico e Social (IPARDES) em 2021, utilizando de dados do último Censo do IBGE de 2010, apresenta um Índice de Desenvolvimento Humano Municipal (IDHM) de 0,700. Esse valor coloca o município na classificação de desenvolvimento humano alto, conforme apresentado na TABELA 1.

TABELA 1: Índice de Desenvolvimento Humano (IDHM) de Piraquara

ÍNDICE DE DESENVOLVIMENTO HUMANO (IDHM) - 2010

INFORMAÇÃO	ÍNDICE (1)	UNIDADE
Índice de Desenvolvimento Humano (IDHM)	0,700	
IDHM - Longevidade	0,869	
Esperança de vida ao nascer	77,15	anos
IDHM - Educação	0,574	
Escolaridade da população adulta	0,50	
Fluxo escolar da população jovem (Frequência escolar)	0,61	
IDHM - Renda	0,689	
Renda per capita	581,74	R\$ 1,00
Classificação na unidade da federação	232	
Classificação nacional	1.904	

FONTE: Atlas do Desenvolvimento Humano no Brasil - PNUD, IPEA, FJP

NOTA: Os dados utilizados foram extraídos dos Censos Demográficos do IBGE.

(1) O índice varia de 0 (zero) a 1 (um) e apresenta as seguintes faixas de desenvolvimento humano municipal: 0,000 a 0,499 - muito baixo; 0,500 a 0,599 - baixo; 0,600 a 0,699 - médio; 0,700 a 0,799 - alto e 0,800 e mais - muito alto.

Fonte: Instituto Paranaense de Desenvolvimento Econômico e Social (IPARDES) - 2024

Segundo o Plano Municipal de Assistência Social de Piraquara 2022-2025, o município apresenta problemas sociais e de pobreza que não podem ser ignorados, levando em consideração dois dados importantes: o índice de GINI de 0,43, e o número de pessoas inscritas no CadÚnico do Ministério da Cidadania, que segundo o levantamento feito pela Secretaria Municipal de Assistência Social, estão inscritas no programa 15.264 famílias, o que corresponde a 23.275 pessoas. De acordo com os dados do Atlas da Vulnerabilidade Social nas regiões metropolitanas brasileiras⁶, divulgado pelo Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada (IPEA) em 2015, Piraquara

⁶ Dados referentes ao período 2000/2010.

está no grupo das unidades territoriais de média vulnerabilidade, com um índice no valor de 0,332 do Índice de Vulnerabilidade Social (IVS).

O Plano Municipal de Mobilidade Urbana de Piraquara de 2021, ao analisar os dados do IVS no contexto intermunicipal, em conformidade com as Unidades de Desenvolvimento Humano (UDHs), destacou a realidade de diferentes cenários que refletem a exclusão e a vulnerabilidade social. A UDH de Guarituba (Urbano), deve um IVS de 0,506, o que demonstra alta vulnerabilidade. É importante ressaltar que a região do Guarituba é uma área de ocupação irregular. Outras UDHs que possuem condições críticas também são: Guarituba/Holandez (Urbano), Planta São Tiago e Vila Fuck, que registraram valores de alta vulnerabilidade, de acordo com a TABELA 2.

TABELA 2: População e Índice de Vulnerabilidade Social (IVS), geral e por componente das Unidades de Desenvolvimento Humano (UDHs) do município de Piraquara - 2010

UDH	População (habitantes)	IVS		Componente / Valor		
		Valor	Faixa de vulnerabilidade	IVS Infraestrutura Urbana	IVS Capital Humano	IVS Renda e Trabalho
Capoeira dos Dinos / Nova Tirol	7.215	0,319	Média	0,405	0,359	0,193
Centro	10.090	0,213	Baixa	0,163	0,269	0,206
Centro / Borda do Campo	27.841	0,326	Média	0,405	0,362	0,210
Guarituba (Urbano)	23.140	0,506	Muito alta	0,718	0,489	0,310
Guarituba / Holandez (Urbano)	10.994	0,359	Média	0,405	0,465	0,208
Laranjeiras	1.657	0,218	Baixa	0,163	0,286	0,206
Planta São Tiago	3.022	0,360	Média	0,405	0,467	0,208
Recanto (Urbano)	256	0,049	Muito baixa	0,000	0,072	0,075
Recreio da Serra	454	0,211	Baixa	0,214	0,272	0,147
Santa Mônica / Primavera Laranjeiras	7.004	0,318	Média	0,405	0,357	0,193
Vila Fuck	1.534	0,364	Média	0,405	0,478	0,208

Fonte: IBGE (2010); IPEA (2015)

Fonte: Plano Municipal de Mobilidade Urbana de Piraquara - 2021

Dos espaços de sociabilidade oferecidos por Piraquara aos seus habitantes, podem ser destacados enquanto ambientes públicos, além das escolas: biblioteca pública (1), museu (1), teatro ou salas de espetáculos (3), ginásios poliesportivos (2), Centro da Juventude (1), Centro de arte e esporte unificado - CEU (1), pista de skate, praças e parques. Que somado ao demais ambiente que não são de domínio público como: cinema (1), clube e associação recreativa, Ian house, igreja ou espaços religiosos, bares e restaurantes. Oferecem pontos de encontro e interação entre os moradores. Porém, devido à ausência de outras opções de sociabilidade,

como os shopping centers, que atualmente parecem ser pontos de encontro significativos não apenas para os jovens, mas principalmente entre eles, muitos buscam esses ambientes fora da cidade, se deslocando para Curitiba.

3.2 COLÉGIO ESTADUAL PROFESSOR IEDO NÉSPOLO

O município possui 118.730 habitantes, segundo o IBGE de 2022, desses 9.098 são jovens entre 15 e 19 anos. Segundo a Secretaria de Educação do Paraná, são 4.799 jovens matriculados no Ensino Médio (regular, magistério e ensino profissionalizante), distribuídos nas 10 instituições de ensino público que ofertam o modalidade do Ensino Médio, das 13 existentes no município.

De acordo com o Projeto Político Pedagógico (PPP) da instituição, o Colégio Estadual Professor Iedo Néspolo foi criado em março de 2016, para atender à reivindicação da comunidade escolar do Centro de Educação para Jovens e Adultos (CEEBJA) por um prédio próprio e de pais por falta de vagas no Ensino Médio no período diurno, que na época era quase inexiste. O CEEBJA funcionava em um prédio compartilhado com a Escola Municipal Manoel Eufrásio. Em 2015, a Secretaria de Estado de Educação autorizou a locação de um espaço para sediar o CEEBJA, porém, ficou condicionado ao atendimento no turno da manhã de estudantes do Ensino Médio regular. O prédio alugado está situado na Rua Armando Romani, nº 65, (FIGURA1).

FIGURA 1: Colégio Estadual Professor Iedo Néspolo



Fonte: www.facebook.com/groups/279622479843622/

O imóvel que tinha como objetivo inicial abrigar salas comerciais, foi adaptado para abrigar o colégio, possuindo 10 salas de aula, sendo 8 comportando no máximo 25 estudantes e 2, 18 estudantes. O colégio possui também, uma cozinha, secretaria, sala da direção, sala da equipe pedagógica, biblioteca, laboratório de informática, laboratório de ciências da natureza (biologia e química). Não possui quadra esportiva, as aulas de Educação Física são realizadas no pátio da escola de maneira improvisada, ou quando possível, se utiliza a quadra do Colégio Romário Martins, que se localiza bem próximo.

A socialização dos estudantes dentro dessa instituição ocorre principalmente nas salas de aula, que além das atividades pedagógicas, os jovens interagem entre uma aula e outra. Além das salas de aula, o pátio é outro espaço de socialização, antes do início das aulas, nos intervalos e após a saída, os estudantes interagem de forma espontânea.

Ainda de acordo com o PPP, o colégio atende jovens de 14 a 18 anos no Ensino Médio Regular, e estudantes a partir dos 16 anos na Educação de Jovens e Adultos (EJA). A maioria dos estudantes cursaram o Ensino Fundamental no Colégio Estadual Gilberto Alves do Nascimento e demais escolas da região como Colégio Estadual Mário Braga, Colégio Estadual Romário Martins, Escola Estadual Planta Deodoro.

A origem do Colégio Estadual Professor Iedo Néspolo, é uma demonstração prática de que a transformação urbana ocorre quando os cidadãos se tornam protagonistas na criação e gestão dos espaços que habitam. É nessa dinâmica que a cidade deixa de ser apenas um cenário e passa a ser, verdadeiramente, um espaço de vida, pertencimento e emancipação social.

4. CONCEPÇÕES SOBRE JUVENTUDES

Pensar sobre juventude é sempre um grande desafio, visto que, não podemos universalizar tal conceito, pois, a juventude precisa ser entendida no âmbito da pluralidade, nas suas diversas manifestações. De acordo com a UNESCO (2004) e o Estatuto da Juventude (2013), no aspecto biológico são considerados jovens quem possui idade de 15 à 29 anos. Considerando não apenas a diversidade de idade, mas também as diversas condições socioeconômicas, culturais e espaciais, torna-se mais evidente a variabilidade do conceito de juventude.

Não é a intenção deste trabalho, estabelecer um conceito da juventude piraquarense. Mas, sim, refletir sobre essa juventude que está presente na cidade e no cotidiano escolar.

Ao dialogar com membros da comunidade escolar, em especial os professores, sobre a percepção que os mesmos possuem dessa juventude, aparecem diversos olhares e pontos de vista. Algumas das percepções que escutamos são:

- distraídos, focados nos celulares e ignorando o que acontece ao seu redor;
- demasiadamente conectados, focados apenas nos celulares;
- perdida, procurando se encontrar, acabam ansiosos e não se encontrando;
- imediatistas, pois não tem paciência, buscando resultados rápidos, ao não conseguir se sentem frustrados;
- parece haver uma dificuldade em aceitar as regras e limites, a frustração é uma constância, estão sempre entediados;
- possuem uma relação mais horizontalizada com os professores, vendo alguns como mais próximos para conversar.

A percepção sobre a juventude por parte dos membros da comunidade escolar, especialmente dos professores, é multifacetada e revela uma série de observações distintas. As opiniões variam, refletindo as complexidades e desafios que a juventude enfrenta na sociedade contemporânea.

Algumas percepções destacam a forte presença da tecnologia na vida dos jovens, com o uso constante de celulares e aparente distração em relação ao ambiente ao seu redor, o que pode resultar em uma falta de foco e desconexão com o mundo físico.

Existe uma percepção de que muitos jovens estão em busca de uma identidade e significado, o que pode levá-los a sentimentos de ansiedade e frustração. Sua tendência ao imediatismo⁷ e a dificuldade em lidar com regras e limites podem ser reflexos desse desejo por resultados rápidos e autonomia.

Também é importante notar que alguns membros da comunidade escolar observam uma relação horizontalizada entre os jovens e os professores, onde os jovens veem alguns educadores como mais acessíveis para dialogar. Quando direcionado o mesmo questionamento aos estudantes, foram obtidas as seguintes auto-percepções:

- momento de transição da infância para a fase adulta;
- juventude é o momento de se aventurar e de errar;
- período de autodescoberta;
- ser jovem é não fazer o que os outros fazem;
- se permite em fazer coisas novas, porém, perdido no que quer;
- muitos não se encaixam na sociedade;
- individualista;
- precisa pensar no futuro, ter um bom emprego;
- a juventude hoje é triste, magoada e que reclama de tudo;
- pressão para projetar o futuro.

Os estudantes veem o período da juventude como uma fase de transição da infância para a fase adulta. É um momento de exploração, onde os jovens se aventuram e estão dispostos a cometer erros como parte do processo de experimentação. No entanto, essa busca por identidade pode ser confusa, levando muitos jovens a se sentirem perdidos em relação ao que realmente desejam.

A juventude também é caracterizada por uma certa individualidade, onde os jovens não querem seguir cegamente o que os outros fazem. Enfrentam pressões para pensar no futuro, buscar emprego estáveis e se encaixar na sociedade, ao mesmo tempo em que lidam com desafios emocionais e biológicos, incluindo sentimentos de tristeza e mágoa. A pressão para projetar um futuro pode ser esmagadora e contribuir para um ambiente onde os jovens sentem que precisam reclamar constantemente.

⁷ Esse imediatismo pode vir da relação com o fácil acesso que hoje se possui por meio da internet e das ferramentas que ela disponibiliza, os jovens podem se sentir frustrados por não conseguirem resultados rápidos, o que leva eles a desistirem ou não se empenharem em determinadas coisas.

Comparando as duas percepções sobre juventude, verifica-se em primeiro lugar que a auto-percepção está mais próxima da leitura acadêmica do que a dos educadores entrevistados. Ou seja, teoricamente, a juventude é vista de maneira geral a partir de “sua condição de transitoriedade, na qual o jovem é um ‘vir a ser’, tendo no futuro, na passagem para a vida adulta, o sentido das suas ações no presente” (DAYRELL, 2003, p.40). Nessa perspectiva é comum a naturalização do discurso de que os jovens precisam estar atentos ao que os adultos, através das instituições sociais, como a família, Estado, religião e escola projetam para eles, pois os jovens estão em seu processo de formação.

Contudo essa perspectiva nega o “presente vivido do jovem como espaço válido de formação, assim como as questões existenciais que eles expõem, bem mais amplas do que apenas o futuro” (DAYRELL, 2003, p.41). Parece que existe um certo saudosismo quando os adultos falam de juventude, fazendo comparações com seu período de juventude, no qual era melhor do que o atual.

Para pensar a juventude é preciso compreender que as sociedades são dinâmicas e as necessidades do jovem do passado, não são necessariamente as mesmas do jovem do presente. Portanto:

Enquanto o adulto vive ainda sob o impacto de um modelo de sociedade que se decompõe, o jovem já vive em um mundo radicalmente novo, cujas categorias de inteligibilidade ele ajuda a construir. Interrogar essas categorias permite não somente uma melhor compreensão do universo de referências de um grupo etário particular, mas também da nova sociedade transformada pela mutação. (PERALVA, 1997, p.23)

A compreensão das perspectivas dos jovens sobre a categoria da qual eles fazem parte, são essenciais para uma compreensão mais profunda da dinâmica social e cultural de uma sociedade em constante mudança. Para compreender verdadeiramente a juventude contemporânea, devemos ouvir atentamente o que os jovens têm a dizer e reconhecer o papel ativo que desempenham na sua própria formação enquanto indivíduo social.

Ao propor uma intervenção pedagógica a partir da percepção dos estudantes sobre o lugar que ocupam na cidade em que vivem, estamos trazendo o estudante para o papel central do desenvolvimento de seu conhecimento como indivíduo pertencente a uma sociedade.

4.1 UM CONCEITO DE JUVENTUDE

A sociologia da juventude não busca apenas identificar padrões comuns entre os jovens, mas “principalmente as diferenças sociais que entre eles existem” (PAIS, 1990, p.140). É importante reconhecer que a juventude não é uma entidade homogênea, mas com diversos contextos e experiências.

As formas de vida dos jovens trazem as marcas de seu lugar de origem, do convívio familiar, de sua formação religiosa, do seu olhar para com a sociedade que vive. “Juventude deve sempre ser definida como uma categoria relacional e contextual que não pode ser entendida isoladamente” (PEREIRA, 2016, p.16). Pensar sobre a juventude é compreender sua pluralidade, levar em consideração o contexto histórico-social, entender que “juventude” é um conceito que está em constante transformação e reconstrução. Sobre essa percepção de juventude, Novaes, expressa:

Lembrar que “juventude” é um conceito construído histórica e culturalmente já é lugar-comum. As definições sobre “o que é ser jovem?”, “quem e até quando pode ser considerado jovem?” têm mudado no tempo e são sempre diferentes nas diversas culturas e espaços sociais. (NOVAES 2012, p.105)

Para a autora existem marcadores sociais⁸ que irão variar as concepções de juventude, pois nem mesmo o indicador etário pode ser fixo. Segundo Novaes:

Para os que não têm direito à infância, a juventude começa mais cedo. E, no outro extremo - com o aumento de expectativas de vida e as mudanças no mercado de trabalho -, uma parte “deles” acaba por alargar o chamado “tempo da juventude” até a casa dos 30 anos. Com efeito, qualquer que seja a faixa etária estabelecida, jovens com idades iguais vivem juventudes desiguais. (NOVAES 2012, p.105)

O modo como os jovens vivenciam essa fase da vida tem relação direta com o contexto social que estão inseridos, a autora cita mais quatro marcadores sociais: classe social, gênero, “raça” e o local de moradia.

Existe uma diferença na concepção de juventude quando olhamos para as classes sociais, na qual o jovem de classe média e alta pode priorizar o estudo, que passa a ser sua principal responsabilidade, e atos de “irresponsabilidade” são

⁸ Marcadores sociais são características e identidades utilizadas para categorizar e classificar grupos de pessoas, podendo ser “raça”, etnia, gênero, orientação sexual, idade, classe social, religião, entre outros.

tratados como parte de uma fase da juventude. Já os jovens das classes mais baixa, têm o fim da fase da juventude antecipada, visto que, suas responsabilidades começam mais cedo e ultrapassam os estudos, precisando assumir o cuidado dos irmãos mais novos, se inserir no mercado de trabalho, que passa a ser sua prioridade. A esses jovens se é exigido uma antecipação do mundo adulto, não lhes sendo permitido a “irresponsabilidade” da juventude possível às classes mais abastadas.

Os recortes de gênero e “raça”, são outros marcadores que irão diferenciar a concepção de juventude. Segundo Novaes (2012, p.106) “Ser pobre, mulher e negra ou pobre, homem e branco faz diferença nas possibilidades de ‘viver a juventude’”. Essas possibilidades estão expressas nas oportunidades de trabalho, diferenças salariais e papéis que ocupam na sociedade.

Outro critério de diferenciação citado pela autora é o local de moradia, Novaes coloca o seguinte:

O endereço faz diferença: abona ou desabona, amplia ou restringe acessos. Para as gerações passadas esse critério poderia ser apenas uma expressão da estratificação social, um indicador de renda ou de pertencimento de classe. Hoje, certos endereços também trazem consigo o estigma das áreas urbanas subjugadas pela violência e a corrupção dos traficantes e da polícia - chamadas de favelas, subúrbios, vilas, periferias, morros conjuntos habitacionais e comunidades. Ao preconceito e à discriminação de classe, gênero e cor adicionam-se o preconceito e “a discriminação por endereço”. (NOVAES, 2012, p.106)

O lugar onde o jovem habita pode ser um fator que irá influenciar nas suas oportunidades e experiências, os estigmas relacionados a determinados espaços da cidade pode levar a formas de preconceito e discriminação. Também é um fator de diferenciação da vivência da juventude desses personagens sociais.

Para compreender a juventude contemporânea, é preciso considerar as mudanças no mundo de hoje, assim como, é preciso ter em mente que os fatores da desigualdade social e das diferenças sociais são elementos fundamentais para conceituar e refletir sobre as diferentes juventudes.

4.2 JUVENTUDE, ESCOLA E SOCIALIZAÇÃO

A escola não é apenas um local de aprendizado, mas também de construção da identidade juvenil, ambiente onde os estudantes sociabilizam com diversos indivíduos que possuem diferentes visões de mundo. Segundo Pereira:

A escola possibilita a configuração de uma experiência juvenil específica, sendo uma das agências responsáveis pela definição contemporânea de juventude, os jovens, em suas experiências escolares, não apenas têm reinventado a escola como também produzem outras formas possíveis de vivenciar a experiência escolar, por meio da desestabilização das regras disciplinares. (PEREIRA, 2016, p.17)

A escola passa a ser não apenas um espaço importante de socialização, mas também de sociabilidade. Compreendo que, quando falamos de socialização, nos referimos a internalização de normas e valores sociais e culturais, dos quais, nós indivíduos somos ensinados para interagir na sociedade da qual pertencemos. Já a sociabilização se refere a intencionalidade de relacionamento com os outros, ou seja, está relacionado ao desenvolvimento da capacidade de nos relacionar com os demais membros da sociedade.

Segundo Dayrell (2007, p.1110-1111), a sociabilidade “se desenvolve nos grupos de pares, preferencialmente nos espaços e tempos do lazer e da diversão, mas também presentes nos espaços institucionais como a escola ou mesmo o trabalho”. Hoje é perceptível que tais espaços de sociabilização não são apenas físicos; os celulares e a internet, que se configuram no ciberespaço⁹, fazem parte desse processo, “alterando não apenas suas vivências subjetivas, mas também as regras das escolas onde estudam, pela produção de novos modos de se relacionar que criam grande tensão”. (PEREIRA, 2016, p.18)

A partir dos documentos oficiais como a Base Nacional Comum Curricular (BNCC), é definido o conjunto de aprendizagens essenciais que os estudantes precisam desenvolver ao longo da Educação Básica. Segundo Ione Ribeiro Valle ([2013] 2015 p.12), tais documentos estão sujeitos em sua construção “ao engajamento político e pedagógico de administradores e de profissionais da educação, às expectativas das famílias em relação ao saber e à formação”. Dessa forma é selecionado um conjunto de saberes, habilidades e aprendizagens, que é estabelecido por um determinado grupo da sociedade, que acaba por entrar em conflito com interesses e perspectivas dos jovens.

⁹ Ciberespaço, refere-se a um conceito que descreve o ambiente virtual ou digital onde ocorrem atividades relacionadas à internet e à tecnologia da informação.

Segundo Bourdieu (2015) a escola opera a favor dos interesses das classes privilegiadas¹⁰, unificando a concepção do estudante, não considerando as particularidades de cada um,

Ainda que sejam diferentes em outras relações, os estudantes, quando considerados no seu papel de estudante, têm em comum o fato de estudar, quer dizer, na ausência de toda assiduidade ou de todo exercício, de submeter e de experimentar a subordinação de seu futuro profissional a uma instituição que, com diploma, monopoliza um meio essencial do sucesso social. Mas os estudantes podem ter em comum determinadas práticas, sem que se possa concluir que eles têm uma experiência idêntica e sobretudo coletiva. (2015, p.29)

Embora os jovens possam adotar práticas comuns como a atividade de estudar, não possuem experiências idênticas. Ao ingressar no Ensino Médio, cada estudante traz consigo suas experiências, aspirações individuais, contexto pessoal e expectativas, o que está diretamente relacionado com o marcador social que esse jovem ocupa na sociedade. Portanto, assim como a experiência de ser jovem é múltipla, a experiência desse jovem na escola é individual.

A vivência da escola é experimentada pelos jovens de formas diferentes, chegando a serem vistos como transgressões, pois não respeitam as normas estabelecidas por esses espaços. Segundo Pais (2012, p.7), “as culturas juvenis são vincadamente performativas porque, na realidade, os jovens nem sempre se enquadram nas culturas prescritivas que a sociedade lhes impõe”.

O celular, com seu acesso à internet, às redes sociais e seus jogos, é visto como o antagonista da escola, que desvia a atenção dos estudantes. É muito comum em uma sala de aula o professor solicitar que o estudante guarde o celular, tire o fone de ouvido, não responda mensagens e até ligações em sala. Os jovens hoje não frequentam apenas os espaços físicos da sociedade, mas também os espaços virtuais, podendo estar em vários lugares ao mesmo tempo. O celular também é um meio de comunicação e socialização do jovem e, de acordo com Pais (2012 p.11), o mundo virtual pode ser visto como uma fuga da realidade, diante das incertezas estabelecidas perante estruturais sociais fluidas,

os jovens sentem a sua vida marcada por crescentes inconstâncias, flutuações, descontinuidades, reversibilidades, movimentos autênticos de vaivém: saem da casa dos pais para um dia qualquer voltarem; abandonam

¹⁰ Refere-se a marcadores sociais como classe social, gênero e “raça”.

os estudos para retomar tempo depois, encontram um emprego e em qualquer momento se veem sem ele. (PAIS, 2012, p.8)

Diante dessas incertezas os jovens buscam o conforto no ciberespaço, pois de acordo com o autor, “no cenário virtual de um jogo de computador descobrem-se como protagonistas” (PAIS, 2012, p.11). Se sentem no controle de suas vidas e concretizam novas vivências da realidade.

Diante dessa realidade a escola passa a ser vista como um espaço que impõe regras e conhecimentos que precisam ser assimilados, que os jovens não compreendem a importância, o que leva à resistência. Segundo Pais (2012, p.11), “para muitos jovens o mundo da escola parece aleatório: as avaliações são aleatórias, os diplomas idem, o futuro ‘aspas, aspas’, apesar dos suportes familiares. O mundo real, da ‘vida verdadeira’, é cheio de incertezas”.

A juventude é um reflexo de nossa cultura, suas experiências são variáveis e dinâmicas, de acordo com o contexto histórico-social. Logo, sua vivência no espaço escolar, as necessidades, preocupações e a forma como os jovens ocupam esse espaço também sofrem alterações.

Os jovens estão inseridos na sociedade e possuem um lugar nela, portanto, são sujeitos sociais, que possuem suas individualidades, que quando inseridos no espaço escolar, interagem com outros jovens e com as diferentes visões de mundo. A escola passa a ser um importante espaço de construção de identidade que, de acordo com Dayrell e Carrano (2014), é a forma como nos relacionamos com o mundo e com o outro a partir de nossas experiências individuais, nos identificando como sujeitos pertencentes ao grupo social.

5. INTERVENÇÃO PEDAGÓGICA: UMA PERCEPÇÃO DA CIDADANIA E DO DIREITO À CIDADE.

A sociedade em que vivemos está em constante movimento, mudando de forma acelerada as relações sociais e nossas interações com o mundo social. A Sociologia é um instrumento intelectual capaz de nos fornecer ferramentas¹¹ para poder compreender tais mudanças. Fomentar nos estudantes uma perspectiva sociológica implica equipá-los com formas de compreender o mundo em que estão inseridos.

O objetivo do componente curricular de Sociologia no Ensino Médio, não é formar sociólogos, mas, oportunizar que os estudantes tenham contato com maneiras constituídas pela Sociologia para conceber e perceber a sociedade.

De acordo com as Diretrizes Curriculares da Educação Básica de Sociologia,

O ensino deve contemplar a dinâmica dos fenômenos sociais, explicando-a para além do senso comum, de modo que favoreçam uma leitura da sociedade à luz da ciência, permitindo que a dimensão analítica do conhecimento sociológico estabeleça um diálogo contínuo com as transformações socioeconômica, culturais e políticas contemporâneas.(2008, p.92-93)

Desenvolver metodologias capazes de cumprir tais objetivos é um desafio constante, mediante a dinamicidade e multiplicidade das juventudes. A intervenção pedagógica é uma ação que produz metodologias capazes de atingir os sujeitos na produção do pensamento crítico e reflexivo.

Para Damiani *et al* (2013, p.58) as intervenções pedagógicas “são investigações que envolvem o planejamento e a implementação de interferências (mudanças, inovações), destinadas a produzir avanços, melhorias, nos processos de aprendizagem dos sujeitos que delas participam, e a posterior avaliação dos efeitos dessa interferências”. A partir da intervenção pedagógica, podem-se criar estratégias e desenvolver metodologias para atingir os objetivos propostos. É importante ressaltar a importância do olhar individualizado para cada realidade escolar, pois cada comunidade possui suas particularidades, a partir do contexto histórico, social, econômico e cultural.

¹¹ Entende-se por ferramentas as bases teóricas e metodológicas já produzidas até o momento.

O propósito desta intervenção pedagógica é pensar a cidade e seus espaços de sociabilidade juvenil, contribuindo para a percepção do jovem na construção de sua identidade e na sua percepção de mundo enquanto sujeito social pertencente aos espaços que está inserido.

Essa proposta de intervenção seguiu as orientações da BNCC, com relação às competências específicas de ciências humanas e sociais aplicadas para o ensino médio, assim como as habilidades a serem alcançadas. A temática escolhida foi, “Direito e Cidadania”, utilizando a cidade como metodologia de estudo.

A competência específica é: “Participar do debate público de forma crítica, respeitando diferentes posições e fazendo escolhas alinhadas ao exercício da cidadania e ao seu projeto de vida, com liberdade, autonomia, consciência crítica e responsabilidade” (BNCC, 2019 p.578).

O conceito de cidadania está em constante mudança, de acordo com o tempo e com o espaço. O que entendemos como cidadãos em Atenas na Grécia Antiga (homens, acima de 18 anos, nascidos em Atenas e filhos de pai e mãe ateniense), é bem diferente de como compreendemos hoje.

Foi utilizado o conceito de cidadania do sociólogo britânico Thomas H. Marshal (1967, p.76), que estabelece que “a cidadania é um status concedido àqueles que são membros integrais de uma comunidade”, ou seja, o cidadão é aquele que exerce seus direitos civis (direitos individuais), políticos (participação política) e sociais (acesso a serviços públicos) de forma plena.

O objetivo dessa intervenção pedagógica é fomentar nos estudantes a importância de seu papel político na sociedade que estão estabelecidos, estimulando sua atuação como cidadão crítico e pertencendo aos espaços que ocupam.

5.1 A PERCEPÇÃO DOS ESTUDANTES SOBRE PIRAUARA

Primeiro Momento

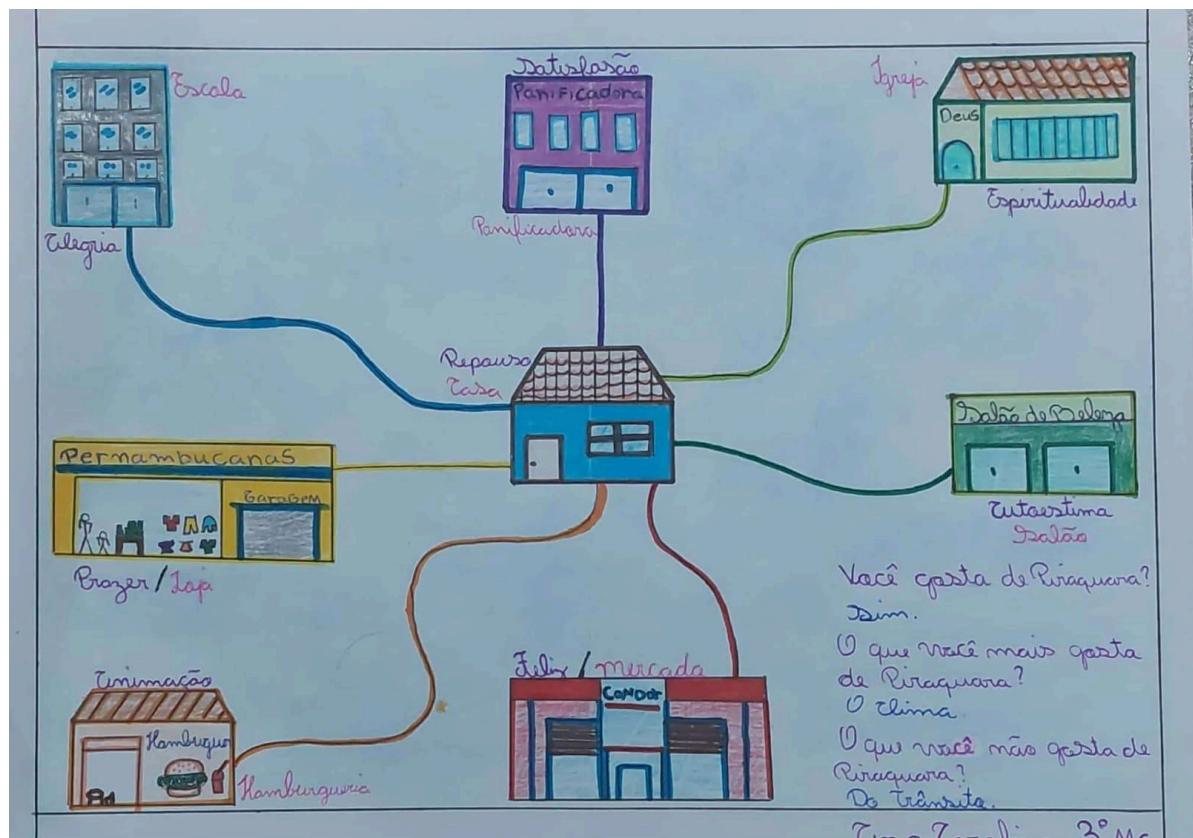
Segundo Yiu-fu Tuan (1980) o conhecimento de uma cidade varia muito de uma pessoa para outra, o que tem relação com o sentimento de pertencimento que cada um tem com a cidade, o que Tuan irá denominar como “topofilia”, que se associa a sentimento de lugar.

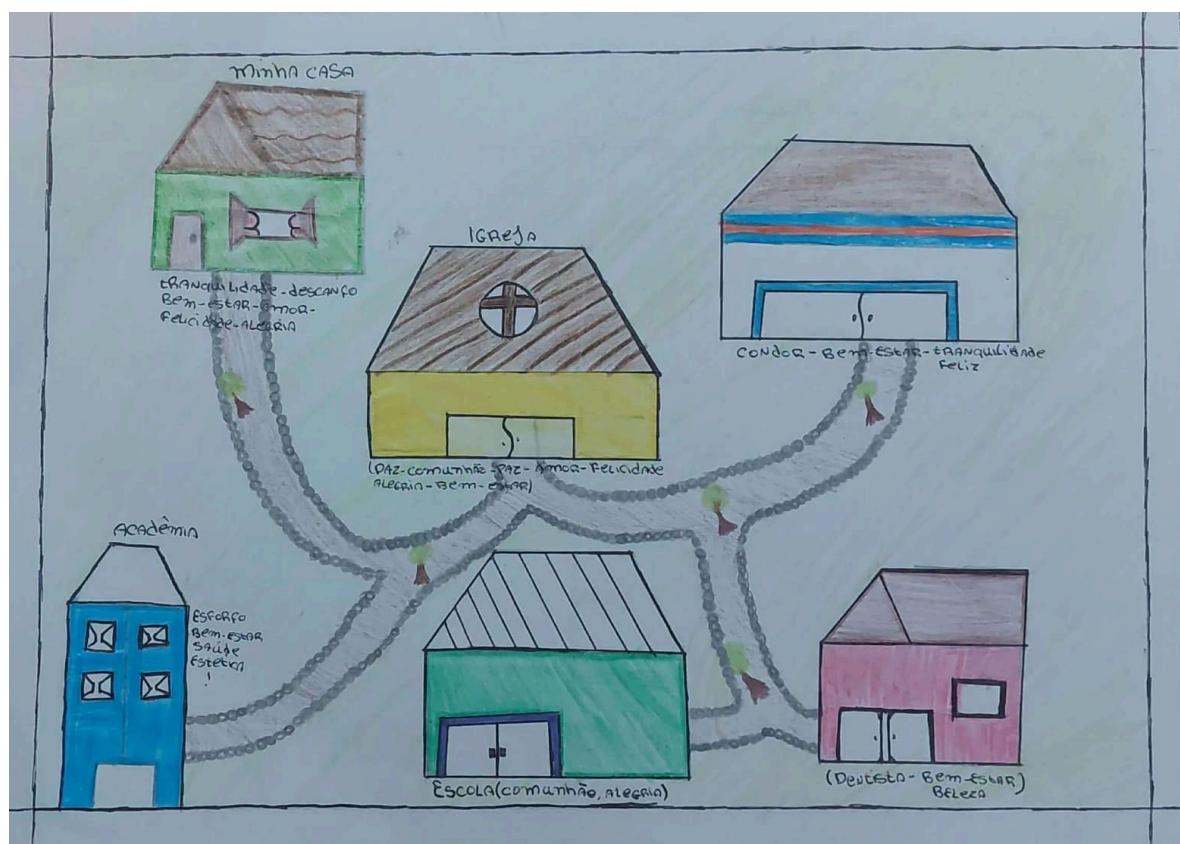
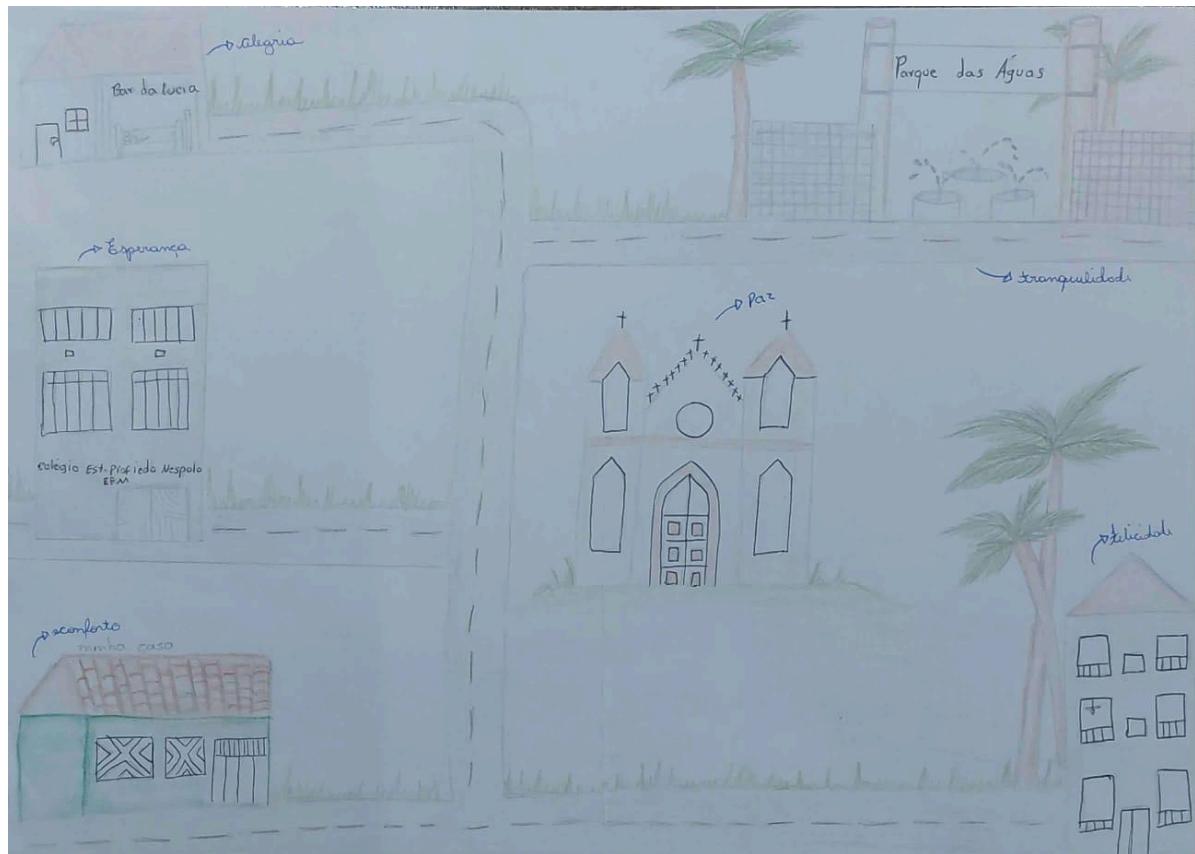
Partindo desse olhar, o primeiro momento foi investigar como Piraquara era vista pelos estudantes. Para isso, foi realizada uma atividade sobre os lugares que gostavam e que sentimento nutriam por esses lugares: se gostavam, o que gostavam e o que não gostavam da cidade de Piraquara.

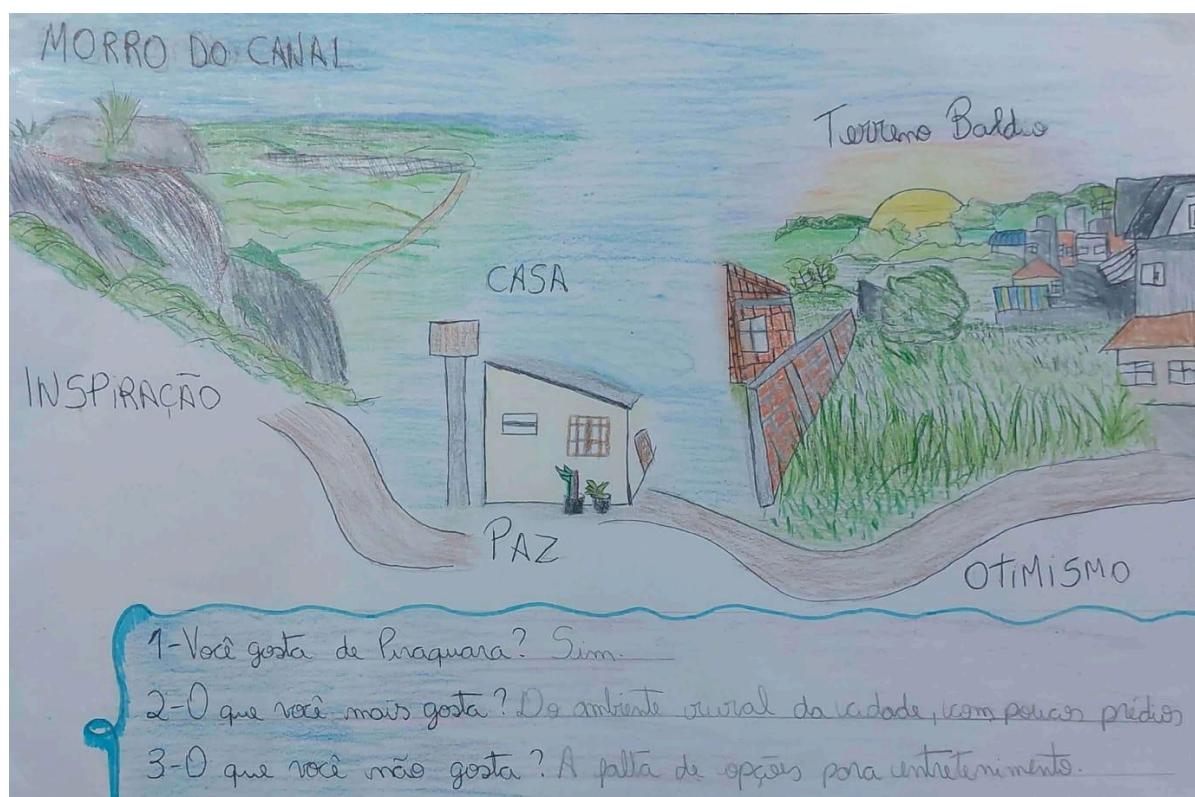
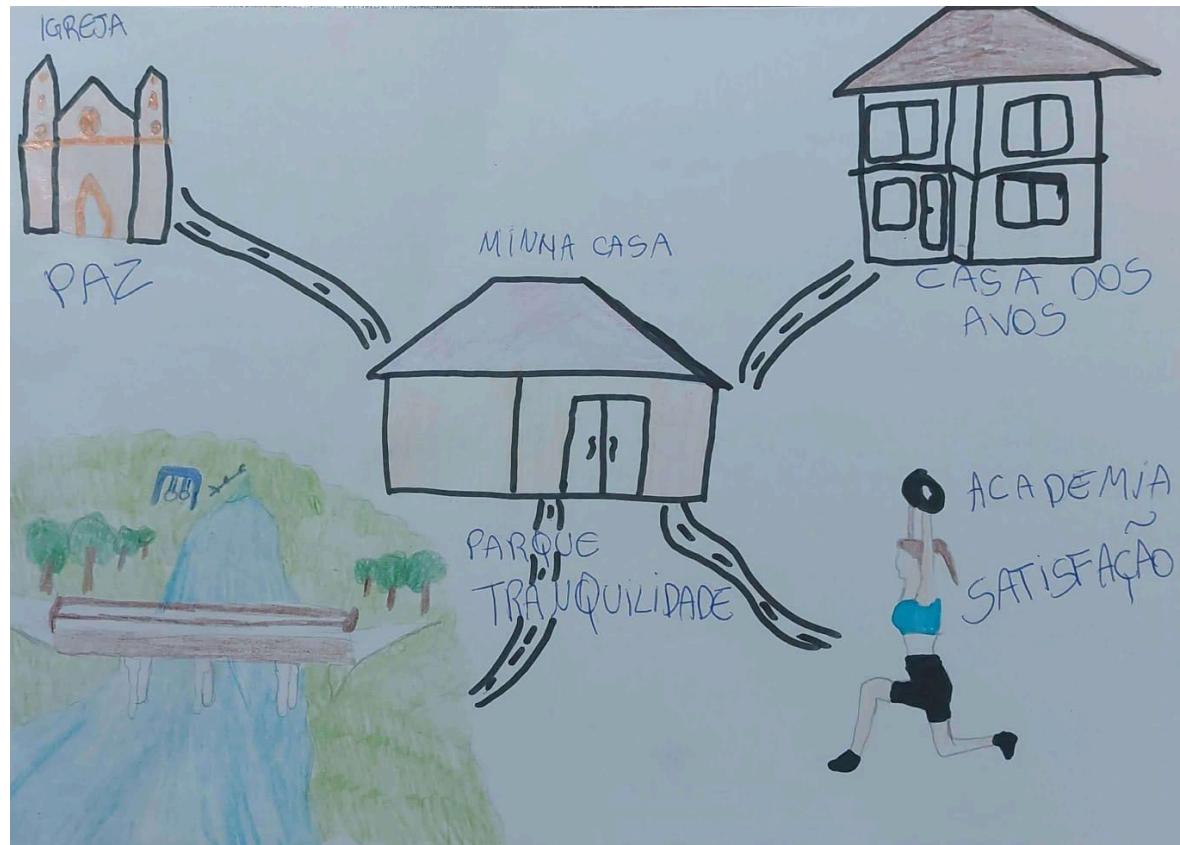
A atividade consistia em realizar a construção de um mapa individual dos lugares que os estudantes frequentam e passam pela cidade, expressando como se sentem nesses espaços. Consistiam em três perguntas bases: Você gosta de Piraquara? O que você mais gosta? O que você não gosta? O objetivo dessa atividade foi fazer uma análise preliminar sobre como os estudantes se sentem na cidade em que moram.

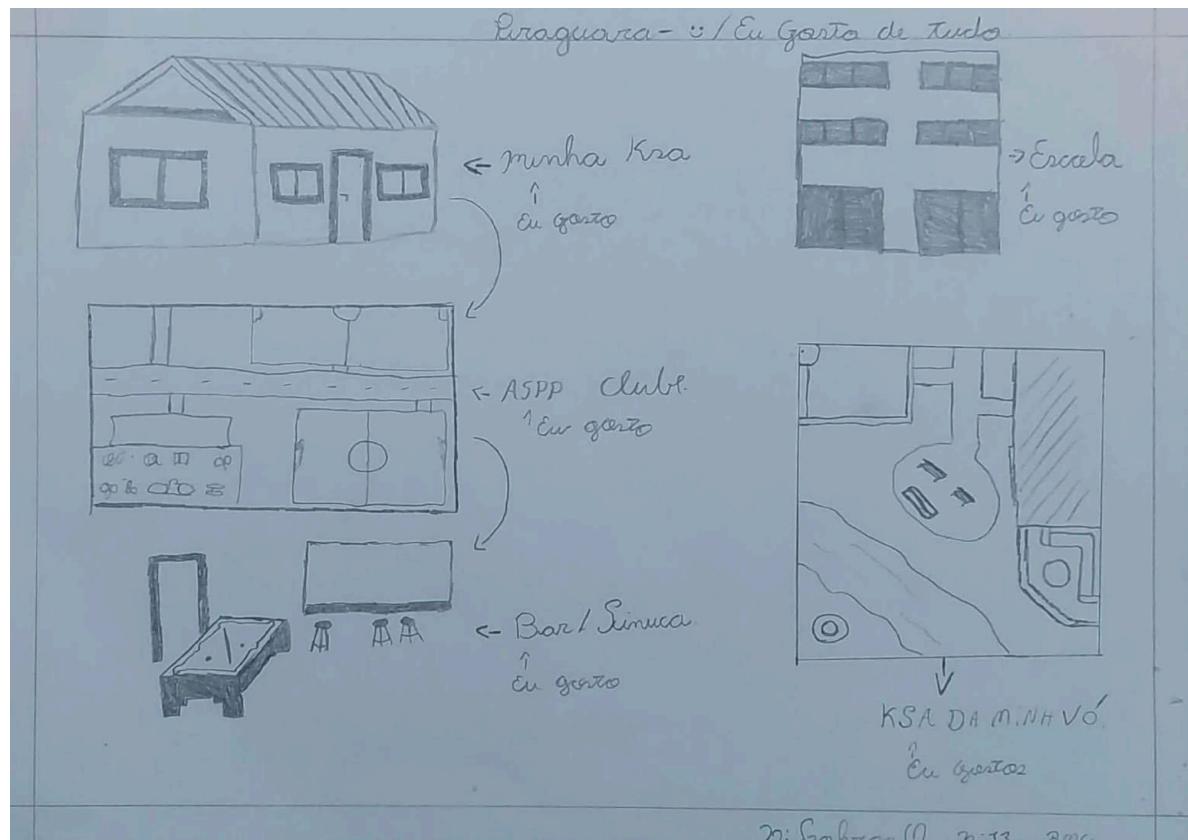
A seguir algumas das atividades:

FIGURA 2: Mapa individual produzido pelos estudantes.









A atividade foi realizada com a participação de 54 estudantes, contemplando indivíduos de ambos os gêneros (feminino e masculino) e representando uma diversidade étnico-racial, composta por pessoas negras, pardas, indígenas e brancas. Com relação a pergunta: “Você gosta de Piraquara?”, foi obtido o seguinte resultado: 37 responderam que gostam da cidade, apenas 4 afirmaram não gostar da cidade e 13 não responderam. Segue o demonstrativo na tabela a seguir:

TABELA 3: Você gosta de Piraquara?	
Você gosta de Piraquara?	Quantidade
Sim	37
Não	4
Não gosta e nem desgosta	7
Sem uma resposta definida	2
Não respondeu	4

Dos principais motivos para gostar da cidade estão: a casa e o lugar em que moram, com 13 afirmações; a natureza e as paisagens, com 8 afirmações e o

Parque das águas, com 7 afirmações; 3 não responderam. Já, os principais motivos para não gostarem ou não saberem, foram: as pessoas mal educadas, com 10 afirmações; o fato de não ter muitos lugares para lazer que os atraem, com 9 afirmações e o trânsito com 6 afirmações; 7 não responderam. Como mostra a tabela a seguir:

TABELA 4: O que mais gosta e o que não gosta em Piraquara?			
O que mais gostam em Piraquara?	Quantidade	O que não gostam em Piraquara?	Quantidade
Lugar que moro/minha casa	13	Pessoas mal educadas	10
As paisagens/natureza	8	Não ter muitos lugares para lazer	9
Parque das Águas	7	Trânsito	6
Das pessoas que gosto/família/amigos	6	Escola	4
Tranquilidade	6	Falta de estrutura nas ruas	2
Clima	5	Longe de outros lugares	2
Quadra de esportes	4	Piraquara	2
Lugares para comer	3	Não ter shopping	2
Academia	2	Outras respostas**	14
Escola	2	Não responderam	7
Outras respostas*	12		
Não responderam	3		

*Foram 12 respostas, cada uma com uma afirmação (trabalho, casada sogra, morar em Piraquara, do ambiente rural da cidade, gosto de tudo, das ruas asfaltadas, casa da avó, casa da namorada, dos lugares de lazer, minha namorada, cinema, terreiro).

** Foram 14 respostas, cada uma com uma afirmação (algumas lembranças, a política, da maioria da juventude, Colégio Estadual Romário Martins, pessoas extremamente religiosas, minha casa, Júlio, tudo caro, falta de segurança, Vila Bela Vista, presídio, poucas oportunidades de trabalho, cemitério e filas).

Com essa atividade foi possível perceber de forma prévia, como os estudantes viam e se relacionavam com a cidade e seus espaços e suas respostas foram a partir de uma perspectiva individual. Ao longo da realização da atividade muitos ficaram sem saber direito como fazer ou o que responder, o que demonstra que nunca tinham parado para pensar sobre o que gostavam e o que não gostavam da cidade.

Esse exercício acabou por estimular os estudantes a pensar os espaços que eles frequentavam na cidade e perceber a relação que tinham com eles. Começaram a pensar sobre esses espaços e os motivos pelos quais os frequentavam, pensamentos esses, que pareciam não fazer parte das percepções dos estudantes. Ou seja, o trabalho metódico, a partir da sociologia, questionando-os sobre a rotina da vida que se dá de forma naturalizada, permitiu uma elaboração mental sobre sua relação com o espaço vivido.

Infelizmente, este exercício de reflexão não atingiu a todos: para muitos não havia sentido a atividade, por mais que ela tenha sido explicada, não viam o porquê em pensar sobre isso e até mesmo realizaram a atividade de qualquer jeito, algo que pode ser reflexo de muitos fatores, entre eles a desvalorização do sentido da escola e da educação formal para os estudantes. Parece haver, uma incompreensão ou sentido para aquilo que está sendo desenvolvido na escola. O que pode ser reflexo de uma falta de paciência na produção do pensamento, pois pensar é algo trabalhoso e nos dias atuais, agravado pelo acesso à internet, espaço em que as coisas são mais rápidas e prontas.

Na mesma atividade foi possível identificar os espaços nos quais os estudantes se sentem bem, dos quais 47 responderam a casa e o local em que moram, 24 na escola, 18 nos espaços religiosos (Igreja e Terreiro), 12 nos estabelecimentos de comida e bebida e 11 no Parque das Águas. Com esses dados é possível perceber que os espaços que se sentem bem são aqueles em que ocorrem momentos de interação social.

Interessante destacar que apenas 5 estudantes colocaram espaços dos quais não se sentem bem, 4 a escola e um o posto de saúde. Veja a tabela a seguir:

TABELA 5: Lugares que se sentem bem e lugares que não se sentem bem.	
Lugares que se sentem bem	Quantidade de resposta
Casa e local em que moram	47
Escola	24
Espaços religiosos (Igreja e Terreiro)	18
Estabelecimentos como bares e restaurantes	12
Parque das Águas	11
Casa da avó	9

Mercado	7
Quadra de esportes	8
Acadêmia	6
Trabalho	6
Casa da(o) namorada(o)	5
ASPP Clube	4
Escola	3
Panificadora	2
Banco	1
Chácara dos Pais	1
Cinema	1
Curso	1
Dentista	1
Lojas	1
Morro do Canal	1
Piraquara	1
Pista de Skate	1
Prefeitura	1
Caminhar	1
Salão de beleza	1
Terminal	1
Terreno Baldio	1
Lugares que não se sentem bem	Quantidade de respostas
Escola	4
Posto de Saúde	1
Não responderam	4

Segundo Momento

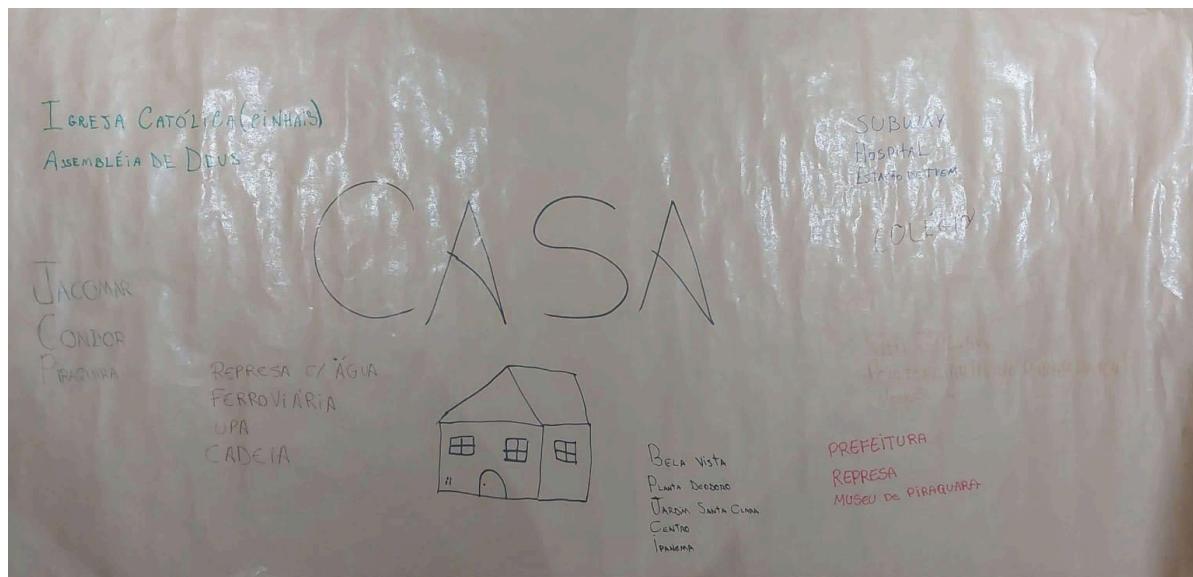
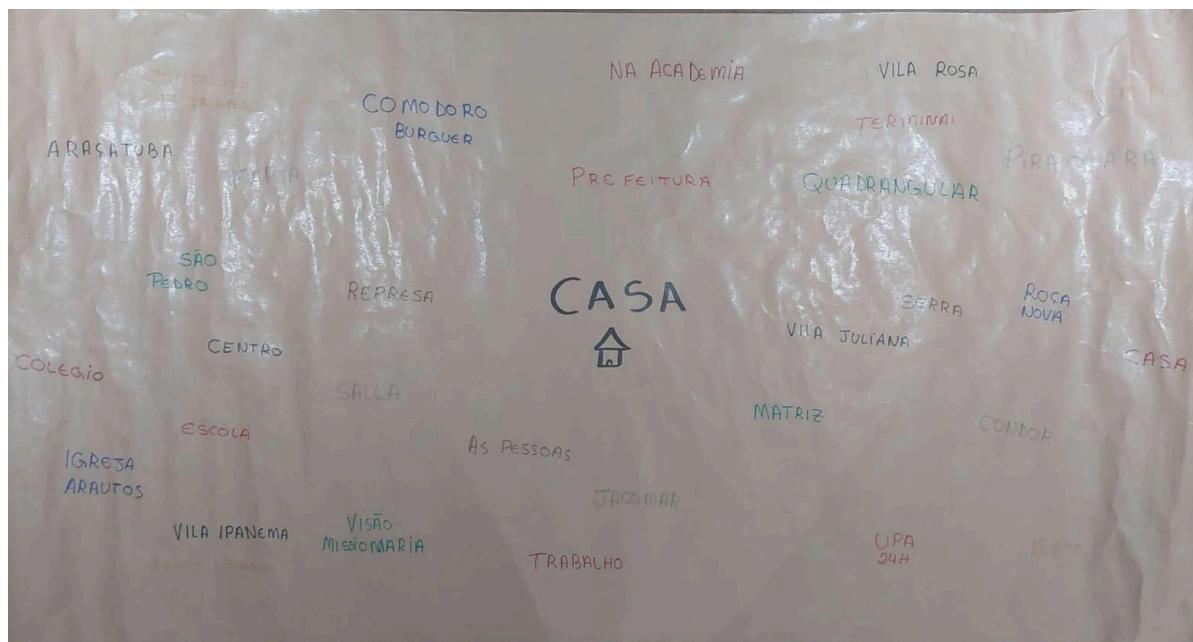
A proposta dessa aula foi fazer duas atividades: uma com o objetivo dos estudantes pensarem nos espaços que ocupam na cidade, e a outra para identificar, a partir dos conhecimentos já adquiridos desses estudantes, o que consideram importante ter em uma cidade. Para a realização dessas atividades, a turma foi dividida em dois grupos.

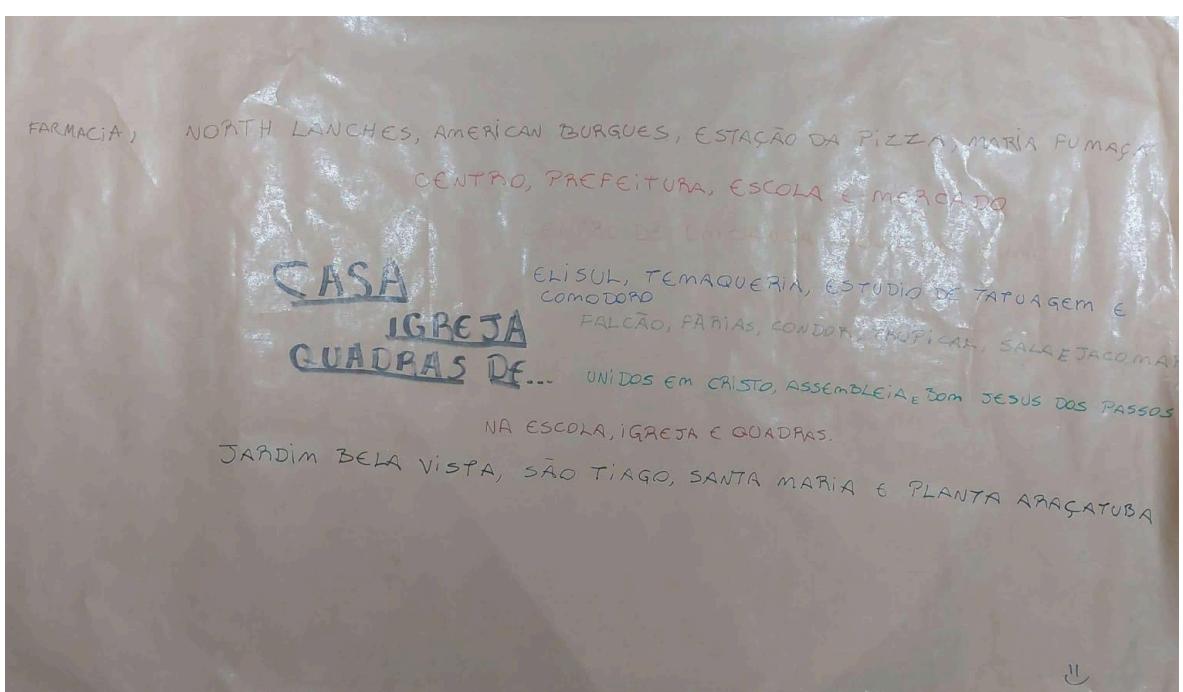
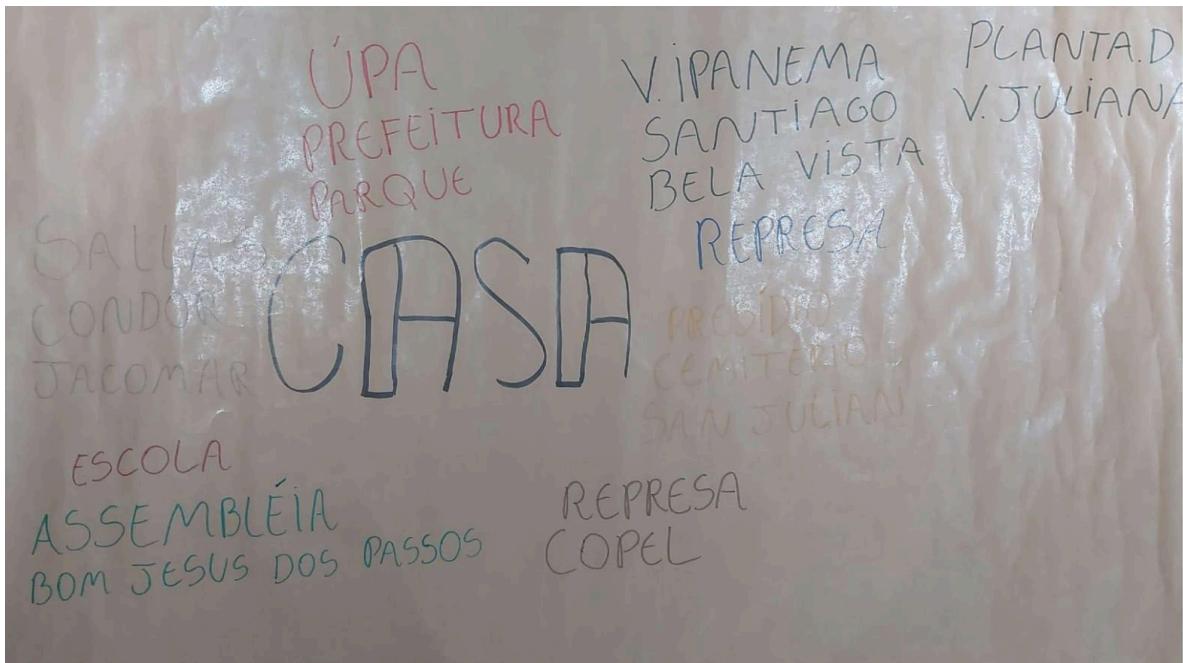
Para a primeira atividade foi entregue aos estudantes um pedaço de papel Craft e canetinhas, foram realizadas algumas perguntas, das quais os estudantes poderiam responder de acordo com seus interesses, cada pergunta foi respondida com uma cor diferente segundo a orientação. As perguntas foram:

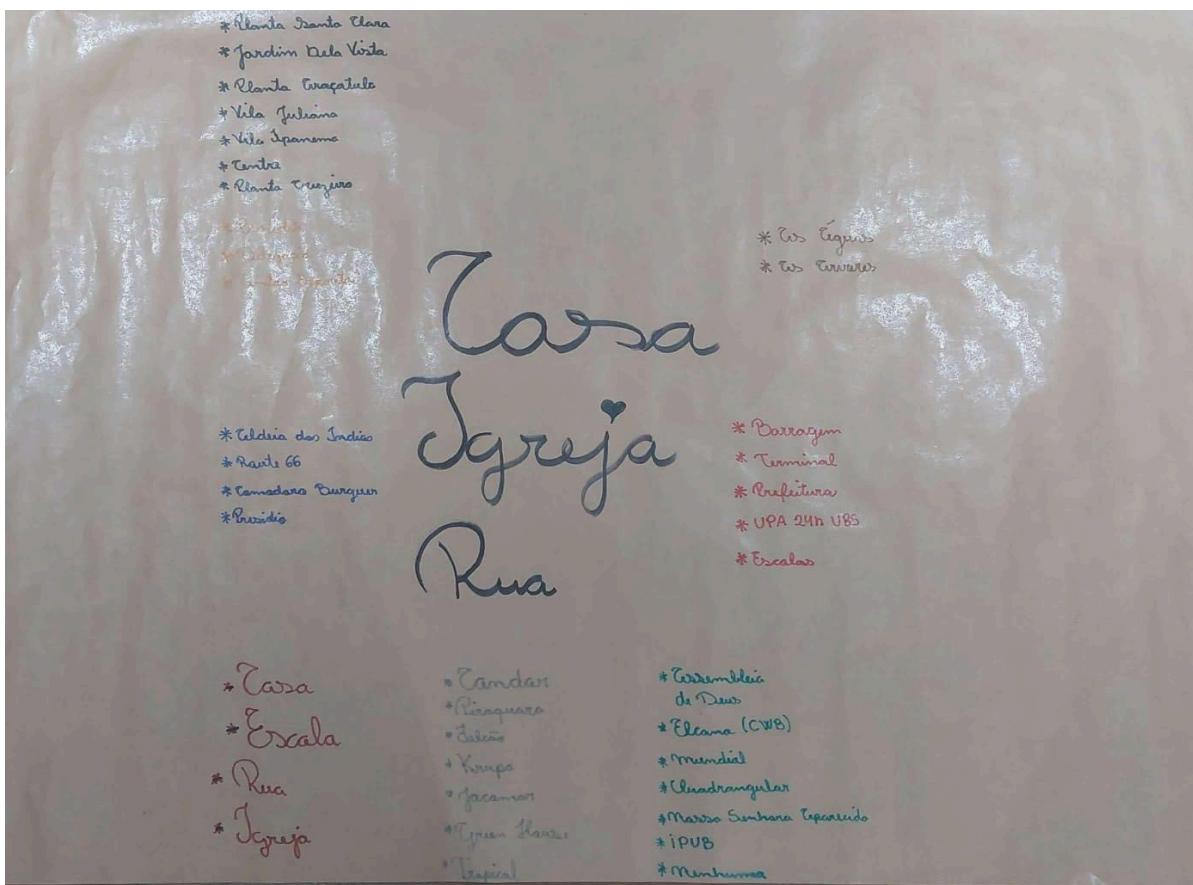
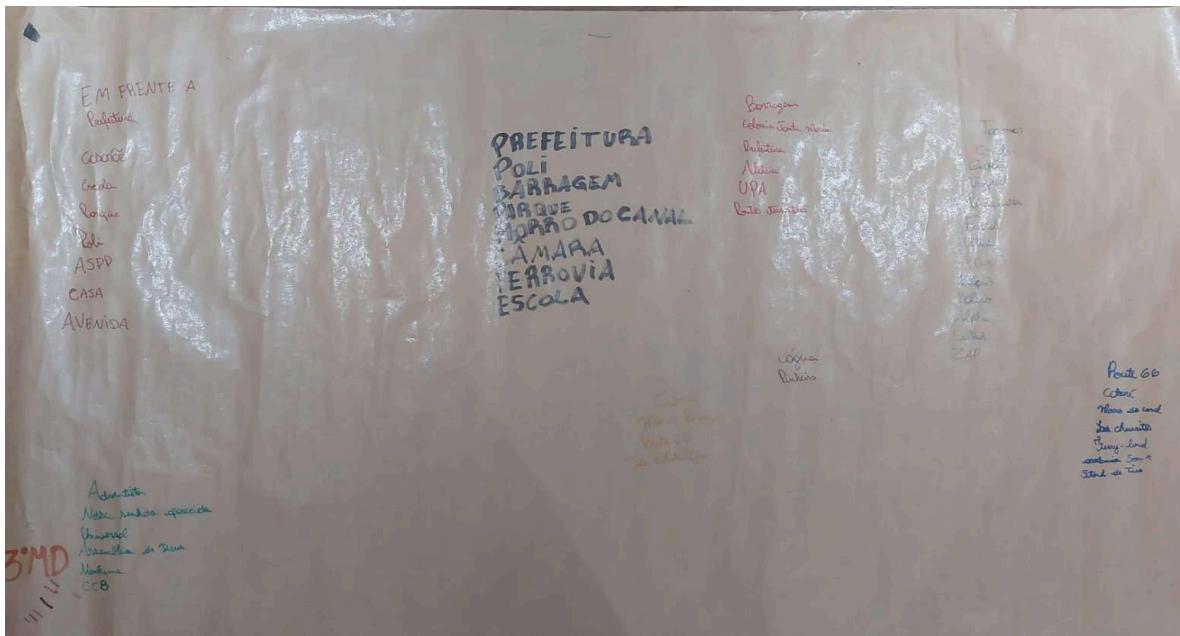
- Qual lugar você mais gosta em Piraquara? (cor de caneta preta).
- Onde encontram os amigos? (cor de caneta roxa)
- Qual mercado vai quando precisa comprar algo? (cor de caneta cinza)
- Qual Igreja frequenta? (cor de caneta verde)
- Qual lugar da cidade você nunca foi, mas tem vontade de ir? (cor de caneta azul)
- Qual lugar você considera mais importante para a cidade? (cor de caneta vermelha)
- Qual lugar você não gostaria de ir? (cor de caneta laranja)
- O que Piraquara tem de importante? (cor de caneta marrom)

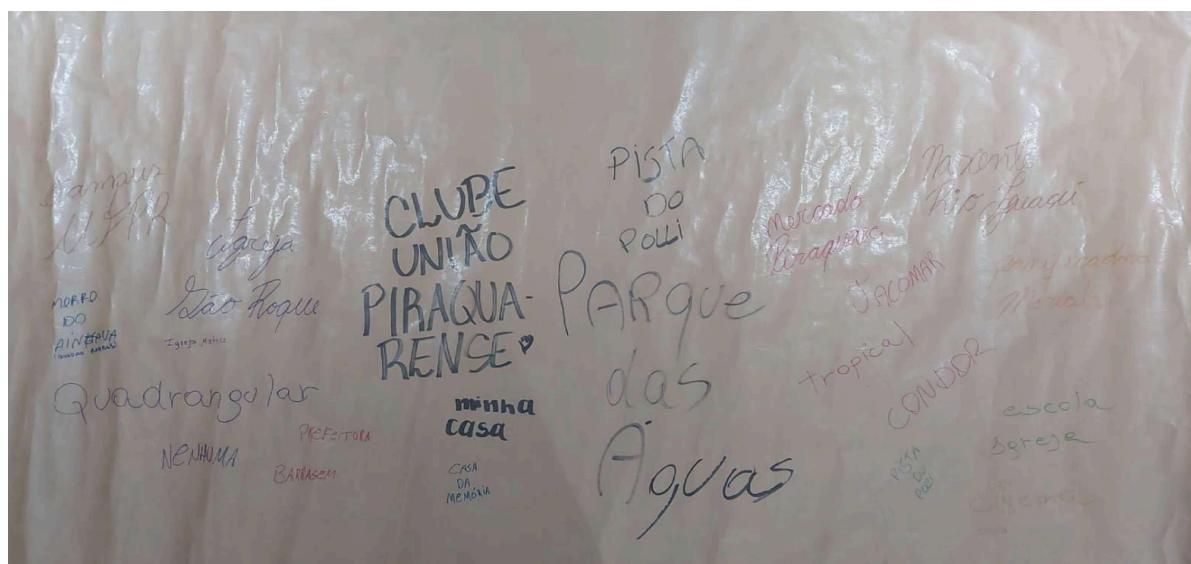
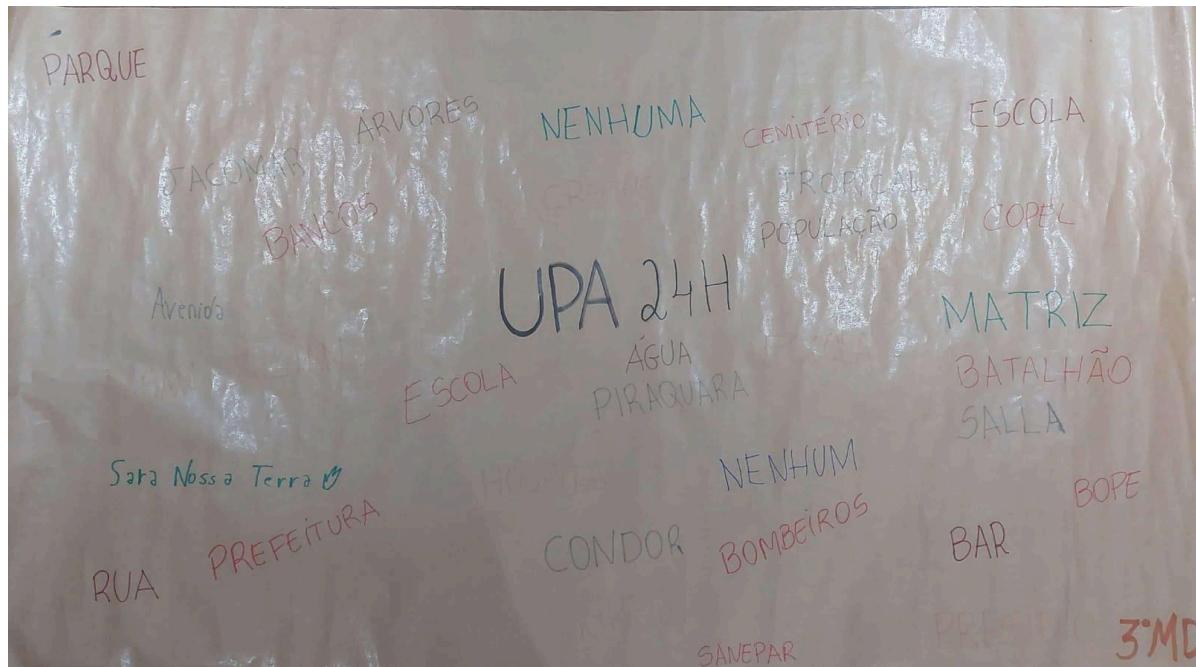
Essas perguntas foram elaboradas levando em consideração os possíveis espaços frequentados e percorridos pelos estudantes no cotidiano urbano. Esses locais não apenas representam cenários físicos, mas também funcionam como espaço de interação social, onde ocorrem troca simbólicas, construção de identidade e formação de laços interpessoais. Ao considerar tais ambientes, buscou-se compreender como os estudantes se relacionam com a cidade, de que forma percebem esses espaços e quais experiências são medidas por eles. Esses locais, também refletem dinâmicas sociais, culturais e econômicas que influenciam diretamente a vivência e a percepção dos estudantes no contexto urbano.

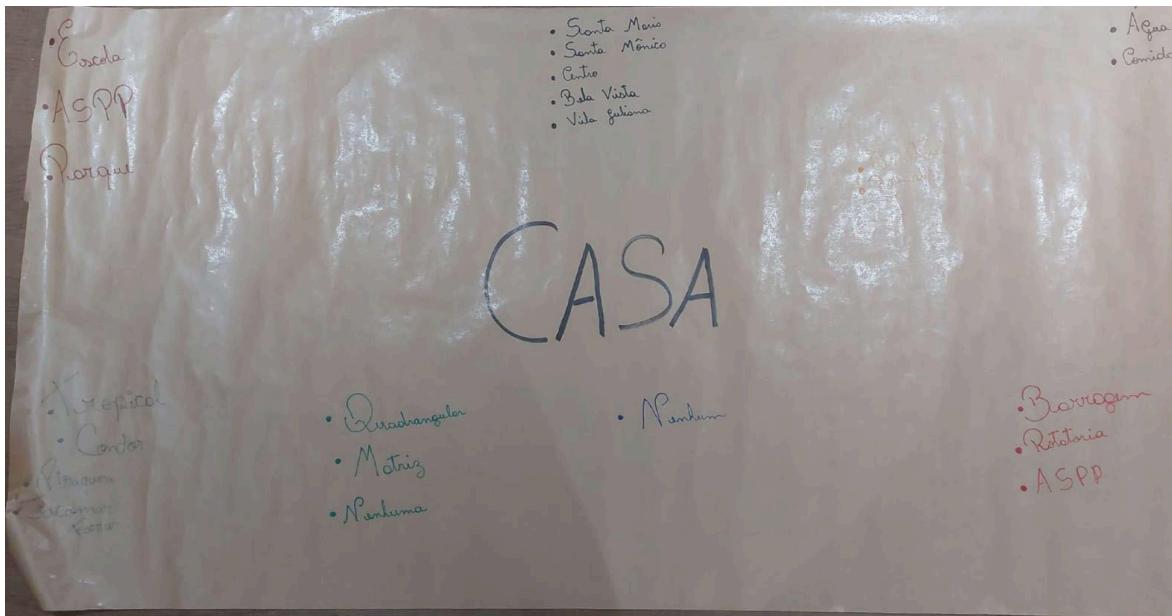
FIGURA 3: Materiais produzidos pelos estudantes











A partir dessa primeira atividade foi possível identificar, agora de forma coletiva, como olham para a cidade e alguns espaços que frequentam, oportunizando que essa discussão ocorresse no coletivo, no momento que realizavam a atividade.

Foi um momento de descontração, pois se divertiram ao fazer a atividade, um momento em que puderam conversar com os colegas e até mesmo conhecer mais uns aos outros. Ao final da atividade um aluno disse: “adorei essa aula, poderíamos fazer mais vezes”.

Os resultados da atividade foram:

FIGURA 4: Qual lugar você mais gosta em Piraquara?



Os estudantes apresentaram que seus lugares de sociabilidade estão na vida doméstica (como a casa, a igreja e a escola) e no espaço público (parques e quadras). Sendo a casa o espaço mais citado em relação ao sentimento de bem estar.

Aparentemente a maior parte dos estudantes apresentam um comportamento mais doméstico, o que pode estar diretamente relacionado com o sentimento de identidade e pertencimento que esses jovens possuem por e com esses espaços.

Pode ser considerado também, que o uso cada vez mais frequente dos espaços virtuais altera as práticas de sociabilidade e intervenham nos significados e sentidos que os espaços físicos possuem.

FIGURA 5: Onde encontram os amigos?



A escola é o espaço mais citado pelos estudantes para encontrar os amigos, o que pode ser o fator conflitante com os docentes, pois enquanto os estudantes querem socializar os professores querem passar os conteúdos. Segundo Pereira (2016, p.97), a sala de aula “quase sempre são caracterizadas como lugares de disputa entre os dois principais atores sociais da escola: os professores e os alunos”.

A escola é o local de convivência das diferentes juventudes, um espaço também de interação, e os estudantes veem mais efetividade da escola como locus de sociabilidade geracional, do que aquilo que os adultos objetivam: o de adquirir conhecimentos propostos. O fato dos estudantes terem gostado de fazer essa atividade, é um exemplo pontual, mas importante, para entender essa visão, pois houve uma interação maior uns com os outros do que normalmente ocorre.

Embora a escola tenha tido maior destaque, a casa, ruas e parques foram citados de forma expressiva, mostrando que a sociabilidade dos estudantes ocorrem em outros espaços, de forma mais ou menos constante e evidente, indicando que circulam por vários espaços urbanos, constituindo uma rede de sociabilidade.

FIGURA 6: Qual mercado vai quando precisa comprar algo?



Para fazer compras ou comprar aquilo que necessitam, os estudantes frequentam diversos lugares, das grandes redes de supermercados até os pequenos mercados dos seus bairros.

FIGURA 7: Qual espaço religioso frequenta?



Com relação aos espaços religiosos, pode ser observado que muitos dos estudantes fazem parte de uma religião, sendo bem diverso o número de religiões presente entre o grupo estudado. A igreja também foi um espaço que apareceu quando perguntado sobre os lugares que gostam. Essa adesão às religiões pode estar relacionada à herança familiar ou ao sentimento de acolhimento, por se sentirem que estes espaços formam uma comunidade, no sentido do pertencimento.

FIGURA 8: Qual lugar da cidade você nunca foi, mas tem vontade de ir?



Entre as respostas dos estudantes, podemos observar que existem vários lugares de Piraquara que gostariam de conhecer, porém, por alguma razão não tiveram a oportunidade. Porém, foi percebido que os estudantes não tinham pensado nesses espaços, antes da pergunta feita, ou seja, pensaram bastante antes de responder.

FIGURA 9: Qual lugar você considera mais importante para cidade?



A prefeitura foi a maioria das respostas dos estudantes, o que é possível perceber que comprehende a importância de uma administração na cidade, que coordena e organiza os espaços e as necessidades da população.

Outros espaços citados foram os que prestam serviços fundamentais para a sociedade como: barragem, Copel, corpo de bombeiros, terminal de ônibus, UPA 24h e batalhão de polícia. Demonstrando a compreensão dos estudantes da necessidade de tais espaços para o bom funcionamento da cidade e atendimento de sua população.

FIGURA 10: Qual lugar você não gostaria de ir?



O presídio é um espaço que a maioria dos estudantes não gostariam de ir, um espaço do qual não se orgulham em ter na cidade, pois contribui significativamente com uma visão de senso comum que estigmatiza o município. Interessante notar que nas respostas dos estudantes os lugares mais citados, são lugares associados à insegurança e tristeza como, delegacia, presídio, hospital e cemitério.

FIGURA 11: O que Piraquara tem de importante?



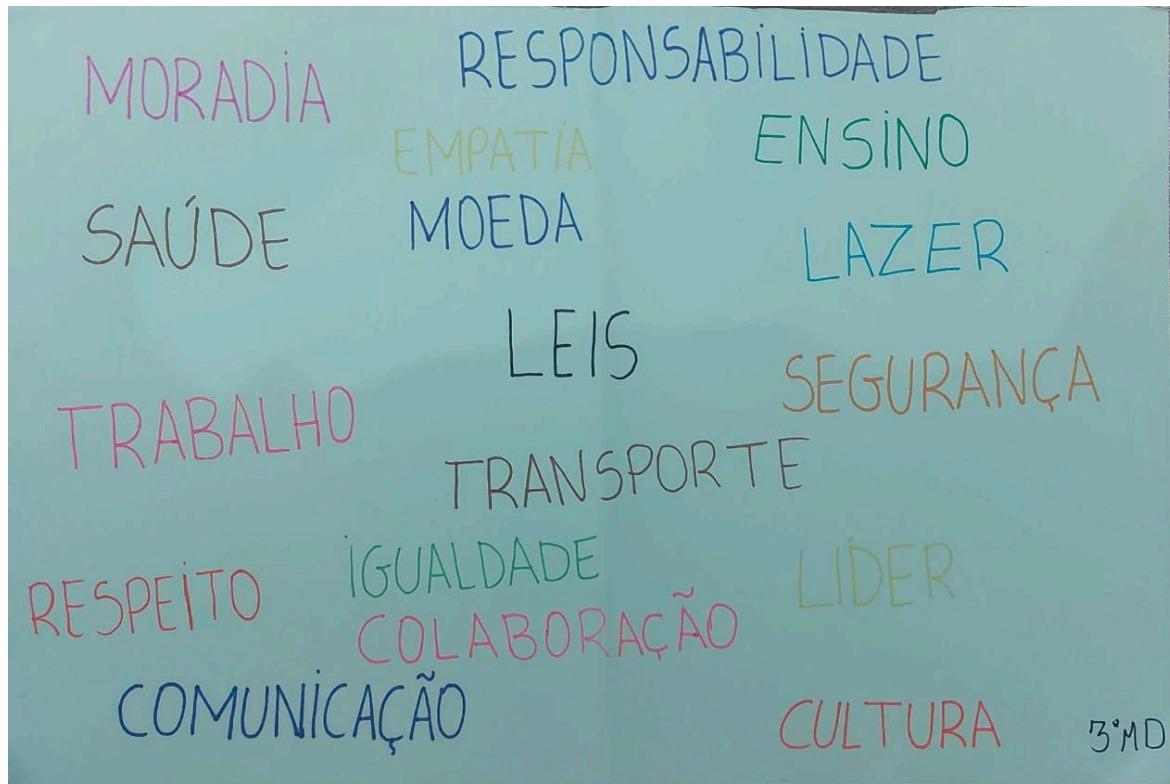
Existe uma concordância pela maioria dos estudantes que Piraquara possui uma importância muito grande para a região, visto que detém recursos naturais imprescindíveis para os seres humanos, tais como, água e reservas ambientais.

A segunda atividade foi no mesmo modelo, onde os estudantes utilizando de outra cartolina e canetinhas, ainda em dois grupos, responderam à seguinte pergunta: O que precisa ter em uma cidade? O objetivo foi que eles discutissem entre eles e definissem o que era importante ter em uma cidade, o que seria essencial na visão deles.

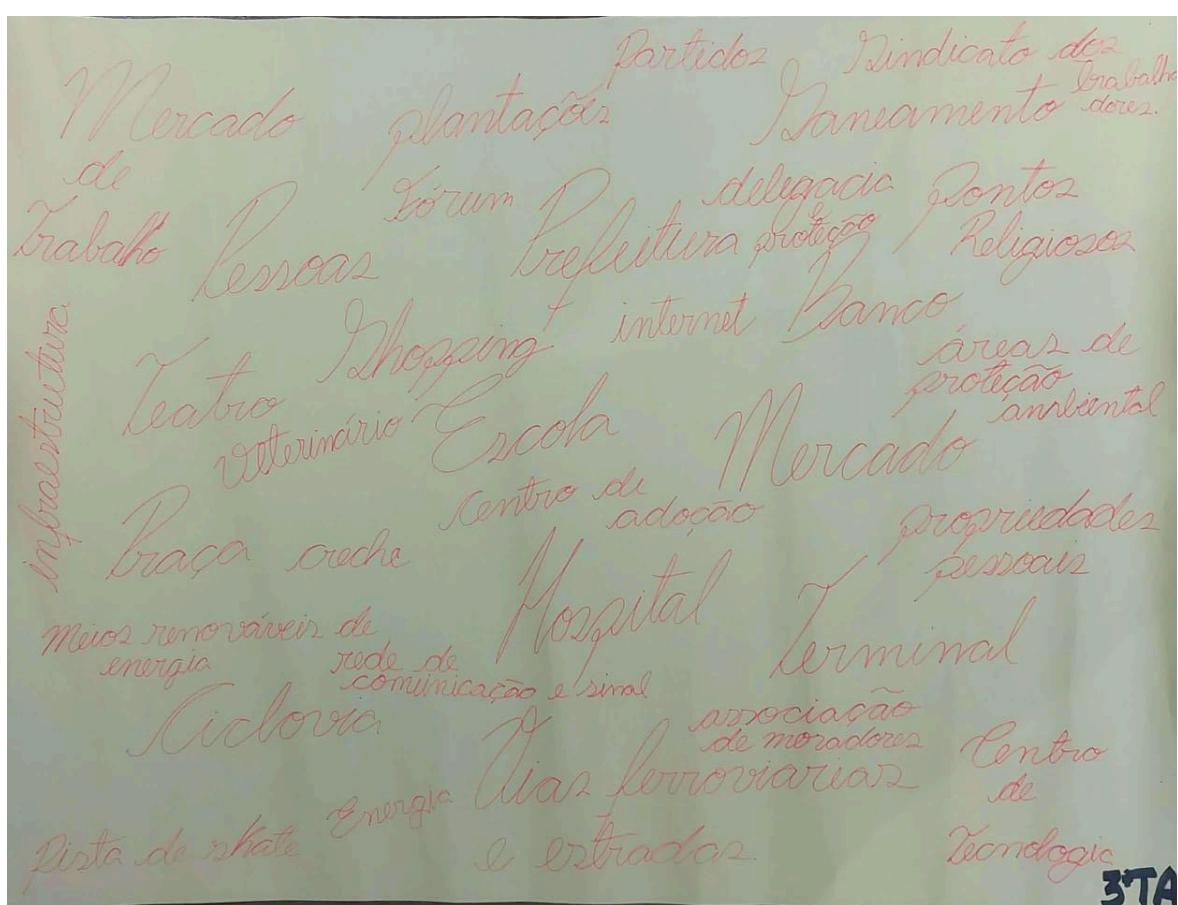
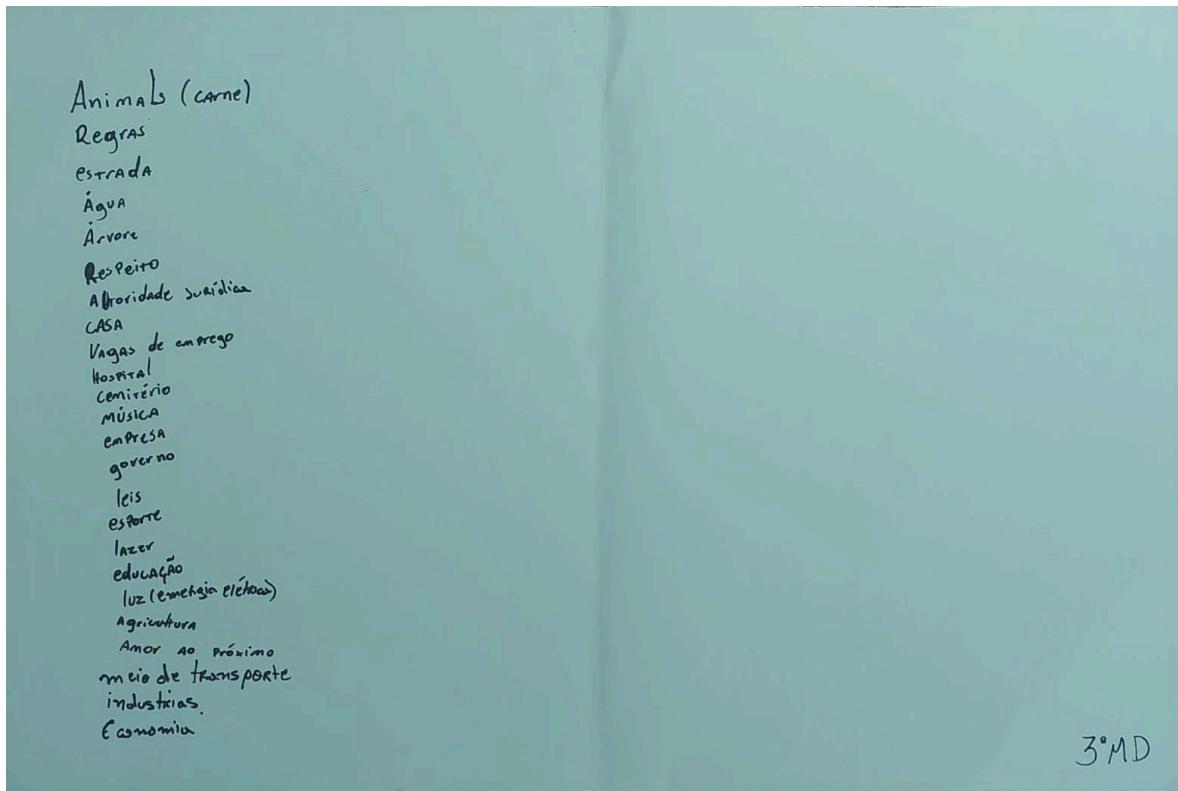
FIGURA 12: Material feito pelos estudantes.

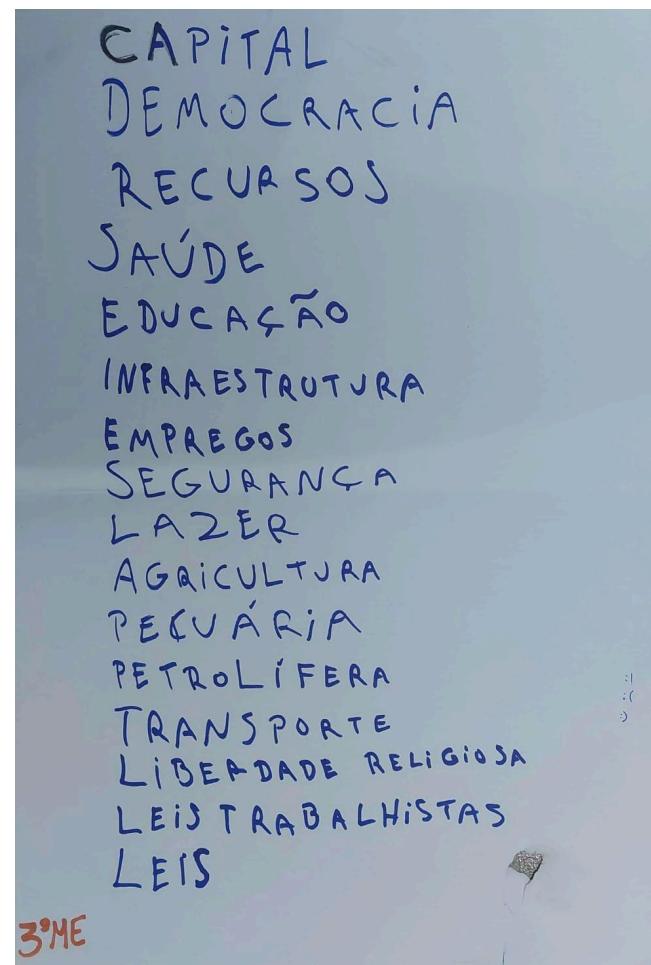
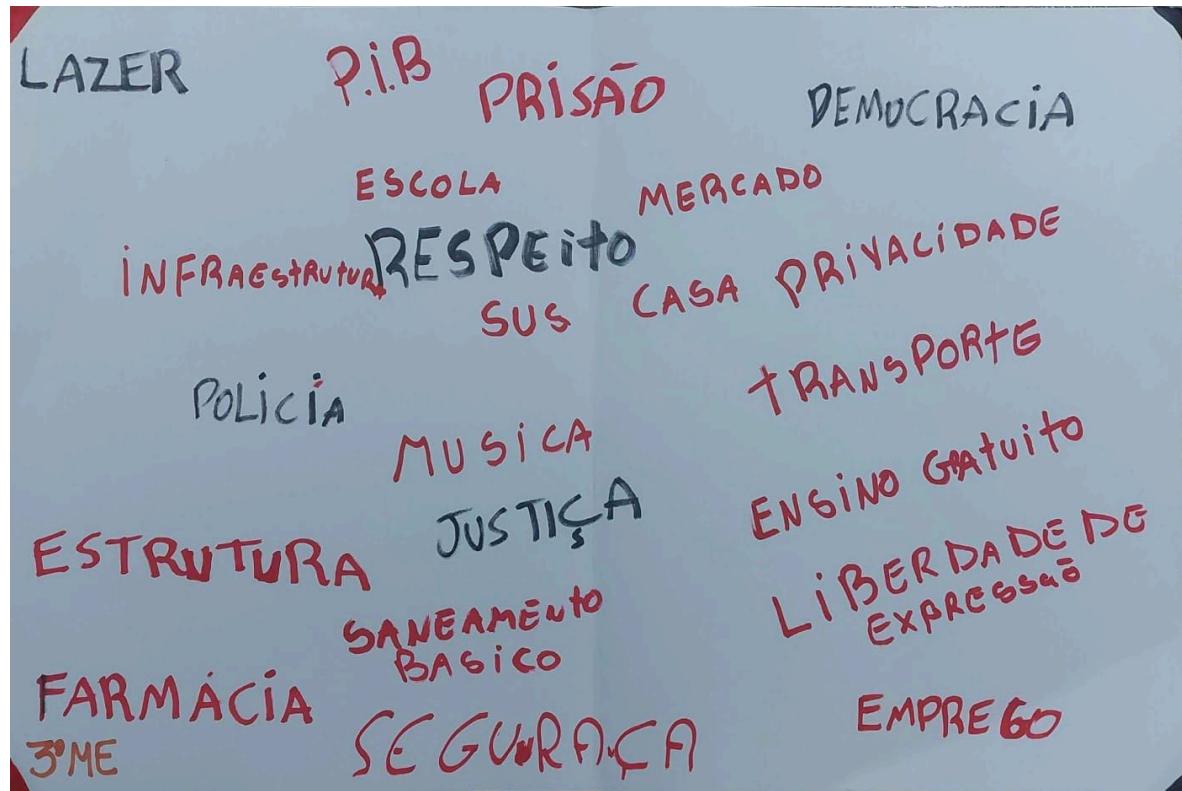


Ética e Moral	Educação	Combustível	Parques
Lies	Comércio	Empregos	Espartos
Respeita	Maradia	Indústrias	Academia
Honesto/Bom	Transportes	Segurança	Aráia
Regras	Dinheiro	Exercito	BR/VIA/Entradas
Tarifa		Cadeia /Penitenciário	Museu
Dinheiro / Lazer	Igreja	Barragem	Vias Cinead
Mercado de Trabalho	Caridade	Vegetação	Energia Renovável
Tigre	Democracia	Hidrovia	Gás
Sistema de Saúde	Internet	Desanamento hídrico	Tigre Patanal
Governo	Energia Elétrica	Agua	Rios / Cachoeira / Mar
			Reciclagem



COISAS	IMPORTANTES	PARA UMA CIDADANIA
* SUS (POSTO DE SAÚDE)		* CORREIOS
* PREFEITURA		* FORNECEDORES DE ALIMENTO
* DELEGACIAS		* TRANSPORTE PÚBLICOS
* MERCADOS		* PESSOAS
* ESCOLAS		* ASFALTO
* EMPRESAS FORNECEDORA DE ÁGUA / LUZ		* REDE DE ESGOTO
* CULTURA		* COLETORES
* PRAÇAS		* IGREJAS
* CENTROS		* SINALIZAÇÃO
* GINASIOS		* CEMITÉRIOS
* POSTO DE GASOLINA		* COMÉRCIOS





• FARMÁCIA	• SHOPPING	• PONTOS TURÍSTICOS
• MERCADO	• FEIRA	• ORFANATO
• DELEGACIA	• IGREJA	• ASILÓ
• HOSPITAL	• PET SHOP	• PENITENCIÁRIA
• ESCOLA	• AUTO ESCOLA	• ACADEMIA PÚBLICA
• EMPRESAS	• RESTAURANTE	• LOJA DE ROURAS
• PREFEITURA	• CORREIO	• TRIBUNAL
• POSTO DE GASOLINA	• CONDOMÍNIO	• ASFALTO
• UPA	• CASAS	• PREFEITO
• PARQUE PÚBLICOS	• ESTAÇÃO DE METRO	• VETERINÁRIO
• SANEAMENTO BÁSICO	• SALÃO	• FAIXAS PARA DEFICIENTE VISUAL
• ENERGIA	• DENTISTA	• AEROPORTO
• TRANSPORTE PÚBLICO	• CARTÓRIO	• PORTO
• GARI	• BANCOS	• BIBLIOTECA PÚBLICA
• PANIFICADORA	• CAIXA ELETRÔNICO	• EXÉRCITO
	• TAXI/UBER	• BOSSES DE BOMBEIRO

3º MA

O QUE É NECESSÁRIO PARA CONSTRUIR UMA SOCIEDADE?

DEMOCRACIA IGUALDADE SOCIAL
 CIDADANIA TRABALHO
 SEGURANÇA ECONOMIA
 LEIS TRABALHISTAS EDUCAÇÃO
 SISTEMA GOVERNAMENTAL
 SAÚDE ↳ 3 PODERES

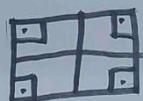
CULTURA
 AUXÍLIO MORADIA
 AMBIENTAL
 LEIS
 RELAÇÕES INTERNACIONAIS
 LIBERDADE RELIGIOSA
 LIBERDADE DE EXPRESSÃO
 INFRAESTRUTURA
 TECNOLOGIA
 INCLUSÃO SOCIAL
 SANEAMENTO BÁSICO
 PRESERVAÇÃO AMBIENTAL

3ºMB

O QUE É NECESSÁRIO PARA CONSTRUIR UMA SOCIEDADE

- PESSOAS
- COMUNICAÇÃO
- COOPERAÇÃO
- ÉTICA
- MORAL
- CULTURAS
- RESPEITO
- LEIS
- EDUCAÇÃO
- DEMOCRACIA
- AGRICULTURA
- SAÚDE
- PECUÁRIA
- INFRAESTRUTURA
- SEGURANÇA
- EMPREGOS
- TRANSPORTES
- LIBERDADE RELIGIOSA

- SANEAMENTO BÁSICO
- LIBERDADE DE EXPRESSÃO
- TECNOLOGIA
- INDÚSTRIAS
- PROTEÇÃO AMBIENTAL
- SUSTENTABILIDADE
- MERCADO EXTERNO
- DESENVOLVIMENTO
- ESPORTES



3ºMB

Foi obtido o seguinte resultado:

FIGURA 13: O que precisa ter em uma cidade?



Esse momento foi bastante interessante, além da interação que tiveram uns com os outros, ocorreram momentos de embate entre alguns estudantes, por discordarem ou acabarem misturando as discussões partidárias na atividade.

É importante ressaltar que a implementação ocorreu no ano de 2022, ano de eleição presidencial, em que disputaram dois ex-presidentes: Jair Messias Bolsonaro (2019-2022), tentando a reeleição e Luiz Inácio Lula da Silva (2003-2010). O primeiro representante de uma extrema direita conservadora e o segundo da classe trabalhadora. Essa disputa reverberou por todo o país inclusive nos espaços escolares, onde um assunto simples como discutir cidadania, poderia se tornar um motivo de discussões partidárias entre defensores desses candidatos. Em uma das cartolinhas aparece o impasse no qual um dos estudantes colocou “Bolsonaro 22” e como resposta uma integrante do grupo colocou, “Lula 13”.

Como resultado da atividade, todos os grupos colocaram a Escola e a Educação como algo que precisa ter em uma cidade, o que faz chamar a atenção, pois eles compreendem que a educação é algo muito importante para construção de uma sociedade, mas ao mesmo tempo demonstram um certo descaso com ela.

Vários outros itens foram colocados, como: transporte, mercado de trabalho, prefeitura, governo, religião, saneamento básico, leis, segurança, presídios, delegacias, saúde, democracia, infraestrutura, lazer e respeito, foram os itens mais citados. O que demonstra que os estudantes têm consciência do que é preciso para construir uma cidade e a importância desses espaços.

Interessante observar que nessa atividade, alguns grupos substituíram o termo “cidade” por “sociedade”, essa associação desses termos como sinônimos, embora não sejam, pode ser encarado como um reconhecimento, por parte dos estudantes, que a cidade não é apenas um espaço físico, mas um lugar de interação social, onde as relações e a organização da vida comum acontecem.

Terceiro momento

O terceiro momento foi destinado a uma aula expositiva sobre cidadania, utilizando a perspectiva trazida pelo sociólogo britânico Thomas Humphrey Marshall (1893-1981), na qual faz uma relação entre cidadania e pertencimento de uma comunidade cívica.

A proposta para essa aula, foi trazer reflexões sobre a cidadania, demonstrando que é uma construção coletiva, que exige a participação ativa dos cidadãos na organização social e nos setores públicos. A cidadania pode ser vista como parte fundamental para inclusão social, pois se baseia nos direitos naturais, que são anteriores a instituição civil, que devem ser reconhecidos e mantidos pelo Estado. (SOUKI, 2022 p.41)

Para que possamos exercer a cidadania de forma plena, é preciso superar as desigualdades sociais, pois é o que impede determinados grupos da sociedade de exercer sua cidadania, garantindo seus direitos civis, políticos e sociais.

A cidade e seus espaços públicos são espaços de coexistência entre diferentes indivíduos, o que contribui para a possibilidade da construção da cidadania. Segundo Cavalcanti:

O entendimento de que a cidade é um espaço público e um ambiente complexo da vida coletiva relaciona os modos de produção desse espaço com os modos de existência das pessoas que ali vivem. Essa relação coloca, por sua vez, a tarefa de pensar, imaginar, propor, novos modos de vida possíveis dentro de um ambiente já construído, mas que pode ser reconstruído. (2013 p.77-78)

O sentir-se pertencente à cidade é importante para o exercício da cidadania, pois é por meio desse sentimento que os indivíduos se engajam, colaboram e se tornam agentes de transformação social.

Para essa aula foi utilizado o artigo, *A atualidade de T. H. Marshall no estudo da cidadania no Brasil*, da doutora em Sociologia Política, Lea Guimarães Souki; o livro *Cidadania, classe social e status*, do sociólogo Thomas H. Marshall; e para o acompanhamento dos estudantes o livro didático *Sociologia em Movimento*, 2^a edição de 2016.

Quarto momento

O objetivo desse momento foi unir os conhecimentos da aula teórica (terceiro momento) com as atividades realizadas no segundo momento. Discutindo sobre o que Piraquara possui e que podemos identificar que atente aos direitos civis, políticos e sociais, assim como, o que está faltando para que os cidadãos de Piraquara possam exercer sua cidadania plena.

Para isso foi colocado no quadro os cartazes produzidos pelos estudantes: dois sobre as perguntas feitas sobre a cidade (Figura 3) e dois sobre o que uma cidade precisa (Figura 12), possibilitando a visualização das informações trazidas por eles e se Piraquara atende o que é preciso ter em uma cidade.

Diferente do segundo momento, em que os estudantes participaram e estavam animados com as atividades. Nesse quarto momento não houve uma participação efetiva dos estudantes como era esperado, poucos participaram, muitos pareciam não se importar com a atividade e com a discussão em si. O que pode ser relacionado com o fato de que nesse momento se exige uma concentração maior, pensar e analisar as informações apresentadas e chegar a uma conclusão, o que leva tempo por ser algo trabalhoso. Os estudantes parecem buscar aquilo que é mais prático, o que não exige muito deles, talvez por receio de não conseguirem e se frustrarem, juntamente com a dependência em buscar as respostas prontas no espaço digital, o que faz os estudantes perderem sua autonomia e dificuldade de produzir análises mais críticas.

Os estudantes que participaram ativamente das discussões, trouxeram algumas reflexões interessantes, tais como: a falta de hospital e maternidade no município; o fato de Piraquara ser conhecida como a “Cidade das águas”, porém, muitos de seus habitantes não possuírem tratamento de água ou água encanada; e também a diferença entre os bairros, onde uns possuem mais estruturas que outros.

Ao final da discussão foi proposto uma atividade, da qual, os estudantes escolheram um lugar ou espaço da cidade, que estivesse no caminho diário deles e que fizessem uma pequena análise sobre esse espaço, poderia ser uma crítica ou um elogio, mas que mostrasse a percepção desse espaço para eles.

A entrega dessa atividade não correspondeu integralmente às expectativas, uma vez que se tratava de um exercício que demandava uma reflexão aprofundada e uma produção que envolvia uma análise crítica e elaboração de ideias. No entanto, é possível identificar algumas análises que revelam reflexões e percepções valiosas. A seguir, é apresentado alguns resultados obtidos.

Atividade 1

FIGURA 14: Atividade 1



Av. Nações Unidas e Rua Expedicionário Carlos Alberto F. Ba.

“Este é um rio perto da minha casa que se estende por toda Piraquara. O rio é fonte de um dos recursos naturais indispensáveis aos seres vivos. Além disso, têm grande importância cultural, social e econômica, uma vez que a agricultura, a pecuária e as indústrias dependem da água para obterem seus produtos e a falta

desse recurso gera graves consequências ambientais e sociais. Entretanto, no meu bairro não temos um bom saneamento básico e muitas casas dispensam o esgoto nesse rio, além de jogarem lixo na rua e como é aberto o vento o leva para dentro desse rio. Como civis desta pequena, porém indispensável cidade, temos o dever de manter aquela área reservada e limpa de preferência, como povo poderíamos parar de sujar com lixo. No caso do esgoto, a prefeitura deveria resolver isso, pois aparentemente as reclamações que o meu bairro apresenta é jogada entre todas as outras, espero que não tenha consequências graves no futuro.”

Atividade 2

FIGURA 15: Atividade 2



Planta Deodoro, Avenida Lirio Jacomel

“Este é um espaço onde tem quadra para esporte, academia ao ar livre, um mini parque, com brinquedos para as crianças, como também bancos para a população. É um lugar importante para toda a população, pois é um local de lazer e interação entre as pessoas. Todo bairro necessita de algo assim. Os cidadãos, como um todo tem o dever de mantê-lo limpo, nas mesmas condições estruturais, porém nem todos cumprem com suas obrigações ao passo que as telas do parque das crianças já estão deterioradas.”

Atividade 3

FIGURA 16: Atividade 3



Ciclovias e Piso Táteis para deficientes visuais

“Essa parte de Piraquara como muitas outras que não envolvem o centro em específico, não contém uma ciclovia, algo que na minha visão acho que deveria ser essencial neste trecho, como em muitos outros claro, entretanto neste trecho em específico como é um local perigoso tanto para pedestres, e para os ciclistas, um local onde já ocorreu muitos acidentes, um local onde deveríamos dar mais atenção, um local onde os carros passam em alta velocidade mesmo tendo uma curva logo a frente.

Acho que se dessemos mais atenção para os locais sem ciclovias, melhoraria a vida dos cidadãos, além de que em alguns lugares onde se tem a ciclovia temos poste no meio deles, onde os ciclistas têm que fazer um contorno onde não deveriam fazer, tanto as ciclovias quanto os pisos tátil de alerta para deficientes visuais, apenas em algumas partes tem, onde mais vc encontra só apenas no centro, acho que isso deveria ser algo para se pensar e agir.”

Atividade 4

FIGURA 17: Atividade 4



O Parque das Águas foi um dos espaços mais citados pelos estudantes, todos com um olhar muito positivo sobre o local. Segue alguns olhares dos estudantes:

Estudante 1:

“Eu considero um lugar muito importante para mim e para a cidade, porque é um lugar muito bonito, onde vc pode ir apenas para passar o tempo, praticar atividades físicas como corrida ou até musculação na “academia” ao ar livre, ou até mesmo ir fazer um piquenique com a família.

O Parque das águas é um lugar muito limpo, não se vê lixo no chão, nas águas ou em qualquer outro lugar, acredito que isso se dá pela prefeitura ter colocado bastante lixeiras espalhadas pelo parque, e também pela consciência da população em não sujar um ponto turístico de Piraquara.

O Parque é um parque simples, com um lago, na entrada tem um palco com uma arquibancada e mais pra trás tem lugares pra fazer exercícios, parquinho para as crianças.”

Estudante 2:

“Esta imagem representa uma roda gigante espetacular, bem iluminada em com uns detalhes lindo em volta, o parque das águas de Piraquara se localiza, na rua Barrão do Cerro Azul 265.

Parque das águas é um local lindo e aconchegante em dias natalino, e final do ano, pois são dias mais quentes e também mais decorado por lá, este local é muito importante para cidade e os municípios, pois Piraquara é uma cidade dormitório, grande maioria das pessoas trabalham e frequentam outros

estabelecimentos fora da nossa cidade, e o parque das águas é um local no qual deixa os moradores mais próximos da nossa cidade, e é bom para a cidade manter pessoas que vivem nela dentro dela, e essa atração da nossa cidade é algo que influencia e acaba ajudando muito nesta ocasião.

Eu acho o parque das águas um local bem aconchegante, um local no qual eu gosto muito de ir com a minha família dar uma volta nas noites mais frescas.

A nossa responsabilidade com o local é pelo menos deixá-lo limpo pois é algo bacana e diferente para nossa cidade em dias atrativos. Já a responsabilidade da cidade é deixar o local protegido e cada vez chamando mais atenção de nossos municípios e até mesmo cidadãos de outras cidades.”

Estudante 3:

“O parque é muito importante tanto para mim quanto para a população, pois possui um espaço para recreação, prática de esportes, atividades físicas e convívio entre as pessoas. A implantação do parque é um investimento na qualidade de vida tanto dos municípios quanto dos turistas pois foi construído também para as melhorias da cidade e para práticas de vida saudáveis.

Tanto o município quanto os municípios tem como responsabilidades de manter este espaço conservado, pois é um local o qual podemos desfrutar para o bem estar de todos.”

Reflexão sobre a atividade

Os estudantes fizeram reflexões simples e importantes sobre os espaços escolhidos por eles, o que nos permite perceber que compreendem a importância do papel do cidadão para com a cidade, que é importante para o desenvolvimento de uma sociedade que atenda às necessidades de seus habitantes.

No entanto, ao analisar as atividades e as discussões em sala de aula sobre a temática em questão, se observa uma frágil relação afetiva com a cidade pelos estudantes. Segundo Sennett (2015), a cidade contemporânea tem se tornado cada vez mais fragmentada e segregada, com espaços públicos enfraquecidos e comunidades isoladas. Podemos dizer que as relações dos cidadãos (estudantes) com a cidade são alienadas dos espaços públicos urbanos. Hoje os estudantes frequentam mais os espaços virtuais do que os físicos.

Para Tuan (1980), o sentimento de pertencimento à cidade é forjado por meio de conexões emocionais e afetivas com os espaços e comunidades, essas conexões são produzidas a partir de experiências pessoais, memórias, tradições culturais e interações sociais. Essa conexão pode ser notada quando os estudantes se referem ao Parque das Águas e principalmente quando mencionam suas casas nas atividades anteriores.

É possível observar nas primeiras atividades realizadas, que o sentimento de pertencimento se mostrava presente majoritariamente quando se referiam às suas casas. Existe uma fragilidade nas relações entre os estudantes e a cidade, o que faz com que não se interessem pelas questões que as envolve, estão ocupados com outras visões e lugares.

Quinto momento

A aula iniciou com reflexões sobre as análises dos espaços escolhidos pelos estudantes, fazendo relações com as atividades anteriores e com a própria percepção de cidadania. Concepções essas que parecem unâнимes em compreender a importância da participação cidadã na vida pública da cidade.

Após trazer para reflexão o conceito de cidadania e sua importância dentro de uma esfera de participação cidadã na construção da sociedade. Essa aula objetivou discutir sobre direito à cidade, para isso foi utilizado o curta-metragem, "Valeu? - Debate sobre cidadania e direito à cidade no Porto Maravilha", que possui a temática, "cidadania, democracia e direito", a partir de um estudo de caso da revitalização do Porto Maravilha no Rio de Janeiro, disponível no youtube, <https://www.youtube.com/watch?v=l5qiR2bwXI0>.

O documentário aborda as transformações urbanas ocorridas na região do Porto Maravilha, no centro do Rio de Janeiro, após o projeto de revitalização da área, que foi implementado como o objetivo de requalificar a região para os grandes eventos internacionais como a Copa do Mundo de 2014 e os Jogos olímpicos de 2016. A produção se foca nas consequências sociais e urbanas desse processo de reurbanização, destacando as disputas por espaços e os impactos na vida dos moradores da região, especialmente nas comunidades mais vulneráveis que estavam ali antes da intervenção. O documentário questiona o direito à cidade, um conceito

que propõe a ideia de que todos os habitantes de uma cidade, independentemente de sua classe social ou origem, têm direito ao uso e à apropriação dos espaços urbanos. Esse direito, no contexto do Porto Maravilha, foi severamente questionado pela remoção forçada de moradores e pelo aumento do custo de vida, que acabou afastando as populações mais carentes.

Após os estudantes assistirem o vídeo, discutimos sobre o direito à cidade e como as cidades acolhem seus cidadãos. Os estudantes trouxeram situações de moradores em condição de rua, para argumentar que nem todos os indivíduos possuem direito à cidade, e muitas vezes são excluídos desses espaços.

Os estudantes demonstram que possuem uma visão da realidade, porém precisam ser instigados a pensar sobre ela. Ao mesmo tempo, parecem preferir manter-se “alienados” a tudo isso, vivendo em seu “mundo”, com suas preocupações de aspecto individual, sem perceber que as escolhas individuais podem afetar o coletivo e inclusive a eles mesmos.

Aqueles que estavam atentos e participativos no processo, buscando entender e perceber como as relações que possuímos com os espaços que ocupamos com as cidades, podem afetar de forma positiva ou não o desenvolvimento da sociedade.

Para finalizar, foi trazido para reflexão uma reportagem sobre o 5º Simpósio de Direito das Cidades: Desafios das Cidades Contemporâneas, retirado do site da Assembleia Legislativa do Estado do Paraná (ALEP). Como método de avaliação, foi solicitado aos estudantes que produzissem um texto, intitulado, “Piraquara: cidade de quem, para quem?”.

5.2 REFLEXÕES SOBRE A INTERVENÇÃO PEDAGÓGICA

A partir da produção de texto no final do quinto momento, foi possível observar que os estudantes destacam como qualidades da cidade de Piraquara os mananciais e as reservas ambientais, colocando como pontos a serem preservados pela população. “Piraquara é a cidade dos mananciais, possui uma área de proteção e é responsável por cinquenta por cento do abastecimento de água da grande Curitiba [...]”, coloca uma estudante.

Muitos colocam que Piraquara é um lugar bom de se morar, mesmo com todos os problemas que relatam, como falta de acessibilidade, asfalto, shopping,

ciclovias, entre outros. Aparece novamente nos textos a questão de Piraquara ser conhecida como “Cidade das Águas”, mas, nem todos têm acesso a ela, segundo um dos estudantes, “[...] Não é justo a cidade ser conhecida como cidade das águas e existir famílias que não tem água em casa.”

Destacam pontos que a cidade precisa melhorar, “[...] Uma cidade desigual, onde alguns tem coisas básicas para se viver e outros não tem absolutamente nada disso. [...]”, colocou um estudante. Outra queixa que apareceu bastante nos textos, foram a falta de hospital/ maternidade e shopping, isso é algo que incomoda bastante os estudantes.

Um texto chamou bastante a atenção, pois trouxe uma reflexão sobre Piraquara não ser uma cidade para jovens, a estudante escreveu:

“[...] Definitivamente Piraquara não é a cidade do jovem, muito menos, do jovem universitário, porque não vemos atrações dedicadas para esse público, e também não vemos faculdades renomadas ou próximas para o ensino superior. [...]”.

Ao mesmo tempo outra estudante escreveu:

“[...] acho que as pessoas daqui sabem ocupar os espaços públicos, um exemplo disso é a *batalha do bela*, uma batalha de rimas que acontece aos domingos em uma escola no bairro Bela Vista, todo mundo pode participar e tem até prêmios, sem falar nas ‘pichações’ como forma de expressão que estão em toda lugar”.

É interessante perceber que ao mesmo tempo em que questionam Piraquara por ser uma cidade que não tem acesso a determinados lugares e faltam recursos importantes para atendimento da população, colocam a cidade como um lugar bom para se morar. Isso se deve ao fato de que, não existe um único olhar para a cidade, mas, o olhar a partir de uma perspectiva subjetiva e individual de cada um. De acordo com Michel de Certeau (2021), as pessoas têm formas particulares de andar e usar a cidade, adotando práticas cotidianas que lhes permitem apropriar-se dos espaços urbanos.

A utilização dos espaços virtuais, podem ser um fator que dificulta as pessoas, em especial, os jovens, para a sensação de enraizamento e de pertencimento. Segundo Manuel Castells:

O desenvolvimento da comunicação eletrônica e dos sistemas de informação propicia uma crescente dissociação entre a proximidade espacial e o desempenho das funções rotineiras: trabalho, compras,

entretenimento, assistência à saúde, educação, serviços públicos, governo e assim por diante. (2002, p.483)

Nossa sociedade é caracterizada pela conexão digital, o que mudou nossa organização, ao mesmo tempo que o ciberespaço trouxe comodidade para nossa vida cotidiana, também pode causar uma fragmentação na comunicação e a participação na vida urbana, o que pode resultar em um sentimento de não pertencimento em relação a cidade.

Os nossos sentidos desempenham um papel fundamental na forma como compreendemos e interagimos com o mundo ao nosso redor. “Um ser humano percebe o mundo simultaneamente através de todos os seus sentidos” (TUAN, 1980, p. 12). No entanto, essas percepções podem sofrer alterações significativas devido à nossa atual relação com o mundo virtual. A imersão nesse universo tecnológico nos traz uma avalanche de informações que, por sua vez, transforma nossa conexão com o espaço físico. O constante fluxo de informações, ao invés de nos auxiliar, muitas vezes nos prejudica. Isso ocorre pois temos dificuldade em reduzirmos essas informações ao essencial e acabamos por nos sobrecarregar, perdendo o foco no que verdadeiramente importa.

Esse excesso de informação nos leva ao que o filósofo sul-coreano Byung-Chul Han apontou como SFI (Síndrome da Fadiga da Informação)¹², da qual todos somos vítimas, devido ao fato de que “todos nós somos confrontados com quantias rapidamente crescentes de informação” (HAN, 2018, p.64). O excesso de informação leva ao declínio do pensamento. “A enxurrada de informações à qual estamos hoje entregues prejudica, evidentemente, a capacidade de reduzir as coisas ao essencial”(HAN, 2018, p.65). Segundo o filósofo, “a nossa sociedade hoje se torna cada vez mais narcisista. Mídias sociais como o Twitter¹³ ou o Facebook acentuam esse desenvolvimento, pois elas são mídias narcisistas” (2018, p.65).

As pessoas estão conectadas as redes virtuais o tempo todo, ao estar focado nas redes virtuais no caminho para o trabalho de ônibus, deixam de reparar por

¹² SFI (Síndrome da Fadiga da Informação), o cansaço da informação, é a enfermidade psíquica que é causada por um excesso de informação. Os afligidos reclamam do estupor crescente das capacidades analíticas, de déficits de atenção, de inquietude generalizada ou incapacidade de tomar responsabilidades. Em 1996 o psicólogo britânico David Lewis cunhou esse conceito. SFI se referia principalmente àquelas pessoas que precisavam trabalhar profissionalmente por um longo tempo uma grande quantidade de informações. (HAN, 2018 p.?)

¹³ Atualmente se chama “X”, após a compra do twitter por Elon Musk em 2022.

onde passam, ao optar por não ir a uma loja para comprar online, ou estar no trabalho remoto sem precisar sair de casa, tais comodidades distanciam os indivíduos dos espaços físicos e contribuem para que questões que poderiam ser percebidas a um simples caminhar pela cidade, se tornem invisíveis ou ignoradas.

Segundo Manuel Castells, no final do século XX, ocorreram muitos acontecimentos que transformaram a sociedade e a vida humana, um foi a revolução tecnológica:

Uma revolução tecnológica concentrada nas tecnologias da informação começou a remodelar a base material da sociedade em ritmos acelerados. Economias por todo o mundo passaram a manter interdependência global, apresentando uma nova forma de relação entre a economia, o Estado e a sociedade em um sistema de geometria variável. (2002, p.39)

Essa nova relação que os seres humanos passam a ter, também se estende a sua visão de mundo e de espaço, fazendo com que tenham mais dificuldade de se sentirem pertencentes às comunidades em que vivem, influenciando em sua percepção de sujeito social, pois como aponta Han, nos tornamos mais individualistas. Não é a proposta dessa pesquisa investigar o mundo virtual e as redes sociais, nem como elas impactam os indivíduos. No entanto, ao longo da pesquisa e da intervenção pedagógica, tornou-se evidente a relevância e a influência desse mundo virtual (redes sociais e jogos) sobre os espaços físicos e o sentimento de pertencimento. Foi possível notar que existe um distanciamento na reflexão sobre os lugares que fazem parte do nosso cotidiano, no sentido de não pensar sobre esses espaços e não se sentir pertencente a eles. Por ser muito trabalhoso, por não ter tempo para o fazer, por não ver sentido em fazer.

Michel de Certeau (2021, p.160), diz que “planejar a cidade é ao mesmo tempo pensar a própria pluralidade do real e dar efetividade a este pensamento do plural: é saber e poder articular”. Quando usamos a cidade para ensinar sociologia, estamos dando sentido ao conteúdo que está sendo proposto e demonstrando aos estudantes o quanto é importante eles se enxergarem como sujeitos importantes para a construção da cidade em que vivem.

6. CONSIDERAÇÕES FINAIS

O programa de Mestrado Profissional de Sociologia em Rede Nacional (PROFSOCIO) possibilitou a realização deste trabalho, colaborando com o desenvolvimento de uma visão mais clara para os objetivos e implementação da intervenção pedagógica aqui proposta. A partir do PROFSOCIO e as ferramentas metodológicas e discussões realizadas, a proposta desse trabalho foi tomando forma, sendo construído e reconstruído, até chegar no formato que aqui foi apresentado. A intervenção pedagógica é uma das propostas apresentadas como trabalho final do PROFISOCIO, e foi escolhida por ser a modalidade que poderia contribuir com mais eficácia pela temática proposta.

A proposta deste trabalho foi buscar alternativas para ensinar Sociologia aos estudantes do Ensino Médio, compreendendo a importância desse componente curricular para a formação do indivíduo enquanto cidadão crítico e participativo na comunidade em que está inserido. Surgiu de uma inquietação após ser percebido que os conhecimentos teóricos da Sociologia não estavam sendo absorvidos pelos estudantes como ferramentas para auxiliar na análise do seu cotidiano, a Sociologia não parecia fazer sentido aos estudantes, estando distante de sua realidade. O objetivo foi desenvolver uma metodologia que capacitasse os estudantes a refletir sobre suas realidades a partir de conhecimentos sociológicos, ou a organizar suas reflexões incorporando conhecimentos sociológicos. Influenciado pela proposta do Professor Leonardo Campoy, em ensinar a pensar Sociologia exercitando a Sociologia, colocando os estudantes diretamente no exercício prático de reflexão sociológica.

Cidadania, foi a temática escolhida para aplicação da intervenção pedagógica por já fazer parte do currículo de Sociologia, em 2022 ano de aplicação, estava na grade de Sociologia da 3^a série do Ensino Médio. Atualmente com a nova organização do Ensino Médio, a temática está presente no 3º trimestre da 2^a série e na 3^a série, porém, foi direcionada para a Trilha de Aprendizagem intitulada de Governo e Cidadania. Com a reforma do Ensino Médio aprovada em 2017 e iniciada sua implementação em 2022, o componente curricular de Sociologia, perdeu muito espaço, passando a atuar apenas na 2^a série como Formação Geral Básica (FGB), para todos os estudantes e no Itinerário Formativo (IF) de Linguagens e suas Tecnologias e Ciências Humanas e Sociais Aplicadas, apenas para os estudantes

que optam por esse IF. Diante da configuração que se apresenta o componente de Sociologia, se faz mais que necessário pensar em novas práticas que possam atingir com maior proporção os estudantes, visto que os conteúdos ficam condensados apenas na 2^a série do Ensino Médio. A cidade foi escolhida para ser o instrumento e ferramenta de estudo, por ser os espaços que os estudantes circulam e vivem.

Iniciando a intervenção pedagógica com a construção dos mapas individuais dos estudantes sobre Piquara, foi possível perceber, de modo inicial, como eles enxergam a cidade do ponto de vista de seus sentimentos sobre ela, ao mesmo tempo observou-se que os mesmos não pareciam já ter parado para pensar sobre a cidade, devido a dificuldade inicial da realização da atividade, que proporcionou aos estudantes um estímulo para pensar sobre os espaços que frequentam em Piraquara. Os estudantes demonstraram maior engajamento durante as atividades que incentivam a interação e colaboração para análises coletivas. No entanto, ao realizar análises e produções de forma individual, houve uma variação na participação e comprometimento. Isso pode estar relacionado com a dificuldade que os estudantes enfrentam na produção individual, por considerarem complexo a produção do conhecimento, o que pode ser associado ao uso frequente dos recursos tecnológicos de informação, em especial as redes sociais. A constante conectividade digital pode contribuir para um padrão de aprendizado mais superficial e dependente de informações disponíveis online. Podendo impactar significativamente na capacidade de produção e desenvolvimento do pensamento crítico e na autonomia do estudante.

Para a aula expositiva sobre cidadania, foi utilizado o sociólogo britânico Thomas Marshall, para construir um conceito no qual a cidadania seja vista como um conceito relacionado com a participação ativa dos indivíduos na sociedade. Estabelecendo com os estudantes que a cidadania é uma relação entre direitos e deveres do cidadão e que inclui o exercício pleno do direito civil, político e social. Embora tenha sido abordado o contexto da cidadania brasileira na exposição da aula, observou-se que poderia se ter utilizado com maior expressividade, o historiador brasileiro José Murilo de Carvalho, por ser uma referência na discussão da cidadania brasileira, em que estabelece que a cidadania não são apenas um conjunto de direitos formais, mas o exercício ativo e pleno na vida política e social, que envolve os direitos e os deveres do indivíduo.

A proposta sobre a discussão sobre direito à cidade veio a partir das discussões e reflexões sobre os estudantes ao longo da intervenção pedagógica, em que destacaram o fato de Piraquara ser conhecida como “Capital das Águas” pelos mananciais e barragens, porém, não ser todos seus habitantes que possuem água encanada e saneamento básico. O objetivo dessa discussão foi instigar os estudantes a pensarem sobre o planejamento urbano da cidade e a relação com a população que habita. Contudo, buscando despertar nos estudante a reflexão que o direito à cidade envolve construir uma cidade mais inclusiva, sustentável e acessível aos seus membros, e que para isso é fundamental a participação ativa dos cidadãos.

Espera-se que esse trabalho possa contribuir para as práticas pedagógicas no ensino da Sociologia, fomentando a capacidade crítica dos alunos e estabelecendo conexões significativas entre os conhecimentos sociológicos e suas experiências vivenciadas. Ao pensar a cidade como objeto e ferramenta de estudo da Sociologia, estamos trazendo as teorias sociológicas para a realidade dos estudantes, quando usamos a cidade em que o estudante vive e vivencia suas experiências, estamos oportunizando e instigando o desenvolvimento de suas reflexões sociológicas, respeitando seus saberes e práticas, contribuindo para sua percepção de espaço e coletividade, desenvolvendo reflexões sobre a importância de seu papel no desenvolvimento da sociedade que vive.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BRASIL. Ministério da Educação. **Base Nacional Comum Curricular**: educação é a base. Brasília, DF: MEC, 2019.

BRASIL. Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional. Lei número 9394, 20 de dezembro de 1996.

BOMFIM, Zulmira Áurea Cruz. Afetividade e Ambiente Urbano: uma proposta metodológica pelos mapas afetivos. In: PINHEIRO, José Q. ; GÜNTHER, Hartmut. **Métodos de Pesquisa nos Estudos Pessoa-Ambiente**. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2008.

BOURDIEU, Pierre; PASSERON, Jean-Claude. **Os herdeiros**: os estudantes e a cultura. Florianópolis: Editora da UFSC, 2015.

CAMPOY, LeonardoCarbonieri. Ensinar Sociologia Fazendo Sociologia: Memórias e Notas de uma Pessoa que Aprende, Ensina e Ensina a Ensinar Ciências Sociais. **Revista Eletrônica: LENPES-PIBID de Ciências Sociais – UEL**, v.1, n.11, jan./dez. 2021.

CARRANO, Paulo; DAYRELL, Juarez. Juventude e Ensino Médio: quem é este aluno que chega à escola. In: CARRANO, Paulo; DAYRELL, Juarez; MAIA, Carla Linhares. **Juventude e Ensino Médio**: Sujeitos e currículos em diálogo. Belo Horizonte: Editora UFMG, p.101-133, 2014.

CASTELLS, Manuel. **A sociedade em rede**. V1. 6. ed. São Paulo: Paz e Terra, 1999 (PDF)

CAVALCANTI, Lana de Souza. Jovens Escolares e a Cidade: Concepções e práticas espaciais urbanas cotidianas. **Caderno Prudentino de Geografia**, Presidente Prudente, n.35, Volume Especial, p. 74-86, 2013.

CARVALHO, José Murilo. **Cidadania no Brasil**: O longo caminho. 27^a Ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2021. Edição Kindle.

CERTEAU, Michel de. **A invenção do cotidiano**: 1. Arte de fazer. 22. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2014.

COSTA, Marcos Aurélio; MARGUTI, Bárbara Oliveira. **Atlas da vulnerabilidade social nas regiões metropolitanas brasileiras**. Brasília: IPEA, 2015.

DAMIANI, M. F. et al. Discutindo pesquisas do tipo intervenção pedagógica. **Caderno de educação**, n.45, p.57, 2013.

DAYRELL, Juarez. **O jovem como sujeito social**. Revista Brasileira de Educação, Rio de Janeiro, n.24, p. 40-52, 2003

DAYRELL, Juarez. A escola “faz” as juventudes? Reflexões em torno da socialização juvenil. *Educ. Soc.*, Campinas, v.28 n.100, p. 1105-1128. 2007.

DOMINONI, Társila. **Turismo e desenvolvimento local**: um estudo dos fatores endógenos e seu papel no desenvolvimento do turismo no município de Piraquara-PR. Dissertação (Mestrado em Turismo), Setor de Ciências Humanas, Universidade Federal do Paraná. Paraná, 2019.

FERREIRA, João Carlos Vicente. **Municípios paranaenses**: origens e significados de seus nomes. Curitiba: Secretaria de Estado da Cultura, 2006.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia**: saberes necessários à prática educativa. Ed. 37. São Paulo: Paz e Terra, 2008.

HAN, Byung-Chul. **No enxame**: Perspectivas do digital. Petrópolis, RJ: Vozes, 2018. Edição Kindle.

HOOKS, bell. **Ensinando a transgredir**: a educação como prática da liberdade. 2º ed. São Paulo: Editora WMF Martins Fontes, 2017.

HOOKS, bell. **Ensinando pensamento crítico**: sabedoria prática. São Paulo: Elefante, 2020.

IBGE - INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA. **Cidade e Estado**. Brasília, DF: IBGE, 2022.

IPARDES. **Caderno Estatístico de Piraquara**. Piraquara, 2024.

JORGE, Rogério Ribeiro. **Território, Identidade e Desenvolvimento**: uma outra leitura dos Arranjos Produtivos Locais de Serviços no rural. Tese (Doutorado em Geografia) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas. São Paulo, 2009.

LEFEBVRE, Henri. **O direito à cidade**. 5ª Ed. São Paulo: Centauro, 2001.

MARC, Augé. **Não-lugares**: Introdução a uma antropologia da supermodernidade. Campinas, SP: Papirus, 1994. (PDF)

MARSHALL, T. H. **Cidadania, classe social e status**. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1967.

NOVAES, Regina. Os jovens de hoje: contextos, diferenças e trajetórias. In: ALMEIDA, Maria Isabel Mendes de; EUGENIO, Fernanda (orgs). **Culturas jovens**: novos mapas do afeto. Rio de Janeiro: Zahar, 2012. Edição Kindle.

PARANÁ. Secretaria de Estado da Educação. Departamento de Educação Básica. **Diretrizes Curriculares da Educação Básica Sociologia**. Curitiba: SEED. 2008.

PAIS, José Machado. A construção sociológica da juventude: alguns contributos. *Analise Social*, v. XXV (105-106) p. 136-165, 1990.

PAIS, José Machado. Busca de si: expressividades e identidades juvenis. *In: ALMEIDA, Maria Isabel Mendes de; EUGENIO, Fernanda (orgs). Culturas jovens: novos mapas do afeto.* Rio de Janeiro: Zahar, 2012. Edição Kindle.

PERALVA, Angelina, (1997). **O jovem como modelo cultural.** Revista Brasileira de Educação, São Paulo, ANPEd, no 5/6

PEREIRA, Alexandre Barbosa. **“A Maior Zoeira” na Escola:** Experiências Juvenis na Periferia de São Paulo. São Paulo: Editora Unifeso, 2016.

PIRAQUARA. Lei Nº 911/2017, de 24 de setembro de 2007. Dispõe sobre o zoneamento do uso e ocupação do solo das áreas urbanas do município de Piraquara, e dá outras providências. Piraquara, PR: Câmara Municipal de Piraquara, 2007.

SALLAS, Ana Luisa Fayet et al. **Os Jovens de Curitiba:** esperanças e desencantos, juventude, violência e cidadania. Brasília: UNESCO, 1999.

PIRAQUARA. **Plano Municipal de Assistência Social de Piraquara, 2022-2025.** Piraquara, PR: Prefeitura de Piraquara, 2022.

PROJETO POLÍTICO PEDAGÓGICO. Colégio Estadual Professor Iedo Néspolo - EFM, 2021.

SENNETT, Richard. **O declínio do homem público:** as tiranias da intimidade. 1. ed. Rio de Janeiro: Editora Record, 2015. (PDF)

SENNETT, Richard. **Juntos:** Os rituais, os prazeres e a política da cooperação. 6. ed. Rio de Janeiro: Editora Record, 2021.

SOUKI, Lea Guimarães. A atualidade de T. H. Marshall no estudo da cidadania no Brasil. **Civitas - Revista de Ciências Sociais.** v. 6, n. 1, jan-jun. 2006. Disponível em:<<https://revistaseletronicas.pucrs.br/ojs/index.php/civitas/article/view/21>>. Acesso em: 03, set. 2022.

TAVOLARI, Bianca. Direito à cidade: uma trajetória conceitual. **Novos Estudos CEBRAP.** v. 35, n. 1, mar. 2016. Disponível em <<https://doi.org/10.25091/S0101-3300201600010005>>. Acesso em: 25, nov. 2023.

TESSEROLLI, A. E. M. S. **Atlas geográfico do município de Piraquara.** 2008

TOREN, Christina. Mente, materialidade e história: como nos tornamos quem nós somos. *In: BANNELL, Ralph Ings; FERREIRA, Giselle; MIZRAHI, Mylene (orgs). Deseducando a educação: mentes, materialidades e metáforas.* Rio de Janeiro: Ed. PUC-Rio, 2021. Edição E-book

TUAN, Yi-fu. **Topofilia:** Um Estudo da Percepção, Atitudes e Valores do Meio Ambiente. São Paulo: DIFEL, 1980.

UNESCO. **Políticas de/para/com juventudes.** Brasília: UNESCO, 2004.

VALEU?. Observatório das Metrópoles/IPPUR e UFRJ. Yutube. 28 de setembro de 2018. 16min. 41seg. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=l5qiR2bwXI0>> . Acesso em: 24, jun. 2022.

VALLE, Ione Ribeiro. Por que ler Os herdeiros meio século depois? In: BOURDIEU, Pierre; PASSERON, Jean-Claude. **Os herdeiros:** os estudantes e a cultura. Florianópolis: Editora da UFSC, 2015.

ANEXOS



Nome: [REDACTED]

Piraquara: Cidade de quem para quem?

- 1 Como pode-se notar, a cidade de Piraquara possui
- 2 poucas áreas de lazer e uma infraestrutura
- 3 razoavelmente média, o que não é uma proble-
- 4 mática tão grande se levarmos em consideração
- 5 o tamanho e o número de habitantes.
- 6 Piraquara definitivamente não é uma cidade
- 7 para ciclistas, já que não há a presença marcan-
- 8 te de ciclovias para essa classe esportiva. Também
- 9 não podemos considerar Piraquara como cidade
- 10 amiga para pessoas com algum tipo de deficiência
- 11 física, uma vez que as áreas de acessibilidade
- 12 estão presentes apenas nas áreas centrais, em
- 13 alguns casos as estruturas estão mal colocadas
- 14 ou danificadas. As calçadas, que muitas vezes
- 15 estão quebradas e morros com inclinações
- 16 desregulares, não facilitam a locomoção de
- 17 cadeirantes. Definitivamente Piraquara não
- 18 é a cidade do povo, muito menos do povo
- 19 universitário, porque não vemos atrações dedicadas
- 20 para esse público, e também não vemos faculda-
- 21 des renomadas ou próximas para o ensino
- 22 superior. Mas não podemos negar que Piraquara
- 23 é a cidade das águas do Iguaçu, que é o
- 24 menor uma vez se importa com a preservação
- 25 deles bem (embora de modo não tão eficiente)

tilibra

Atividade de Sociologia
Professor Fernando Mélo

Nome: _____

- Leia o texto, "Direito à cidade é poder apropriar-se do espaço público", diz Goura no 5º Simpósio de Direito das Cidades.
- A partir da leitura do texto e de sua experiência vivida na cidade de Piraquara, produza uma reflexão sobre, com o seguinte questionamento: **"Piraquara: cidade de quem para quem?"**
- O texto precisa ter de 10 a 25 linhas.

01 Piraquara é a cidade dos imigrantes, possui uma
 02 área de poterios e é responsável por cinqüenta por
 03 cento do abastecimento de água da grande Curitiba.
 04 Possui uma grande parte rural, cercada de verde serras.
 05 Mesmo pequena, possui vários pontos turísticos como a
 06 Muralha do Caneel, Parque Tanguá, etc. Tem vários chác-
 07 -cos que produzem queijo, leite, mel, linguiças e iher-
 08 -cios de leitões.
 09 Entretanto, para a moradia dos habitantes de Piraquara, nem
 10 tudo não plena, a falta de um hospital e uma maternidade
 11 torna a comodidade do dia a dia complicada. Ao enfermar-se,
 12 em muitos dos casos graves, a pessoa tem de ir de uma cidade
 13 a outra, gradualmente a cidade não tem mais habitantes
 14 nascidos aqui. Vale ressaltar que, Piraquara até tem postos
 15 e a UPA, porém nem sempre é tão eficiente como um hospital
 16 todo estruturado.
 17 Ademais, Piraquara foi praticamente criada pela estrada de
 18 ferro, as grandes florestas da mata Atlântica era o princi-
 19 pal motivo, sua mobilidade econômica, hoje, a estrada está
 20 interditada. A população desfruta escassez maior e tem participação
 21 na política, os problemas podem ser resolvidos se a população que
 22 -re e os políticos proporcionarem isso, visto que a população é maior
 23 que alguma melhora. Piraquara é para os indígenas carijós, os
 24 sunitas da natureza, os habitantes que buscam por uma vida
 25 calma e sem indistrias, Turistas, mesmo que falté infraestrutura desidia.

Atividade de Sociologia
Professor Fernando Mélo

Nome: (

- Leia o texto, "Direito à cidade é poder apropriar-se do espaço público", diz Goura no 5º Simpósio de Direito das Cidades.
- A partir da leitura do texto e de sua experiência vivida na cidade de Piraquara, produza uma reflexão sobre, com o seguinte questionamento: **"Piraquara: cidade de quem para quem?"**
- O texto precisa ter de 10 a 25 linhas.

01 Piraquara assim como Curitiba parece
 02 no tempo, sózole que moro aqui vi poucas
 03 coisas que mudou a cidade ou fez mais
 04 pessoas se interessarem. Na cidade existem
 05 muitas calçadas nem acomoda pessoas com
 06 deficiência ou se tem algum acomodo se
 07 encontra com defeito, praticamente todos
 08 as calçadas estão com defeito e não
 09 é feito para vir com bicicleta e nem
 10 Piraquara é uma cidade que claramente não
 11 é acomodada a todos, a população daqui
 12 convive em um local nem saneamento
 13 básico, nem ruas asfaltadas, nem água encanada,
 14 nem energia. Piraquara não é acomodada para
 15 ciclista que tem apenas uma ciclofaixa que
 16 não é segura.
 17 Piraquara: cidade de quem para quem? Uma
 18 cidade desigual, onde algumas tem coisas
 19 básicas para se viver e outras não tem
 20 absolutamente nada disso. Piraquara está
 21 parada no tempo precisa de maior igualdade
 22 e maior acessibilidade a todos populações
 23
 24
 25

Atividade de Sociologia
Professor Fernando Mélo

Nome: _____

- Leia o texto, "Direito à cidade é poder apropriar-se do espaço público", diz Goura no 5º Simpósio de Direito das Cidades.
- A partir da leitura do texto e de sua experiência vivida na cidade de Piraquara, produza uma reflexão sobre, com o seguinte questionamento: **"Piraquara: cidade de quem para quem?**
- O texto precisa ter de 10 a 25 linhas.

01 *Para construir uma estrutura necessita a-*
02 *brangir a comunidade, nem só que o centro de*
03 *Piraquara é um lugar agredível, as ruas são*
04 *bem cuidadas, e tem a parada das águas*
05 *que toda a população pode ter um dia de*
06 *lazer. Porém não chega só de ser o suficiente,*
07 *e que os cidadãos necessita mesmo é de um*
08 *hospital, muitas pessoas em estado grave morrem*
09 *por não chegarem a tempo em centros de*
10 *de saúde que se consegue atendimento, sem fa-*
11 *lar que por ser a cidade da água deveria*
12 *ter banheiros básicos para todos, e a fal-*
13 *ta de lixaria nos bairros dificulta o trabalho*
14 *dos que se recolher os lixos, e que os*
15 *sa poluição nas ruas, ou seja cidade de quem*
16 *para quem? Não é culpa apenas do governo*
17 *pois todos devem colaborar, mas falta muito*
18 *para piraquara ser uma cidade boa para*
19 *a comunidade.*

20 _____

21 _____

22 _____

23 _____

24 _____

25 _____

Atividade de Sociologia
Professor Fernando Mélo

Nome: _____

- Leia o texto, "Direito à cidade é poder apropriar-se do espaço público", diz Goura no 5º Simpósio de Direito das Cidades.
- A partir da leitura do texto e de sua experiência vivida na cidade de Piraquara, produza uma reflexão sobre, com o seguinte questionamento: **"Piraquara: cidade de quem para quem?**
- O texto precisa ter de 10 a 25 linhas.

01 Piraquara, a famosa Cidade das águas. Mas porque
02 ainda tem pessoas que não água limpa em Casa?
03 Não é justa a Cidade ser conhecida como Cidade das
04 águas, e existem famílias que não tem água em Casa.
05 O novo prefeito de Piraquara, professor Jesíman,
06 está indo para dois anos de mandato, e o que ele faz
07 na Cidade foi pintar as ruas e mudar o sentido de
08 algumas ruas, tudo isso agora no final de seu ano.
09 Comparado com o prefeito anterior, ele não faz nada,
10 mas, o pior é que a população viu mas não faz
11 nada, não cobra de.

12 _____

13 _____

14 _____

15 _____

16 _____

17 _____

18 _____

19 _____

20 _____

21 _____

22 _____

23 _____

24 _____

25 _____

Atividade de Sociologia
Professor Fernando Mélo

Nome: (

- Leia o texto, "Direito à cidade é poder apropriar-se do espaço público", diz Goura no 5º Simpósio de Direito das Cidades.
- A partir da leitura do texto e de sua experiência vivida na cidade de Piraquara, produza uma reflexão sobre, com o seguinte questionamento: **"Piraquara: cidade de quem para quem?"**
- O texto precisa ter de 10 a 25 linhas.

01 A cidade de quem para quem? Uma
 02 cidade onde tem um título de cidade dos
 03 órgãos, porém em muitos partes dessa cida-
 04 de bairros que não tem água tratada, água
 05 incomoda, a falta de vegetação em muitos
 06 bairros, uma cidade com um hospital
 07 imutilizado, e a super é longe demais,
 08 ciclovias quase no centro, partes mo-
 09 radas dos bairros, porém não temos
 10 ver opiniões os bairros naíns, piraquara
 11 tem bairros muitos bens também,
 12 como o parque das águas, um
 13 lugar bem para sair com a família,
 14 dever os encontros para brincar, possuir
 15 o cinema, o morro do corral onde se pede
 16 longe daí, enfim, piraquara, também
 17 tem bairros bons, porém tem muitos
 18 casos que devemos melhorar, para ser
 19 uma cidade para todos.

21

22

23

24

25

Atividade de Sociologia
Professor Fernando Mélo

Nome: _____

- Leia o texto, "Direito à cidade é poder apropriar-se do espaço público", diz Goura no 5º Simpósio de Direito das Cidades.
- A partir da leitura do texto e de sua experiência vivida na cidade de Piraquara, produza uma reflexão sobre, com o seguinte questionamento: **"Piraquara: cidade de quem para quem?"**
- O texto precisa ter de 10 a 25 linhas.

01 Em minha opinião, Piraquara deveria ter um hospital, pois muitas
02 pessoas precisam pegar ambulância dequi para ir ao hospital mais
03 próximo, e muitas vezes tem pessoas que não aguentam e acabam
04 falecendo em ônibus, como hospital judiciário, teria muitas
05 pessoas e também seria muito difícil para a população de Pira-
06 quara.

07 Outro local que em minha opinião seria de bom grado,
08 para a população seria um shopping para atividades de lazer
09 e diversão entre amigos e famílias.

10 Mas tirando a minha opinião, Piraquara é uma cidade
11 típica de 11 anos, é um lugar tranquilo e que as pessoas
12 amam de verdade.

13

14

15

16

17

18

19

20

21

22

23

24

25